Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Segunda-feira, 19 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.527 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Público

SILVER SCREEN COLLECTION/GETTY IMAGES

1935-2024

ALAIN DELON

O actor que perseguiu a sua morte

Destaque, 2/3

Municípios que cobram taxa turística mais do que duplicaram num ano

Desde Julho de 2023, o número de municípios que aplicam a taxa turística, a cobrar sobre as dormidas realizadas em estabelecimentos hoteleiros ou unidades de alojamento local, passou de 15 para pelo menos 38, incluindo os que já anunciaram que começarão a fazê-lo até Outubro próximo. Outros mais se preparam para avançar **Local, 14 a 16**



"É preciso deixar que os jovens falhem e aprendam com isso"



Entrevista **Tim Vieira, empresário** P2 Verão

Serviço *prime* da EDreams alvo de centenas de queixas

As reclamações têm um padrão comum: a compra de viagens através da agência de viagens *online* EDreams a um preço mais baixo do que nas companhias aéreas, sem a percepção clara de que isso implica a adesão a um serviço que tem um custo anual (em 2024) de 89,99 euros (no *prime plus*) ou de 69,99 euros (no *prime*) **Economia, 20/21**

Relatório

Grandes fogos em cinco países causaram 292 mortes

Alterações climáticas tornaram incêndios extremos 20 vezes mais prováveis na Amazónia. Emissões de CO_2 subiram 16% **Sociedade, 12/13**

Convenção

Kamala Harris cerra fileiras para prolongar estado de graça

Com menos de 80 dias até às eleições presidenciais nos EUA, os democratas iniciam hoje a sua convenção em Chicago **Destaque, 4/5**

ISNN-0872-1548

ANDREAS RENTZ/GETTY IMAGES



O actor que perseguiu a sua morte

O actor da “perpétua intranquilidade” correu várias vezes atrás do seu duplo nos filmes. Finalmente apanhou-o. Toda a França o chora, Emmanuel Macron chamou-lhe “um monumento”

Obituário

Vasco Câmara

Depois de tanto andar atrás dela, Alain Delon conseguiu finalmente apanhar a sua morte. O “monumento”, o “samurai do cinema francês” partiu, anunciaram ontem os seus “três filhos (e o seu cão *Loubo*). O actor que mais belas e teatrais mortes teve no cinema morreu “serenamente” na sua propriedade de Douchy, aos 88 anos. Foram belas as mortes de Alain Delon no cinema. Mas ele nunca escondeu que envelhecer não era doce, que a saúde e o envelhecimento, um cancro e um AVC, estavam a ser injuriosos para aquele que fora um dos mais belos animais do planeta.

Logo no início da carreira perseguiu esse duplo, a morte, no episódio *William Wilson* de *Histórias Extraordinárias*, dirigido por Louis Malle, em 1968. Continuou a gostar de morrer em *Os Sicilianos* (Henri Verneuil, 1969), *Tratamento de Choque* (Alain Jessua, 1973), *Sentença de Morte* (Duccio Tessari, 1973), *Scorpio* (Michael Winner, 1973), *O Círculo Vermelho* (Jean-Pierre Melville, 1970) ou *L'Homme Pressé* (Edouard Molinaro, 1977). “O Homem Apressado” podia servir-lhe de síntese: Alain Delon, sem tempo para perder tempo; Alain Delon, o homem da “perpétua intranquilidade”.

É apenas uma pequena amostra, numa carreira de mais de cem títulos entre cinema e televisão. Em dois deles, *L'Insoumis*, de Alain Cavalier (1964), e *O Samurai* (1967), de Melville, é ele que gere o seu final, peripatético no primeiro caso, pudico no segundo. Mas em ambos, cruzando as mãos com as luvas brancas no filme de Melville ou levando-as ao rosto para fechar os olhos de Cavalier (um fotograma dessa sequência fez a capa do álbum *The Queen is Dead*, dos The Smiths), é como se mantivesse o espectador à distância do seu ritual solene. Delimitando uma zona rarefeita, íntima, só dele e que ele, como um animal, demarca com a sua estética.

Até ao fim, nos filmes, foi um pudico e um narciso. Por isso tanto deve ter sido consumido pelas desavenças entre os seus três filhos, Anthony e Alain-Fabien de um lado, Anouchka do outro, que se digladiaram em público em torno da tutela do pai e do ascendente que gostariam de manter junto dele.

Foi um altivo encenador do seu teatro. Alain Cavalier referiu-se a ele, numa conversa com o Ípsilon em 2010, nestes termos: pertencia a uma estirpe de "corpos gloriosos" conhecedores profundos da *mise-en-scène*. É essa a história da sua interpretação maior, que é também a obra-prima do realizador Joseph Losey: *Monsieur Klein* (1976). É uma história de duplos, de um homem apressado, de perpétua intranquilidade, Delon como Klein atrás de Delon como Klein até à morte, precipitando-se para os campos de concentração. Durante a rodagem, Losey escreveu à mulher: tudo corria bem no *plateau*, mas o actor era um homem "quebrado", "triste", uma "tragédia" ambulante. E tinha apenas 41 anos.

Actor-autor de si mesmo

Numa entrevista ao *Le Monde*, Alain Delon abriu um dia o jogo: "Vêem-me morrer porque eu sei morrer. Um herói deve saber morrer. Adorava morrer porque é um ponto final." Era também perito na teatralização: nisso, "o actor que gostava de morrer" foi estrondoso. E como jogou com ela, com a morte, e como tanto a invocou: em 2019, homenageado pelo Festival de Cannes, referiu-se à distinção como um prémio "póstumo" pois já não tinha nada a dizer ao cinema, a acrescentar à vida. Perante a incredulidade da assistência, os risos de desconforto, anunciava aí a sua partida: o homem já não filmava mas continuava a ser um actor. Citou também certa vez o seu herói, o General De Gaulle, a única "estrela" que o embasbacou: "Envelhecer é um naufrágio."

Na sua propriedade de Douchy, onde se refugiou nas últimas décadas (era preciso gostar da escuridão, da solidão e da natureza para ali viver, segundo a filha Anouchka), há espaços que só ele usava: uma sala com o espelho de maquilhagem e as lâmpadas, mais adereços de carreira, como um fato de palhaço, e um "altar" com as fotos dos seus, os mortos: Romy Schneider, Mireille Darc, Nathalie Delon, as mulheres que deixou sem nunca as deixar, Luchino Visconti, Jean-Pierre Melville, René Clément, os realizadores que o guiaram como figuras paternas, estão nesse mausoléu que vai dar a uma sala de cinema privada onde *Apocalypse Now* era um dos filmes favoritos. E é tão perfeito isto que se segue que não pode ser mera coincidência: Alain chegou a escrever a François Truffaut a mostrar interesse pela personagem de *O Quarto Verde* (1978) que o realizador acabaria por interpretar, um homem que constrói um mausoléu em casa com os mortos da sua vida.

Do cinema que já acabou, Alain Delon foi a última das estrelas europeias. O representante de uma espécie. Era natural que várias vezes dissesse que já tinha morrido. O brilho é que ainda nos continuava a chegar.

É que houve uma época em que se ia ao cinema para ver Delon. Que era sempre ele, o físico de contornos definidos em que luz e sombra se encontravam "com alegria", alguém descreveu, recortando uma ameaça felina. Essa imagem de marca, essa assinatura, dizia Henri Rode no livro-perfil que lhe dedicou em 1976, era trabalhada contra o efémero. É nesse sentido que um actor pode ser um "autor" obsessivo da sua obra. Uma característica tão europeia que as investidas americanas, os convites de Hollywood, onde Delon foi recebido em festas de homenagem à "maravilha francesa" ou ao "D'Artagnan de Paris", nunca deram em nada de memorável.

Já na Europa teve a seu jeito, para além de Visconti, Malle, Clément, Melville ou Cavalier, os sacrossantos Michelangelo Antonioni (*O Eclipse*, 1962), Valerio Zurlini (*Outono Escaldante*, 1972), e Jean-Luc Godard (*Nouvelle Vague*, 1990). Foi também ele o responsável por sucessos como *A Piscina* (1969), onde impôs a ex-amada Romy Schneider, resgatando-a a um momento de paralisia na sua carreira e levando os espectadores a viver através das personagens o romance que já terminara entre os dois, e *Borsalino* (1970), formando dupla com Jean-Paul Belmondo, seu amigo, seu rival, a outra vedeta que, com ele, sustentou durante os anos 70 toda uma indústria.

Um e outro, já agora: Belmondo era filho da alta burguesia, Delon produto de um círculo familiar destroçado e socialmente frágil; um era exuberante, todo exteriorizado, educado no Conservatório, o outro, um autodidacta, de registo interiorizado, minimalista. Cada um deles inverteu a determinada altura para o cinema comercial, dando aí vazão ao seu narcisismo. Depois do fracasso de *Stavisky*, de Alain Resnais (1974), Belmondo cortou com o cinema de autor e exercitou a sua auto-ironia, a derrisão em veículos para as suas acrobacias. Por isso pôde às tantas parecer mais moderno. Já Delon, como se se tratasse de uma crença em que só ele acreditava, insistiu na escuridão, construiu aí a sua própria autoria, produziu e realizou com excesso de voluntarismo, por isso às tantas pareceu mais narcísico, deslocado



Encarnou papéis lendários, e fez sonhar o mundo. Emprestando o seu rosto inesquecível para transtornar as nossas vidas. Melancólico, popular, secreto, era mais do que uma estrela: um monumento francês

Emmanuel Macron
Presidente francês

Foi o melhor do 'cinema prestigiado' francês; [e] um embaixador da elegância, do talento e da beleza. O seu desaparecimento abre um vazio abissal

Brigitte Bardot
Actriz

do mundo e dos novos rostos que apareciam, como Gérard Depardieu ou Patrick Dewaere. Mas Jacques Deray, que realizou *A Piscina* e *Borsalino*, disse dele: "Perante a câmara, a sua preocupação de autocrítica permanece intacta. Meter o público na algibeira à força de truques é pouco para ele."

Limar os dentes

Não foi fácil o começo de vida de Alain Fabien Maurice Marcel Delon. Nascido em Sceaux, a sul de Paris, filho de pais separados (ele projeccionista de cinema, ela casada em segundas núpcias com um salsicheiro), foi entregue aos cuidados de uma ama. Tornou-se um rei da evasão, fazendo para ser expulso da escola, ensaiando fugas aos 14 anos (uma das vezes em direcção a Chicago) que acabavam na esquadra. A síndrome do abandono não o largaria, seria mesmo decisiva na sua construção de animal ferido e moldaria as suas relações familiares e amorosas. É um legado que deixa aos filhos: os conflitos com eles e entre eles são também o seu património. Mas, como reconheceu, se tivesse sido uma criança mimada, acarinhada, protegida, submetida à tutela e à ternura de uma família, teria sido o que foi? "Teria eu limado os meus dentes de lobo?", perguntou na tal entrevista a Henri Rode.

Um dia "fugiu" mesmo, e teve autorização dos pais para isso. Alistou-se na Marinha, foi parar à Indochina. Culparia os pais por tão facilmente o terem autorizado a partir. Queriam livrar-se dele? Mais do que se alistar, foi alistado, sentiu. Era complexo, Alain.

Continuou a limar os dentes, porque foi parar a uma prisão militar, pela sua associação com um traficante, e acabou desmobilizado. No regresso à pátria, deu por si em Pigalle, o "bairro vermelho" de Paris, onde se dedicou à "aprendizagem da vida". E descobriu o Quartier Latin, por onde andavam os jovens Belmondo e Jean-Claude Brialy. Com eles foi até Cannes, *smoking* alugado, "farejando a vida" em *night clubs* e *cocktail parties*.

É nesta altura que a sua beleza fulmina uma actriz de estatuto consolidado e mulher experiente, Brigitte Auber. Seria decisiva para o introduzir no *milieu*. Os primeiros papéis serviam-se da sua *allure*: como *Christine*, de Pierre Gaspard-Huit (1958), onde conheceu Romy Schneider, com quem viveria um breve mas publicitado romance de juventude. Não se reconhecia na imagem de *jeune premier*, que achava pouco viril, que se reflectia no espelho. Não correspondia à inquietação que sentia, às sombras que o envolviam. Por isso arriscou: quando René Clement lhe propôs *Plein Soleil*, adaptação de Patricia Highsmith, recusou o papel que lhe era oferecido, a vítima, porque morria cedo de mais, e ofereceu-se para ser o assassino, Ripley. Clément considerou o gesto um desaforo. Mas, ao fundo, a senhora Clément viu mais longe: "René, o miúdo tem razão." O contacto com as zonas de escuridão, a duplicidade, a amoralidade, as tais luz e sombra que tanto encandeavam como resfriavam o espectador, tiveram nesse filme o seu momento inaugural e definidor.

Seguiram-se… Visconti, *Rocco e Seus Irmãos* (1960), continuando a ser formado por esta que, depois de Clément, seria figura de autoridade na sua vida e na sua carreira. Depois, com *O Eclipse*, foi o homem moderno na sociedade da alienação segundo Antonioni. E com Visconti, de novo, irradiou juventude no crepúsculo do imenso *O Leopardo*.

Tulipa Negra (1964), de Christian Jacque, dois anos depois de Belmondo ter sido *Cartouche* (as carreiras dos dois começavam a farejar-se), foi um interlúdio pícaro. Deu-se então o encontro com Cavalier e com o tal título da sua mais bela morte, *L'Insoumis*, um filme perseguido pela censura, devido ao pano de fundo, a guerra pela independência da Argélia.

Melville seria o passo seguinte de uma construção. *O Samurai* (1967), *O Círculo Vermelho* (1970) e *Un Flic* (1972) formam uma síntese poética, neurótica e rarefeita da *persona* Delon. "Melville conhecia melhor do que eu esta personagem que eu sou." Os dois foram até ao fim de uma relação profissional e pessoal.

Entre os Melville, surge *Borsalino*, enorme sucesso. Foi um medir de forças entre as duas maiores vedetas do cinema francês, que quase se zangaram durante a promoção porque o nome de Delon, também produtor, aparecia duas vezes no genérico em vez de uma, como, segundo Belmondo, fora acordado. O pouco interesse dos espectadores foi um golpe para ele, que assim confirmava que o seu tempo acabara. Começou a cerimónia do adeus. Na véspera da estreia, sabendo já da morna recepção crítica, diria na televisão que talvez não tivesse mais nada a acrescentar ao cinema.

Melville e Visconti desapareceram em 1973 e 1976, respectivamente. Em 1982 seria a vez de Romy Schneider, cujo cadáver serenamente deitado na cama Delon fotografou três vezes – fotos que, dizia-se, o acompanhavam. Começava a transformar-se em personagem de Visconti, apanhado pelo tempo. O assassinato de Stevan Markovic, em 1968, já o cobrira com o manto pesado das ligações perigosas. O ex-guarda-costas do casal Alain e Natalie envolvera-se com a esposa do patrão, e fora preso várias vezes por furto e violência. Depois de encontrado morto, foram reveladas cartas suas em que ligava Delon ao crime organizado. Ninguém foi acusado.

Já a ligação de Delon à extrema-direita, a Jean-Marie Le Pen, não era sequer um segredo de Polichinelo. Contraditório e reaccionário, as suas diatribes contra o mundo homossexual estiveram na origem de uma das brigas com o filho Anthony. Este lembrou-lhe que a sua carreira fora cuidada e trabalhada por artistas homossexuais. Não foi preciso explicitar o nome de Visconti.

O mausoléu privado de Alain Delon em Douchy completava-se no jardim com as campas de três dezenas dos seus cachorros: este "animal da câmara" teve em comum com os animais (e no fim restou-lhe *Loubo*) uma obsessiva fidelidade às duas ou três pessoas que fizeram parte do seu universo.

Junto ao portão da propriedade, onde gostaria de ser também ele enterrado, um acordeonista encheu ontem a natureza com acordes nostálgicos. Para Alain Delon, o tema-título de *Borsalino*.

Democratas regressam aonde não foram felizes



Barack Obama e Hillary Clinton irão passar pela convenção do Partido Democrata

Foi em Chicago, onde os democratas se reúnem a partir de hoje, que teve lugar a mais traumática das suas convenções — que serviu para lançar um novo método para escolher candidatos

Pedro Guerreiro

Um Presidente com obra mas impopular, penalizado pela fragilidade física e por uma guerra distante, que desiste de concorrer a um segundo mandato. Um "vice" que chega à convenção de Chicago como sucessor inevitável, sem se apresentar a votos em primárias. Do lado de fora, milhares de activistas em protesto. A história não se repete, mas por vezes rima. O aforismo atribuído a Mark Twain, mas possivelmente apócrifo, acena quando se coloca 2024 e 1968 lado a lado.

Os democratas regressam a partir de hoje à cidade que foi palco da sua convenção mais traumática, mas que também lançou as sementes de um novo método de eleição dos seus candidatos presidenciais, que, por essa via, deu forma ao que o partido é hoje. Para gerações de norte-americanos, porém, as memórias de Chicago em 1968 são sobretudo preenchidas pelas imagens televisivas de violentas cargas policiais sobre manifestantes, jornalistas e meros transeuntes, e de cenas de pugilato entre delegados e dirigentes democratas no interior da convenção.

A campanha democrata para as presidenciais de 1968 tinha entrado em território desconhecido meses antes, no New Hampshire, numa altura em que não se esperava que o processo de nomeação do candidato às eleições de Novembro fosse mais que uma simples formalidade. Lyndon Johnson, o antigo "vice" de John F. Kennedy que lhe completou o mandato após o assassinato em Dallas, e que fora eleito Presidente de forma esmagadora em 1964, partia como candidato virtualmente incontestado dos democratas.

A factura da guerra

Johnson chegava ao início da corrida como o obreiro da Great Society, um vastíssimo conjunto de leis e programas na área do combate à pobreza e à discriminação racial, do ambiente, educação, saúde e infra-estruturas, com vários dos seus alicerces a resistirem até hoje (são exemplo o Medicare e o Medicaid, sistemas de saúde pública para pessoas idosas, inválidas ou em situação de pobreza).

Chegava, contudo, como um Presidente impopular devido à sangria no Vietname: 1968 seria o ano mais mortífero para as tropas norte-americanas, com mais de 16 mil baixas entre meio milhão de soldados mobilizados, e tinha começado com a ofensiva de Tet, ponto de viragem do conflito que levara Walter Cronkite, o influente *pivot* da CBS, a explicar a milhões de famílias americanas que a vitória era impossível e o esforço bélico inútil.

É no New Hampshire então, a 12 de Março de 1968, que o Vietname faz descarrilar a campanha de Johnson. De forma inesperada, o Presidente quase perde a primeira etapa das primárias para Eugene McCarthy, senador do Minnesota e avatar do nascente movimento estudantil antiguerra. Dias depois, com os democratas fragmentados em facções, entra na corrida Robert F. Kennedy, carismático como o falecido irmão e reforçado pelo apoio dos sindicatos e das minorias católica, hispânica e afro-americana. Tal como McCarthy, Kennedy também fazia campanha pelo fim da guerra no Vietname.

Dia 31, Johnson surpreende o país e anuncia na televisão, a partir da Sala Oval, que não é candidato: "Não procurarei e não aceitarei a nomeação do meu partido para mais um mandato como vosso Presidente." A debilidade não era apenas política: Johnson enfrentava problemas cardíacos e respiratórios, agravados pelo consumo compulsivo de tabaco, e a pressão familiar também terá contribuído para a sua desistência. Morreria em 1973, aos 64 anos, dependente de um cilindro de oxigénio.

A ala Johnson, contudo, mantinha-se na corrida. O vice-presidente Hubert Humphrey, com quem mantinha uma relação ambígua devido a divergências de fundo sobre o Vietname (Humphrey sugeria-lhe a retirada desde 1965), entra como candidato do aparelho, dispensando ir a jogo nos poucos estados que na altura realizavam eleições primárias, e procurando antes o apoio dos delegados nas mãos dos barões do partido.

Para gerações de norte-americanos, as memórias de Chicago em 1968 são preenchidas pelas imagens televisivas de violentas cargas policiais

Assassinatos e repressão

Os meses seguintes são de trauma nacional. Martin Luther King Jr. é assassinado a 4 de Abril, acendendo o rastilho de uma vaga de motins raciais que varre as principais cidades americanas. A 5 de Junho, Robert F. Kennedy é baleado em Los Angeles por um atirador palestiniano, em represália pelo seu apoio a Israel, momentos depois de celebrar o triunfo nas primárias da Califórnia. Morre no dia seguinte.

Os democratas chegam à convenção de Chicago, em Agosto, com o apoio popular e o bloco antiguerra divididos entre McCarthy e o falecido Kennedy. Mas a nomeação está no bolso de Humphrey graças a figurões como o próprio *mayor* da cidade anfitriã, Richard J. Daley. Há brigas entre delegados no interior do antigo Anfiteatro Internacional.

Nas ruas, Chicago ferve como Paris ou Praga. Daley recorre a milhares de polícias e militares da Guarda Nacional para reprimir de forma brutal os protestos de uma vasta coligação de activistas antiguerra, que incluía movimentos estudantis, esquerdistas,

VINCENT ALBAN/REUTERS



anti-racistas, feministas e cristãos. Centenas de manifestantes são agredidos e detidos à frente das câmaras de televisão. "O mundo inteiro está a ver", entoou-se num dos momentos de maior violência, na noite de 28 de Agosto, na Avenida do Michigan.

Meses depois, uma comissão governamental descreveria os incidentes como um "motim policial", arrasando a conduta de Daley e das forças da autoridade. No ano seguinte, os "sete de Chicago", um conjunto de destacados activistas, são levados a tribunal por incitamento a motim – todos acabam ilibados em sede de recurso.

Primazia às primárias

Chicago, mas não só, acabaria por custar a Casa Branca aos democratas. Os incidentes dentro e fora do recinto da convenção, que se seguiam a meses de motins raciais e de violência política, repeliram indecisos e moderados. A eleição de Humphrey alienou as bases do partido. Em Novembro, o republicano Richard Nixon era eleito Presidente.

As consequências prolongar-se-iam pelas décadas seguintes. Da convenção de Chicago saiu uma comissão para rever o método de nomeação do candidato presidencial dos democratas, tirando aos dirigentes partidários a escolha discricionária dos delegados. Obrigadas a processos abertos e paritários de designação de delegados, as estruturas estaduais acabaram por aderir em massa às eleições primárias e aos *caucus* (um tipo de assembleia electiva). A mudança reduziu o peso relativo da elite partidária, dos barões estaduais, dos *mayors*, dos dirigentes de sindicatos e corporações, habituados a acordos de cavalheiros à porta fechada, e empoderou movimentos sociais e minorias, forçando o partido a adoptar novas causas.

Num primeiro momento, o efeito foi a democratização. A prazo, os grupos de interesse adaptaram-se às novas regras, financiando campanhas nas primárias. Um processo análogo ocorreu com os republicanos, que adoptaram o mesmo modelo e experimentaram de forma mais aguda os seus efeitos negativos, como a radicalização das bases ou a tomada do partido por *outsiders*.

No imediato, o preço pago pela democratização dos democratas foi o seu sucesso eleitoral. George McGovern, o líder da comissão saída de Chicago, foi o primeiro candidato presidencial dos democratas gerado pelo método de primárias. Nas eleições de 1972, Nixon esmagou-o nas urnas, vencendo em todos os estados menos no Massachusetts e no Distrito de Colúmbia, e foi reconduzido na Casa Branca. "Abri as portas do Partido Democrata e 20 milhões de pessoas saíram", lamentou McGovern.

Pontapé de saída

Em Chicago, Harris cerra fileiras e tenta prolongar estado de graça

Pedro Guerreiro

Com menos de 80 dias até às eleições, os democratas iniciam hoje a sua convenção em Chicago, onde Kamala Harris irá procurar renovar e prolongar o estado de graça vivido desde a desistência de Joe Biden a 21 de Julho. Esse primeiro momento de euforia em torno da candidatura da "vice" às presidenciais norte-americanas de Novembro dá sinais de se poder esgotar.

A média das sondagens nacionais compilada pelo analista Nate Silver, fundador do *site* FiveThirtyEight, mostra que as intenções de voto na candidata democrata terão atingido um pico em meados da semana passada e entrado em ligeiro declínio desde então, encurtando a vantagem sobre o republicano Donald Trump. No sábado, essa média colocava Harris com 46,7% das intenções de voto e Trump com 44,4%, dentro do território do empate técnico. No conjunto dos estados decisivos para a conquista da Casa Branca, a vantagem da vice-presidente norte-americana também é marginal.

Em Chicago, e até quinta-feira, Harris conta com uma parada de figuras de topo do partido para revigorar a campanha e sublinhar a união dos democratas. O primeiro dia da reunião magna será, contudo, de visita ao passado próximo. Biden sobe ao palco do United Center para fazer a sua defesa de cinco décadas entre o Senado, a vice-presidência e a Casa Branca, e para nomear Harris como uma candidata de continuidade que prosseguirá o seu legado. É também esperada uma homenagem dos democratas ao Presidente.

Hillary Clinton, derrotada nas presidenciais de 2016, é outra das oradoras da noite. A outra metade do casal, Bill Clinton, discursa na quarta-feira. O ex-Presidente Barack Obama dirige-se aos democratas na terça-feira.

Além do baronato democrata, Chicago será também palco para figuras emergentes do partido, com um olho no apoio a Harris e outro num futuro ciclo eleitoral: Pete Buttigieg, secretário dos Transportes; Gavin Newsom, governador da Califórnia; Josh Shapiro, governador da Pensilvânia, e Gretchen Whitmer, governadora do Michigan, são outros oradores no alinhamento para os próximos dias.

Marcha pró-palestiniana

Nas ruas de Chicago, o primeiro dia da convenção democrata deverá ser marcado pelo primeiro de dois protestos de movimentos pró-palestinianos críticos do apoio da Administração Biden à ofensiva de Israel em Gaza. Às 12h locais (17h em Portugal continental), a organização do protesto marca encontro num parque de onde conta marchar, duas horas mais tarde, em direcção ao recinto da convenção.

A coligação March on the DNC afirma reunir mais de 200 movimentos, entre organizações pró-palestinianas, anti-racistas, feministas e pacifistas, e espera a adesão de dezenas de milhares de manifestantes, com o protesto de segunda-feira a ser repetido na quinta, último dia da reunião magna dos democratas (em Julho, em Milwaukee, palco da convenção republicana, a adesão ao protesto convocado por uma coligação semelhante ficou aquém do esperado).

No manifesto do movimento, onde se chama "genocida" a Joe Biden, diz-se que a troca de candidato dos democratas não altera as suas exigências, que ultrapassam o âmbito de Gaza: ao longo do documento pede-se direitos para trabalhadores, imigrantes e pessoas LGBTQ, e condena-se a violência policial.

As manifestações no exterior da convenção terão eco no interior. Trinta delegados foram eleitos nas primárias dos últimos meses por movimentos de boicote a Biden, sobretudo no Michigan e no Minnesota, dois estados com comunidades muçulmanas significativas e por onde passa o caminho para a Casa Branca.

Serão uma gota de água entre os mais de 4000 delegados presentes em Chicago, onde irão, contudo, defender a inclusão da exigência de um cessar-fogo em Gaza na plataforma da convenção, a declaração que baliza o programa eleitoral dos democratas. Mas o grupo de delegados afasta qualquer relação ou coordenação com a coligação March on the DNC.

A campanha de Harris tem expressado crescente irritação perante as acções de manifestantes pró-palestinianos em eventos dos democratas. "Se quiserem que Donald Trump ganhe, então digam isso. Caso contrário, estou a falar", declarou a candidata, a 7 de Agosto, num comício no Michigan, ao ser interrompida por activistas.

Remodelação republicana

Donald Trump, por seu turno, luta para recuperar de várias semanas de indefinição estratégica face a um novo adversário. A sua campanha reforçou-se esta semana com Corey Lewandowski, director em 2016, e Tim Murtaugh, director de comunicações em 2020, que vão acumular funções com outros operacionais republicanos.

Apoiantes e adversários internos vão apontando, no entanto, o dedo ao candidato. Nikky Haley, derrotada nas primárias republicanas, foi esta semana à Fox News apelar a Trump para deixar de dirigir ataques pessoais a Harris e "parar de se lamuriar", focando-se antes no contraste entre os dois programas políticos a votos.

Na noite de sábado, num comício na Pensilvânia, o próprio reconheceu que se afastara do guião elaborado pelos seus estrategas, dias antes, numa conferência de imprensa sobre temas económicos que se transformou em mais um longo monólogo: "Dizem que divago. Eu não divago. Eu sou um tipo muito esperto, sabem? Muito esperto. Eu não divago. Mas no outro dia carreguei e disseram que me pus a divagar."

KEVIN LAMARQUE/REUTERS



Kamala Harris já anda em campanha pelos democratas

Espaço público

A Ucrânia volta a surpreender o mundo

Editorial



David Pontes

Pela primeira vez desde a II Guerra Mundial, a Rússia, uma superpotência nuclear, foi invadida. A incursão ucraniana do início deste mês, por territórios onde os russos travaram algumas das mais intensas batalhas contra os nazis, tem todo este peso histórico e surpreendeu inimigo e aliados. Um novo capítulo numa guerra onde continua a balançar o equilíbrio geoestratégico do mundo.

Os ucranianos mostraram-se, outra vez, capazes de espantar todos, com um gesto táctico de consequências imprevisíveis, sem que se saiba até onde levarão a sua iniciativa. A necessidade de os russos deslocarem forças do Donbass para a região de Kursk pode ser um trunfo numa frente onde os ucranianos não têm conseguido registar sucessos, mas o ampliar do cenário de guerra, quando a Rússia possui muito mais recursos humanos e militares, é um perigo considerável.

Duas coisas, pelo menos, os homens de Zelensky já conseguiram. Mostraram iniciativa, justificando perante os seus aliados os resultados da sua ajuda, e humilharam novamente Vladimir Putin, expondo, como no início da guerra, a fragilidade da sua narrativa messiânica da superior capacidade do regime russo. A reacção caótica das forças locais perante as tropas ucranianas, as centenas de militares capturados e os perto de 150 mil civis deslocados são dolorosas provas disso mesmo.

Tal como a marcha de Prigozhin no Verão passado, o ataque ucraniano mostra as limitações do regime repressivo de Putin, mas é pouco provável que represente um perigo para quem ocupa o poder há 25 anos. A maior preocupação será a da reacção das famílias dos militares que se encontram a cumprir serviço militar obrigatório de um ano. Putin sempre garantiu – mesmo que nem sempre tenha cumprido – que estes jovens não seriam envolvidos na invasão da Ucrânia. Só que muitos dos que montavam guarda na região de Kursk são jovens recrutas e a incursão faz sempre levantar as dúvidas das tropas que o Kremlin terá necessidade de mobilizar.

O retrato que ontem publicámos de uma prisão ucraniana cheia de soldados russos capturados é mais uma oportunidade para lembrar que nesta guerra não é só o povo ucraniano que sofre pela ambição insensata de um autocrata que não aceita a existência de democracias à sua porta, especialmente se forem antigos integrantes da URSS, que nostalgicamente ele gostaria de recuperar.

Ou é também uma oportunidade para lembrar as palavras do veterano da I Guerra Mundial Henry Allingham, que morreu em 2012 com 113 anos: “A guerra é estúpida. Ninguém vence. É melhor conversar primeiro, de qualquer forma terá de conversar no final.”

> **Os ucranianos mostraram-se, outra vez, capazes de espantar todos, com um gesto táctico de consequências imprevisíveis**

CARTAS AO DIRECTOR



Herdeiros Espírito Santo tentam descongelar todos os bens arrestados

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Luís Montenegro *vs.* António Costa

Custa a entender como Luís Montenegro chegou a acordo com sindicatos representativos dos professores para a recuperação do tempo de serviço e acordos com os guardas prisionais e agentes policiais para implementar subsídio de risco e progressão de escalão para oficiais de justiça.

O Governo socialista de António Costa levantava a bandeira da falta de verbas. António Costa terá sido picado pelo mosquito da contenção orçamental de Passos Coelho? Com Costa não havia dinheiro…

Enquanto Luís Montenegro teve a delicadeza de apoiar a candidatura europeia de Costa, o então primeiro-ministro lançou a confusão ao dar subsídio de risco a carreiras especiais e subsistentes da Polícia Judiciária.

O dinheiro a ser dado aos reformados foi uma jogada de mestre. Pedro Nuno Santos perde uma boa oportunidade para não defender o legado socialista do Serviço Nacional de Saúde.

Ademar Costa, Póvoa de Varzim

Pactos de regime

Muito bom e esclarecedor o artigo de sábado de António Barreto. Eu conheço as palavras “pacto” e “regime”, mas nunca entendi para que serve juntá-las. Se ainda me falassem num pacto para a legislatura… Não tendo os partidos coragem para mudar a estapafúrdia lei eleitoral, ao menos que concordassem em viabilizar a legislatura.

Falar em regime para fazer um pacto é incompreensível. Temos ou não um regime? Regime esse que se aplica a todos os sectores de actividade. O que se quer quando se fala de um pacto de regime para a Saúde? Saúde ou outro sector qualquer. Quererão dizer que se deve alterar o regime actual para que um determinado sector possa funcionar e satisfazer a população?

Se calhar Ferreira Leite tinha razão quando propunha suspender a democracia. Aí, sim, fazia-se um pacto para alterar o regime. Deixem de inventar o que está inventado.

Os governos têm de ser competentes a aplicar aquilo a que se propõem. Com as necessárias adaptações, as oposições avaliam e criticam o que acham errado e o Parlamento vigia e escrutina.

Chavões destes lançados por comentadores, comentados por outros comentadores e ex-comentadores com cargos importantes, servem para entreter durante alguns dias a *silly season*, mas não servem para nada.

António Lamas, Montijo



> **Muito bom e esclarecedor o artigo de António Barreto. Eu conheço as palavras “pacto” e “regime”, mas nunca entendi para que serve juntá-las. Se me falassem num pacto para a legislatura…**
>
> **António Lamas**
> Montijo

Como escrever, de Miguel Esteves Cardoso

Ofereceram-me há dois dias este livro, de Miguel Esteves Cardoso, de quem sou grande fã. Ainda não li tudo, mas já cheguei ao ponto de perceber que escrever tem de ser um hábito, uma rotina, quase um trabalho. Não tem que ver com “estar inspirado”. É como ir ao ginásio: tem de ser uma rotina e não porque nos apetece num certo dia. Temos de treinar, faça sol, chuva ou frio. Escrever é igual.

Para mim, que escrevo ocasionalmente, isto foi uma revelação. De tal forma que vou assumir publicamente essa disciplina e escrever uma Carta ao

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM KOSOVO

VALDRIN XHEMAJ/REUTERS



Um mergulhador salta da ponte de 22 metros de altura para o rio Drin Branco durante a tradicional competição de mergulho perto da cidade de Gjakova, no Kosovo. O evento anual atrai aventureiros e espectadores há mais de 70 anos

Director todos os dias, a partir de hoje, durante 30 dias – incluindo sábados, domingos e feriados. Como é evidente, o director só publica as cartas se entender, se entender publicar alguma. Mas eu escrevo todos os dias. Não sei se consigo. Vamos ver.

Leio o PÚBLICO da capa à contracapa de manhã, almoço, penso um pouco, e mando todos os dias uma carta até às 3 e 33 p.m. (desculpem o anglicismo, mas a repetição do número 3 esteticamente fica muito bem), que poderá ou não ser publicada no dia seguinte.

Esta carta já conta. Acabo o desafio a 16 de Setembro. Um cumprimento a todos os leitores/escritores do PÚBLICO.

Fernando Vieira, Lisboa

Guerra ao Grupo 1143 na Internet

Os tumultos e ataques a imigrantes e a requerentes de asilo no Reino Unido podem repetir-se em Portugal? Claro que sim. A viver no estrangeiro, nos primeiros dias de férias na capital apanhei vários táxis e Uber. Os ânimos estão ao rubro. A situação é explosiva. Os engarrafamentos permanentes nas chegadas ao aeroporto. O número ilimitado de TVDE, *tuk-tuks* sem tabela ou regulamentação digna de nome.

A Baixa é à noite um mar de residentes que não sabem uma palavra de português, acompanhados de bandos de turistas perdidos. O turismo começa a abrandar. Basta um rastilho ou um pirómano. Enquanto o presidente da câmara achar que o alojamento local é que é, enquanto o Governo consentir a venda da cidade e do país a retalho, estaremos a brincar com o fogo.

Francisco Falcão, Bruxelas

PÚBLICO ERROU

No artigo de ontem "Época balnear de 2024 perto do recorde recente de episódios de poluição", a última declaração é de Adriano Bordalo e Sá e não de Francisco Ferreira, como foi atribuída. Lamentamos a troca.

ESCRITO NA PEDRA

O que impede de saber não são nem o tempo nem a inteligência, mas somente a falta de curiosidade

Agostinho da Silva (1906-1994)

O NÚMERO

70

milhões de euros foi o montante cobrado pelas câmaras de taxa turística, em 2023

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro



publico.pt  

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

A saúde em viagem: a importância da medicina do viajante



Cláudia Conceição

Viajar abre portas para novas experiências e culturas, mas também expõe viajantes a ambientes que podem desafiar a sua saúde de forma inesperada.

A nossa saúde é influenciada por inúmeros fatores, desde fatores genéticos até às condições climáticas, com os determinantes sociais a desempenhar um papel fundamental para alcançar a saúde ideal. A capacidade de procurar e compreender informação, assim como estruturas nacionais que antecipem, previnam e resolvam problemas, são fundamentais.

Ao viajarmos, por diferentes razões, podemos experienciar, em horas, mudanças de ambiente social, cultural, geográfico e climático. Muitas vezes deslocamo-nos para locais de acesso limitado a água potável e saneamento básico deficiente, com implicações no predomínio de doenças parasitárias e infeciosas – condições raras em Portugal, que poderão ainda persistir na memória dos mais velhos. Noutros casos, em certas regiões, os mosquitos não só incomodam, mas também transmitem doenças. E, frequentemente, quando vamos viver para outro país, as orientações sobre vacinação e cuidados preventivos por parte dos empregadores nem sempre são suficientes ou mesmo existentes.

Ao receber aconselhamento adequado à viagem, ao perfil, à saúde do viajante, aos pormenores das atividades previstas e do estilo da estadia, é possível evitar problemas de saúde, dos mais simples aos mais sérios.

A consulta do viajante proporciona a oportunidade de receber uma informação personalizada para uma deslocação específica. Para um aconselhamento apropriado, é necessário conhecer o estado de saúde do viajante, tal como doenças preexistentes, medicações crónicas, alergias e vacinas administradas previamente. Também é necessário conhecer, entre outros, o destino, o itinerário, a forma de transporte, o tempo de permanência em diferentes áreas e as atividades que vão ser praticadas. Os médicos especializados em medicina de viagens estão particularmente informados sobre os surtos de doenças que estão a ocorrer no mundo, que podem ter implicações nas viagens, pelo que um mesmo destino pode ter recomendações diferentes conforme a saúde do viajante ou a altura em que se prevê a viagem. É importante salientar que nem todas as vacinas ou medicações preventivas se adequam a todas as pessoas.

A consulta do viajante deve ser planeada cerca de um a dois meses antes da viagem. Nesta consulta, o viajante receberá aconselhamento geral que, se adequado, poderá ter que ver com proteção contra mosquitos e outros insetos transmissores de doenças, água e alimentos, banhos em locais de água doce ou contacto com animais (prevenção da raiva). Poderá ainda receber recomendação de vacinas, profilaxia da malária, assim como tratamento de reserva para o caso de diarreia e constituição de farmácia de viagem. Na deslocação para países com menos disponibilidade de água potável e saneamento básico, é recomendado optar por água e bebidas engarrafadas, evitando a utilização de gelo, dar preferência a alimentos bem cozinhados e, se possível ainda quentes, evitando alimentos crus, em especial os vegetais.

Uma das intercorrências mais frequentes nestes destinos são as diarreias associadas ao consumo de água e/ou alimentos contaminados (diarreia do viajante). Estes são problemas autolimitados, mas que podem prejudicar as atividades previstas. Na consulta do viajante, são discutidas as opções de tratamento com o fim de compatibilizar a viagem com a intercorrência. Não é demais salientar que as explicações e medicação aconselhada pelos médicos na consulta permitem lidar com esta situação recorrente nas viagens, que poderá incluir vacinas para algumas doenças transmitidas por consumo de água e alimentos infetados.

Em relação à proteção contra insetos transmissores de doenças, é frequentemente aconselhado o uso de roupa clara, por forma a proteger o mais possível a superfície do corpo, especialmente o uso de calças, meias e sapatos fechados e a utilização de repelente (DEET, IR3535 ou Icaridina) nas zonas do corpo não cobertas por vestuário. Se aplicável, será também aconselhada a administração de vacinas contra doenças transmitidas por mosquitos e a profilaxia da malária (tomar medicação antes, durante e após estadia em zona de risco), em linha com os estudos de investigação que demonstram a eficácia da profilaxia da malária para quem não tem imunidade (isto é, para quem nunca teve a doença) ou a perdeu.

Na consulta do viajante, avaliamos com particular cuidado pessoas com características especiais: casais que desejam engravidar, grávidas, crianças, pessoas mais idosas, pessoas portadoras de doenças crónicas, especialmente se a medicação realizada ou a especificidade das próprias doenças comprometem o sistema imune. Em casos extremos, a viagem pode ser desaconselhada.

A consulta do viajante é essencial porque nos deslocamos para locais com problemas de saúde diferentes dos que estamos habituados a gerir e cujos serviços de saúde podem estar organizados de formas diferentes e com menores condições de atendimento. Os médicos que fazem consulta do viajante no Instituto de Higiene e Medicina Tropical estão particularmente informados sobre as condições de saúde em diferentes destinos, assim como a situação das doenças, pelo que o seu aconselhamento é uma forma de prevenir problemas ou estar preparado no caso de estes acontecerem. Vai viajar? A saúde é a sua melhor companhia de viagem!

Médica, Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa

O papel dos influenciadores na convenção democrata



Rita Figueiras

A convenção do Partido Democrata começa nesta segunda-feira, sendo por isso de esperar que, ao longo de quatro dias, se assista a um espetáculo com uma dimensão cénica e performática assinalável. Os efeitos de luz e som são fundamentais para a dramaticidade deste evento eminentemente visual, que vive de uma coreografia cerimonial e dos protagonistas que vão desfilar pelo palco: celebridades do partido e estrelas democratas em ascensão, mas também atletas, atores e cantores. Sendo *Freedom*, a música de Beyoncé, o hino da campanha de Kamala Harris, muito se tem especulado acerca de uma possível atuação da artista, bem como de Taylor Swift. O *suspense* acerca da presença de ambas (quiçá numa atuação conjunta) tem gerado publicidade e alimentado o interesse num país em que a comunicação política é um ramo do *show business*.

Apesar de a cobertura intensiva dos canais de notícias estar garantida, a convenção vai também ser transmitida em direto no Twitch, no X e na Amazon Prime Video, numa tentativa de resposta às mudanças nos consumos de informação – apenas uma parcela reduzida de eleitores consome política através da televisão (os mais interessados e mais velhos). Por outro lado, ciente de que uma percentagem relevante dos americanos desconfia dos políticos, está desinteressada do modo como o jornalismo aborda a política e desligada das eleições, a convenção credenciou pela primeira vez influenciadores para cobrirem o encontro. Esta medida reflete uma estratégia mais ampla de Democratas e Republicanos, que passaram a encarar o campo da influência digital como uma nova esfera de contacto com círculos eleitorais importantes, como os jovens. Estima-se que os criadores de conteúdos acreditados na convenção tenham, na sua globalidade, mais audiência na Geração Z do que todos os *media* tradicionais juntos.

De facto, certas personalidades do TikTok, YouTube e Instagram são capazes de comunicar com eleitores que as campanhas não conseguem alcançar. No entanto, mais do que criadores digitais com milhões de seguidores, importam os que têm um público dedicado dentro de determinados segmentos – o que lhes falta em número de seguidores é compensado em *engagement* e confiança do público. Muitos deles nem abordam temas políticos, mas podem ser relevantes por outros motivos, por morarem num dos *swing states*, por exemplo.

Neste momento, o *staff* já lhes enviou materiais relacionados com a convenção (pontos de discussão, vídeos, anúncios, *memes* e outros conteúdos), sabendo que cada influenciador vai selecionar os tópicos que se alinham com a sua personalidade e imagem, e trabalhá-los à sua maneira. Isto é fundamental para garantir a perceção de autenticidade da cobertura. E é aqui que a questão se complica: as leis federais exigem que os influenciadores divulguem quando estão a ser pagos para fazerem publicidade comercial, mas requisitos semelhantes não são exigidos para mensagens políticas. Aliás, as várias tentativas de regular tais parcerias têm sido barradas no congresso norte-americano.

Os influenciadores não são diretamente pagos pelas campanhas, nem eles assumem abertamente os contratos que estabelecem com grupos afetos às candidaturas. Contudo, estão a mercantilizar a confiança que granjearam na sua comunidade – apesar de muitos dos seus seguidores desconhecerem que os seus criadores preferidos são pagos para fazerem aqueles conteúdos (independentemente de poderem ter afinidades políticas com o que estão a promover).

Nesta eleição presidencial, os criadores digitais foram assim transformados em criadores ideológicos subliminares. É impossível saber se a estratégia se traduzirá em votos, mas, num país em que a calcificação política polarizou o eleitorado em posições fixas e a disputa será provavelmente decidida por margens mínimas num punhado de estados, as campanhas apostam em tudo o que possa gerar vantagem.

Professora da Universidade Católica Portuguesa

Semana de quatro dias: lições sobre produtividade



Pedro Gomes

A baixa produtividade em Portugal é muitas vezes invocada como argumento contra a semana de quatro dias. Porém, a questão relevante é saber se a redução da semana de trabalho permite *aumentos* da produtividade por hora que a tornem viável, o que é independente do seu ponto de partida. Assim, a nossa baixa produtividade acaba por ser favorável, pois significa que existe uma margem maior para utilizar a semana de quatro dias para aumentar a produtividade por hora. Ao coordenar o projeto-piloto, aprendi três lições sobre como fazê-lo.

Primeiro, devemos centrar o conceito de produtividade em equipas, e não em indivíduos. Uma empresa é uma equipa e a sua produtividade está mais relacionada com a qualidade da interação, organização e comunicação entre trabalhadores do que a sua eficiência individual. A maior complexidade e especialização das tarefas na economia do século XXI tornou o trabalho de equipa mais importante. Uma equipa com excelentes trabalhadores a trabalhar muitas horas pode falhar por problemas entre os seus elementos, ou num deles. Trabalhar menos horas pode melhorar o serviço prestado, se resolver problemas em áreas específicas da empresa. Por exemplo, se reduzir o absentismo de curta ou longa duração, um problema que perturba a gestão de equipas e diminui a qualidade do serviço.

Segundo, a rotação de trabalhadores limita o aumento de produtividade e tem grandes custos operacionais. A eficiência do trabalhador aumenta com a sua experiência na empresa. Trabalhadores recém-contratados têm uma grande curva de aprendizagem pela frente — conhecimento dos procedimentos e capacidade de resolução de problemas. A elevada rotação de trabalhadores que existe hoje faz com que dificilmente eles consigam chegar ao seu pico de eficiência. Um trabalhador que trabalhe apenas quatro dias por semana mas que fique na empresa cinco anos torna-se mais eficiente do que uma sucessão de trabalhadores a trabalhar cinco dias por semana mas que abandonem a empresa ao fim de um ano, mesmo sem contabilizar as poupanças em custos de recrutamento e formação que uma maior estabilidade da força de trabalho oferece. A semana de quatro dias não é a única forma de melhorar a retenção e reduzir a rotação de trabalhadores, mas é certamente uma forma eficaz de o fazer.

Terceiro, a redução da semana de trabalho é implementada a par de outras mudanças organizacionais: adoção de tecnologia, eliminação de processos e melhores práticas de gestão de tempo individual e coletivo. Grande parte do aumento da produtividade e o sucesso da semana de quatro dias resultam destas mudanças. Porque é que as empresas não as fazem sem reduzir as horas semanais? Mudanças organizacionais raramente contam com o apoio dos trabalhadores, que as veem com desconfiança, tornando-se uma força de bloqueio. Porquê?

A produtividade aumenta se a empresa conseguir traduzir as melhorias organizacionais e tecnológicas num aumento de vendas, mantendo as mesmas horas trabalhadas. No entanto, esta possibilidade está muitas vezes fora do alcance de grandes empresas ou em mercados já consolidados, porque depende em grande medida de condições externas. Acreditam que no setor bancário, comunicação social ou na grande distribuição é possível uma empresa aumentar tão significativamente o volume de vendas? A maioria das empresas traduz as melhorias organizacionais e tecnológicas em aumentos de produtividade baseados na redução das horas trabalhadas conseguida através de um corte no número de trabalhadores, mantendo o serviço prestado. Frequentemente, a consequência é um plano de *consolidação* acompanhado de rescisões com os trabalhadores. Neste contexto, compreende-se que eles possam transformar-se numa força de bloqueio.

No caso da semana de quatro dias, o aumento da produtividade também não decorre diretamente de um aumento do valor de vendas, mas da diminuição das horas trabalhadas. No entanto, essa diminuição é feita, não despedindo trabalhadores, mas reduzindo as horas por trabalhador, o que explica o seu empenho na melhoria da produtividade. Pensem na semana de quatro dias como uma alavanca que permite dar um salto qualitativo na organização, porque mobiliza, não só os gestores, mas sobretudo os trabalhadores para esse efeito.

Chegamos então a um ponto crucial. Mudanças de processos e adoção de tecnologia aumentam a produtividade, mas, como em grandes empresas ou em setores consolidados são frequentemente conseguidas através da redução de postos de trabalho, é difícil que resultem em aumentos de salários proporcionais para os trabalhadores restantes (qual é o seu poder negocial em períodos de rescisões?). O aumento de produtividade reverte mais para os lucros das empresas, prejudicando alguns trabalhadores e sem beneficiar de imediato os restantes, o que explica a sua desconfiança, falta de dedicação ou mesmo oposição. Pelo contrário, ao reduzir a semana de trabalho *a par* destas mudanças, o benefício do aumento de produtividade reverte imediatamente para os trabalhadores sob a forma de tempo livre, mas não aumenta no curto prazo os lucros da empresa. Assim se explica a sua falta de vontade de experimentar.

A resistência a experimentar novos métodos que aumentem a produtividade mas beneficiem mais os trabalhadores, por não verem vantagens óbvias em termos de lucros de curto prazo, explica porque é que quando a tecnologia para o trabalho remoto já existia, bem como a investigação que identificava benefícios, a grande maioria das empresas nem sequer considerou experimentar. 'Se correr mal, podemos ter problemas. Se correr bem, apenas os trabalhadores beneficiam.' Teve de ser uma pandemia a forçar a experimentação generalizada.

Embora não sejam óbvios, estes mecanismos pelos quais a semana de quatro dias aumenta a produtividade por hora explicam porque é que a grande maioria das empresas que a experimentam a mantém depois do teste. Em Portugal, das 41 empresas que estudámos, apenas quatro reverteram à semana de cinco dias.

Contudo, também ficou claro que o aumento de produtividade não é automático e requer um grande esforço operacional. O facto de ter funcionado nestas empresas não significa que os resultados seriam os mesmos se a semana de quatro dias fosse implementada por legislação. As empresas que participaram no piloto são diferentes da empresa típica em Portugal — a começar pelo seu espírito empreendedor, capacidade de inovação e o esforço dedicado ao projeto — e por isso os resultados não podem ser generalizados. Eles informam, mas não justificam por si só a redução da semana de trabalho por legislação.

A elite empresarial portuguesa — as grandes empresas e as associações empresariais — não se deve esconder atrás deste facto para continuar a ignorar o tema, como fez nos últimos dois anos. A semana de quatro dias é uma prática de gestão legítima capaz de aumentar a produtividade, e cuja generalização já está em curso em todo o mundo. O Governo português foi importante ao ter iniciado a discussão e promovido um estudo, mas a partir de agora a responsabilidade está do lado da elite empresarial. Resta saber se vão pôr de lado o seu preconceito, manifestar maior abertura e tomar a iniciativa de a estudar, discutir e experimentar. Se não o quiserem fazer, mantendo a sua posição intransigente, estarão a demonstrar que não podemos contar com eles para conduzir este movimento e, então sim, estarão a dar um argumento válido para os que querem impor a semana de quatro dias por legislação.

Professor de Economia em Birkbeck, Universidade de Londres, e autor do livro *Sexta-Feira é o Novo Sábado*

ADRIANO MIRANDA



Acordos de regime serão “inevitáveis” no futuro, mas “agora não há condições”

Justiça e saúde são áreas apontadas como tendo margem para um entendimento alargado, mas a tensão política entre PS e PSD e as eleições autárquicas no horizonte não dão perspectivas de avanços

Liliana Borges

Os problemas no Serviço Nacional de Saúde puseram na agenda mediática a discussão sobre um possível “pacto de regime” entre PSD e PS para o sector da saúde. Esta foi a segunda vez que, desde as últimas eleições legislativas, as dificuldades de um sector pressionaram um possível entendimento alargado entre os dois maiores partidos. Em Junho, foi o próprio Pedro Nuno Santos a pedir um acordo de regime para uma reforma na justiça.

Além de saúde e justiça, há ainda a adiada revisão constitucional, que depois da dissolução do Parlamento ficou novamente na gaveta. Com o Orçamento do Estado no horizonte e em véspera de ano autárquico, o cepticismo em torno de entendimentos alargados sobrepõe-se às vozes que apontam as vantagens destes compromissos.

O repto para um pacto de regime na saúde foi lançado por Luís Marques Mendes no seu espaço semanal de comentário na SIC. Belém fez eco do desafio do ex-líder social-democrata e o PS respondeu que dependeria das medidas e das políticas em causa. Mas nem todos os socialistas concordam.

Álvaro Beleza, mandatário nacional da candidatura de Pedro Nuno Santos às últimas legislativas, que na semana passada defendeu um “acordo de cavalheiros” entre PS e PSD, afasta a necessidade de um acordo desse âmbito na saúde por não ser uma “questão de soberania”, como o são a defesa, a política externa, a segurança interna ou a justiça.

Para questões como a saúde, defende o socialista e médico, “tem de haver diferenças” ou “acaba-se com a dicotomia entre esquerda e direita e passa a ser entre populistas e moderados”. “Não faz sentido fazer acordos de regime para tudo e para nada”, defende Álvaro Beleza, em conversa telefónica com o PÚBLICO.

Por sua vez, Marques Mendes, que se assume como “um grande defensor de acordos de regime entre os dois grandes partidos”, vê vantagens num pacto na saúde, embora não acredite que existem condições para a sua concretização.

Tendo em conta a “tendência cada vez maior para governos precários”, para Marques Mendes só “há uma forma de compensar” e passa por “acordos em matérias estruturais que vinculam os dois partidos”, que podem assim assumir-se como “um garante de estabilidade e continuidade das políticas”. “Seria bom fazer esse caminho de pedagogia até porque, a longo prazo, estes acordos serão indispensáveis e inevitáveis”, sinaliza ao PÚBLICO.

Mas isso não condiciona quem está na oposição? Marques Mendes responde que não. “Não estamos a falar nas questões típicas de governação do dia-a-dia”, distingue. E aponta para a sua experiência, recordando que entre 2005 e 2007, enquanto líder da oposição ao Governo de José Sócrates, assinou com o então primeiro-ministro três acordos de regime: um pacto para a justiça, um acordo de limitação do número de mandatos dos autarcas e uma revisão constitucional cirúrgica para permitir referendos sobre matérias europeias. “Nenhum dos dois ficou diminuído no seu papel”, diz.

Porém, admite que os tempos são diferentes. “A política está muito futebolizada”, justifica. “Só é possível fazer entendimentos quando os líderes de um lado e de outro se sentem fortes e tranquilos. Não é o caso do ambiente que se vive”, resume. “O próximo ano é um ano de eleições autárquicas que serão, mais do que nuca, um momento de avaliação dos partidos a nível nacional – e dos seus líderes – e por isso será muito mais difícil haver ambiente para um entendimento de regime”, conclui.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA



LUÍS FORRA/LUSA



Luís Montenegro (em cima) e Pedro Nuno Santos (em baixo)

Marques Mendes diz que a política está “muito futebolizada” e isso não beneficia entendimentos

Acordos possíveis: OE e PGR

Outros acordos mais cirúrgicos, como o Orçamento do Estado ou a nomeação do novo procurador-geral da República, serão mais fáceis, antecipa. Para o comentador político, o nome do próximo responsável pela Procuradoria-Geral da República terá uma “importância capital” e permitirá a alteração de várias matérias urgentes. “Pode ser fundamental para acalmar o sector da justiça”, antecipa Marques Mendes.

Uma opinião partilhada pelo antigo deputado Jorge Lacão. Em conversa com o PÚBLICO, o socialista, que em 1997 conduziu o processo de negociação da revisão constitucional, também defende que existem áreas “institucionais” em que há uma “relevância de entendimento”, mas recorda que nem sempre os esforços de acordo têm tradução. O exemplo é justamente o acordo de regime assinado entre PS e PSD para a revisão constitucional de 1997 (e que levou à sua demissão) que, apesar dos compromissos assumidos à data, não se traduziu nas transformações então previstas no documento. “De 1997 até 2024, não houve nada”, lamenta.

Se, por um lado, “há matérias que têm natureza programática e dependem das intenções de cada partido político”, em áreas como a justiça, a reforma do sistema eleitoral da Assembleia da República ou dos sistemas de renovação autárquicos seria “muito importante” que existissem entendimentos. E não precisam de se chamar “acordos de regime”. “Esta tónica é dita de maneira demasiado formal e nem sempre é necessário sermos tão enfáticos para ser possível chegar a entendimentos. Muitas vezes isso alcança-se na dinâmica normal do funcionamento do Parlamento”, simplifica Lacão.

E ainda a Segurança Social

Já Marques Mendes alerta também para o facto de, mesmo estando fora do radar das matérias sinalizadas para entendimentos, a sustentabilidade da segurança social voltará a exigir um acordo “porque o problema existe, embora esteja minorado com a questão da imigração”.

Também Paula Espírito Santo, politóloga e professora no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa , considera pouco plausível que se dêem passos no sentido de acordo de regime. “Os benefícios eleitorais de um acordo de regime vão para quem os executa, ou seja, para o Governo e não para a oposição”, nota. Por outro lado, a liderança “jovem e em patamar de afirmação” também afasta Pedro Nuno Santos de um entendimento com Luís Montenegro por uma questão de “estratégia de oposição e sobrevivência política”.

O novo Aparelho Auditivo digital microCIC é tão pequeno e discreto que você nem vai acreditar!

Para que veja o quão pequeno é o microCIC, estamos a oferecer 300 amostras não-funcionais

GRÁTIS

É por isso que estamos a oferecer 300 amostras* GRÁTIS!



Dantes, usar um Aparelho Auditivo era um grande problema. Mas agora tudo é diferente. Graças ao incrível e minúsculo microCIC. Concebido para se adaptar confortavelmente ao seu ouvido, o microCIC é provavelmente o Aparelho Auditivo digital de adaptação personalizada mais discreto do mundo. É verdade! Basta inserir o microCIC no seu ouvido e pedir a alguém que o olhe a partir de qualquer ângulo: de frente, de costas ou de perfil.



O microCIC aconchega-se confortavelmente no seu canal auditivo – espreite de qualquer ângulo, é praticamente invisível!

Fácil de Pôr e Tirar!

Você nem vai acreditar! Vai ouvir com muito mais clareza de forma natural... É tão fácil de usar e confortável!

Visto de qualquer ângulo, o pequeno microCIC é praticamente invisível!

Mais rápido, melhor desempenho

Menor tamanho equivale a uma performance de excelência, no que toca ao microCIC. Se você já usa Aparelhos Auditivos, vai ficar surpreendido com o recente *software* programável para aumentar a clareza do discurso (as vozes) e filtrar os ruídos de fundo em ambientes mais barulhentos; permitindo assim que você acompanhe as conversas facilmente e sem esforço. E isto acontece porque o microCIC utiliza um evoluido e mais rápido processador. Você consegue a mais elevada qualidade de som conjugada com transições suaves e sem cortes na passagem entre diferentes ambientes sonoros.

Volte a ouvir a TV e a rádio

O microCIC é provavelmente um dos mais pequenos aparelhos auditivos de sempre, a assegurar-lhe um som natural de alta fidelidade. Integra a mais moderna tecnologia para maximizar a qualidade de som e o seu prazer de audição quando está a conversar ou simplesmente quando está a ouvir os seus programas favoritos na TV ou rádio.

Um dos melhores Aparelhos Auditivos do mundo?

Até agora, o *feedback* foi sempre um incómodo efeito secundário dos Aparelhos Auditivos. Mas isso mudou. Com o novo programa de gestão de *feedback*, os apitos e outros ruídos incomodativos são coisa do passado. E não é tudo! O microCIC tem a capacidade de processar os sons para que ouça sem esforço, com a certeza de ouvir facilmente as conversas telefónicas, sem perder palavras.

Concorra agora para ganhar a sua amostra GRÁTIS

Para lhe mostrar o quão pequeno e discreto é o microCIC, temos 300 amostras não-funcionais para oferta GRÁTIS aos primeiros que o requisitarem. Para assegurar a sua amostra e receber mais notícias sobre o período especial de EXPERIÊNCIA SEM RISCO EM SUA CASA, assim como sobre os imbatíveis preços que lhe oferecemos, não perca mais tempo e encomende agora mesmo o seu pack de amostra microCIC*.

Basta ligar 800 91 90 80 e dar a referência, MICPUB10824, ou enviar o cupão abaixo ou dirigir-se a uma das nossas lojas.

É realmente um milagre! Nunca poderemos agradecer o suficiente à AudiçãoActiva por nos ter devolvido o gosto pela vida.

Este anúncio é publicado por BelAudição, Unipessoal Lda

PARA RECEBER A SUA AMOSTRA* GRÁTIS, LIGUE:

800 91 90 80 (CHAMADA GRÁTIS)

Ou peça online: www.gratisamostra.pt

Por favor mencione a referência: MICPUB10824

Ouça o Verão com a AudiçãoActiva!

*Amostra não-funcional limitada às primeiras 300 respostas e a uma amostra por lar. Serão considerados candidatos válidos, os candidatos com dificuldade em ouvir e maiores de 50 anos.

Lojas AudiçãoActiva Por favor traga este anúncio consigo a uma loja AudiçãoActiva para receber um presente surpresa

Chaves	R. Direita & Largo do Arrabalde, 2	**Tel. 276 095 500**
Ponte de Lima	Rua Dr. António Magalhães, 52	**Tel. 258 025 000**
Viana do Castelo	Rua Manuel Espregueira, 30	**Tel. 258 023 433**
Braga	Av. Central, 24 - 1.º dto	**Tel. 253 097 944**
Barcelos	Praceta Rogério Calás Carvalho, 13	**Tel. 253089 830**
Esposende	Rua Santa Maria dos Anjos, 9	**Tel. 253 720 461**
Guimarães	Av. Conde de Margaride, 84	**Tel. 253 717 401**
V. N. Famalicão	Pr. D.ª Maria II, 1282	**Tel. 252 219 800**
Póvoa de Varzim	Praça do Almada, 55	**Tel. 252 020 750**
Santo Tirso	R. José Luís Andrade, 89	**Tel. 252 025 400**
Vila Real	Rua Nova, 17	**Tel. 259 092 436**
Maia	Av. Visconde de Barreiros, 73	**Tel. 220 940 500**
Ermesinde	Rua D. António Castro Meireles	**Tel. 220 922 111**
Penafiel	Av. Sacadura Cabral, 131	**Tel. 255 094 200**
Matosinhos	Av. da República, 472	**Tel. 223 175 847**
Porto (Camões)	Rua de São Brás, 479	**Tel. 223 194 998**
Porto (Carvalhido)	Pç. Exército Libertador, 59	**Tel. 220 966 707**
Porto (Bonfim)	Rua do Bonfim 57 e 59	**Tel. 220 922 090**
Gondomar	Rua 25 de Abril, 31	**Tel. 220 941 400**
Vila Nova de Gaia	Av. da República, 1483	**Tel. 221 140 672**
Espinho	Rua 20, 620	**Tel. 221 134 149**
Ovar	Rua Elias Garcia, 32	**Tel. 256 023 912**
Viseu	Rua Formosa, 86	**Tel. 232 095 800**
Aveiro	Av. Dr. Lourenço Peixinho, 184	**Tel. 234 138 432**
Covilhã	R. Comendador Campos de Melo, 31	**Tel. 275 098 600**
Coimbra	Av. Fernão de Magalhães, 15	**Tel. 239 197 891**
Castelo Branco	Av. Nuno Álvares, Lote D, loja 2	**Tel. 272 092 700**
Leiria	Av. Heróis de Angola, 111	**Tel. 244 021 801**
Caldas da Rainha	Rua General Queirós, 73	**Tel. 262 142 668**
Santarém	Av. do Brasil, 13 A	**Tel. 243 098 000**
Torres vedras	Av. General Humberto Delgado, 19	**Tel. 261 095 621**
VIla Franca de Xira	Rua Serpa Pinto, 66	**Tel. 263 140 234**
Loures	Rua da República, 45 C	**Tel. 211 973 328**
Mem Martins	Av. Chaby Pinheiro, 26	**Tel. 211 973 936**
Odivelas	Av. Dom Dinis, 32	**Tel. 219 332 283**
Moscavide	Av. Moscavide, 25 A	**Tel. 211 316 311**
Agualva-Cacém	Av. dos Bons Amigos, 69 B	**Tel. 211 944 790**
Amadora	Rua 1.º Dezembro, 7 B	**Tel. 211 329 120**
Lisboa (Alvalade)	Largo Frei Heitor Pinto, 3C	**Tel. 211 377 158**
Lisboa (Benfica)	Estrada de Benfica, 681	**Tel. 211 323 725**
Lisboa (Algés)	Rua Damião de Góis, 46 B	**Tel. 211 347 321**
Lisboa (Anjos)	Av. Almirante Reis, 66	**Tel. 211 337 000**
Lisboa (5 de Out.)	Av. João Crisóstomo, 33	**Tel. 211 973 338**
Cascais	Av. 25 de Abril, 127 B	**Tel. 215 831 560**
Parede	Av. da República, 1469	**Tel. 211 972 810**
Almada	Av. D. Nuno Álvares Pereira, 44 A	**Tel. 210 980 787**
Barreiro	Av. Alfredo da Silva, 73/75	**Tel. 211 335 130**
Seixal	Rua Infante D. Augusto, 40B	**Tel. 211 973 320**
Évorá	Praça do Giraldo, 80	**Tel. 266 096 000**
Setúbal	Av. 5 de Outubro, 61 A	**Tel. 265 419 225**
Beja	Rua de Mértola, 108	**Tel. 284 092 070**
Loulé	Praça da República, 40	**Tel. 289 170 550**
Portimão	Estrada de Alvor, 2	**Tel. 282 144 500**
Faro	Lrg. Dr. Francisco Sá Carneiro, Loja 11	**Tel. 289 093 429**
Funchal	Rua da Sé n.º2, 2º piso	**Tel. 291 093 400**

Aberto dias úteis das 9h30 às 13h e das 14h às 19h. Sábados das 9h30 às 13h e das 14h às 17h.

Por favor envie-me o meu pack de amostra microCIC grátis ☐

Assinale se tem dificuldades em ouvir ☐

ASSINO E CONFIRMO

* SR/SRA:

* MORADA:

* CÓDIGO POSTAL: ____ - ___

* TELEFONE:

* DATA DE NASCIMENTO: D D M M A A

NÃO PRECISA DE SELO

MICPUB10824

RECORTE E COLOQUE ESTE CUPÃO NUM ENVELOPE E ENVIE PARA:
BelAudição, Unipessoal Lda, REMESSA LIVRE 1, LOJA CTT FARO, 8001-960 FARO

Os dados recolhidos servem unicamente para dar resposta ao seu pedido e para posterior envio e divulgação de informações sobre ofertas e promoções relacionadas com aparelhos auditivos, através de carta, e-mail ou contacto telefónico. Ao fornecer os seus dados pessoais, aceita que os mesmos sejam utilizados para os fins atrás referidos. A qualquer momento pode requerer a consulta, retificação ou eliminação dos seus dados pessoais para meusdados@audicaoactiva.pt ou para 211 337 001. Mais informações em https://rgpd.belaudicao.pt

Grandes fogos em cinco países causaram quase 300 mortes directas

Relatório faz balanço dos incêndios extremos no mundo entre Março de 2023 e Fevereiro de 2024. Emissões mundiais de carbono subiram 16%

Mariana Oliveira

As florestas boreais da América do Norte, especialmente no Canadá, registaram uma época de incêndios de 2023-2024 sem precedentes. A área ardida foi seis vezes superior à média contabilizada desde 2001 e tiraram a vida a oito combatentes. Na Europa, a dimensão dos fogos foi contida, no entanto, um só incêndio em Evros, no Nordeste da Grécia, estabeleceu um novo recorde na União Europeia: arderam 938 quilómetros quadrados de uma só vez (uma área superior à cidade de Nova Iorque). Neste fogo morreram 19 migrantes encurralados pelas chamas.

No Chile, os incêndios mataram 131 pessoas, enquanto no Havai um só fogo tirou a vida a mais 100 pessoas. Na Argélia, os incêndios florestais ocorreram com temperaturas de cerca de 50ºC, deixando um rasto de 34 mortos. Só nestes cinco países, os incêndios provocaram 292 mortes directas.

Apesar de os 3,9 milhões de km² de área ardida mundial na temporada de 2023-2024 (entre início de Março de 2023 e final de Fevereiro de 2024) terem ficado ligeiramente abaixo da média, as emissões globais de carbono resultantes dos incêndios subiram 16% face à média, totalizando 8,6 mil milhões de toneladas de dióxido de carbono (CO_2).

Estes são alguns dos dados que integram o relatório “Estado dos Incêndios”, publicado esta semana na revista *Earth System Science Data*, que faz um balanço dos incêndios extremos 2023-2024. A primeira edição do estudo, que deverá passar a ser publicado anualmente, é coliderada pela Universidade de East Anglia (Reino Unido), pelo Centro de Ecologia e Hidrologia do Reino Unido, pelo Met Office (Reino Unido) e pelo Centro Europeu de Previsões Meteorológicas de Médio Prazo (Reino Unido).

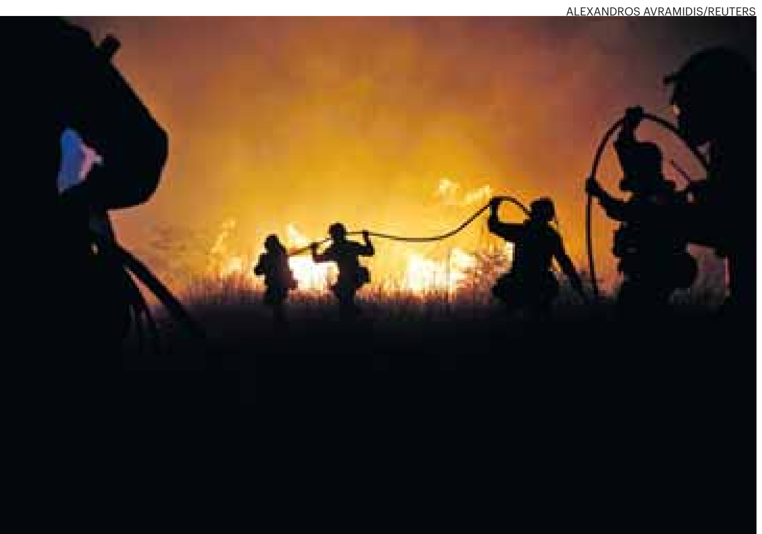
“No ano passado, vimos incêndios florestais a matar pessoas, destruir propriedades e infra-estruturas, causar retiradas da população em massa, ameaçar meios de subsistência e danificar ecossistemas vitais”, destaca o autor principal da análise, Matthew Jones, do Centro Tyndall para Pesquisa em Mudanças Climáticas da Universidade de East Anglia, num comunicado de apresentação do relatório. “Os incêndios florestais estão a tornar-se mais frequentes e intensos à medida que o clima aquece, e tanto a sociedade como o meio ambiente estão a sofrer as consequências”, alerta.

Se os incêndios rurais são uma realidade com a qual os portugueses se habituaram a conviver no tempo quente e seco, ano após ano, serão poucos os que têm a dimensão mundial deste problema, que tem habitualmente na savana africana o campeão mundial da área ardida.

No entanto, em 2023-2024, até houve boas notícias por estes lados. “Se a temporada de incêndios nas savanas africanas não tivesse sido tranquila, então a temporada de 2023-24 teria estabelecido um novo recorde para emissões globais de CO_2 provenientes de incêndios”, destaca um comunicado de apresentação do relatório.

À primeira vista parece estranho que 2023-2024 tenha ficado abaixo da média mundial da área ardida e mesmo assim as emissões de carbono tenham subido. Paulo Fernandes, investigador da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e um dos peritos regionais que colaborou no relatório, explica porquê: “Os fogos não são todos iguais do ponto de vista da emissão de carbono. A quantidade de dióxido de carbono libertada depende da vegetação ardida.”





ALEXANDROS AVRAMIDIS/REUTERS

Dois dos maiores fogos de 2023/2024 foram no Canadá (em cima) e em Evros, na Grécia (em baixo)

Alterações climáticas tornaram fogos extremos 20 vezes mais prováveis na Amazónia

O caso das Savanas

As savanas, por exemplo, são compostas essencialmente por erva, que arde com frequência. “Em Angola, todos os anos arde 25% a 30% do território. As emissões são grandes por causa da dimensão das áreas ardidas, mas baixas se considerarmos o CO_2 por hectare”, exemplifica Paulo Fernandes. “As florestas do Canadá e da Sibéria, que ardem só de 100 em 100 anos ou de 200 em 200 anos, possuem ecossistemas que são grandes reservatórios de carbono, portanto cada hectare ardido liberta uma quantidade muito maior de dióxido de carbono.”

Os autores seleccionaram três locais para analisar à lupa. Vejamos o exemplo do Canadá. Na época 2023-2024, os incêndios queimaram mais de 150.000 km² (o que representa mais de uma vez e meia a área de Portugal continental) naquele país, o que obrigou à retirada de 232 mil pessoas. Os fogos originaram uma má qualidade do ar em toda a América do Norte, incluindo Nova Iorque, que registou a pior qualidade do ar em meio século.

“As emissões de carbono dos incêndios no Canadá foram mais de nove vezes superiores à média desde 2003. As florestas boreais canadianas contribuíram com 24% para o total das emissões globais devido aos incêndios, contra 3% num ano médio”, lê-se no relatório. No Canadá, foi registado o equivalente a quase uma década de emissões de carbono provenientes de incêndios numa única temporada de incêndios – mais de dois mil milhões de toneladas de CO_2”, sublinha Matthew Jones. “Por sua vez, isto aumenta as concentrações atmosféricas de CO_2 e agrava o aquecimento global”.

LUUK WIJK/PARKS CANADA



Na Grécia, o maior incêndio de sempre dentro do espaço da UE fez com que o país registasse a segunda maior extensão de incêndios das últimas duas décadas.

O estado do Amazonas, no Brasil, e partes vizinhas da Amazónia ocidental, outra das regiões analisadas, registaram um número recorde de incêndios, ligados a uma seca histórica, levando a uma qualidade do ar extremamente pobre. O relatório diz que as actividades humanas aumentaram a extensão dos incêndios do ano passado. "Nesta região, a expansão da agricultura resultou em desarborização generalizada e degradação florestal. Isto deixou as florestas mais vulneráveis ao fogo durante períodos de seca e de condições meteorológicas favoráveis a incêndios, amplificando o efeito das alterações climáticas", concluíram os investigadores.

Além de catalogar incêndios extremos no mundo, o relatório concentrou-se em explicar as causas da extensão destes em três regiões: Canadá, Amazónia ocidental e Grécia. "As alterações climáticas tornaram a meteorologia favorável a incêndios extremos em 2023-24 pelo menos três vezes mais provável no Canadá, 20 vezes mais provável na Amazónia e duas vezes mais provável na Grécia", calcularam os investigadores.

Incêndios

Três frentes activas na Madeira e 160 pessoas retiradas das suas casas

Ana Dias Cordeiro

Após as críticas de que foi alvo por não ter aceitado a ajuda do Governo de Lisboa mais cedo, Miguel Albuquerque, presidente do Governo Regional da Madeira, assumiu o comando no ponto de situação marcado ontem para as 19h pela Protecção Civil da região autónoma. O fogo, que começou na quarta-feira, tinham ainda três frentes activas.

Numa intervenção resumida, Miguel Albuquerque enumerou os aspectos que apresentou como positivos. "Não há vítimas a lamentar, não há destruição de infra-estruturas essenciais, não há habitações destruídas, [no terreno] foram colocados os corpos de intervenção e os bombeiros tendo em conta a salvaguarda dos núcleos urbanos", disse na conferência de imprensa no Serviço Regional de Protecção Civil, na presença do secretário regional para a Saúde e Protecção Civil, Pedro Ramos, e de António Nunes e Marco Lobato, respectivamente presidente e vogal do serviço regional de Protecção Civil.

O presidente da região autónoma foi o único que falou – disse haver 160 pessoas alojadas em instalações provisórias em Ribeira Brava, Câmara de Lobos e São Vicente, nas quais, acrescentou, estão garantidas "as condições mínimas de conforto", além do apoio médico e social. As pessoas foram retiradas das suas casas para evitar a inalação de fumo, acrescentou, esclarecendo que assim permanecerão até que o regresso possa ser "feito em segurança".

Questionado sobre a extensão da área ardida, respondeu que esse cálculo ainda não foi feito. "Estamos a proceder a uma faixa de contenção do fogo na zona de Paul da Serra", o mais extenso planalto da ilha da Madeira. Miguel Albuquerque voltou a dizer, como antes dissera, estar certo de que o incêndio resulta de "fogo posto em zona inacessível, onde o meio aéreo [de combate] não podia actuar".

A esse respeito, declarou por duas vezes que o Governo Regional, a que preside, está a fazer o seu trabalho, insistindo terem sido prevenidas situações como a destruição de casas e dizendo que "apenas anexos e palheiros foram destruídos pelo fogo". "Não temos perda de habitação", repetiu, antes de dizer, numa alusão às críticas de que foi alvo: "Do ponto de vista político, tudo se pode dizer."

Para quem acompanhou a situação no terreno durante a noite, como a presidente da Junta de Freguesia da Serra de Água, no concelho da Ribeira Brava, "a situação foi caótica". "Não havia mãos a medir, havia diversas frentes de fogo e os meios eram poucos. Foi a freguesia toda a arder ao mesmo tempo", descreveu Albertina Ferreira, em declarações à Lusa. "As condições eram tão adversas que nem se podia fazer o combate, tínhamos de pôr em primeiro lugar a defesa das vidas e defender algumas casas, mas a situação foi mesmo difícil porque a temperatura era alta e o vento extremamente forte", acrescentou.

Segundo a capitania do Porto do Funchal, o vento vai continuar a soprar até hoje. O Aeroporto Internacional da Madeira esteve condicionado ontem, dia em que foram encerrados percursos pedestres e áreas de lazer na ilha, por precaução. Durante a madrugada, 76 operacionais do continente deslocaram-se para apoiar as autoridades madeirenses no combate ao fogo e começaram por "fazer reconhecimento e avaliação do teatro de operações", concentrando-se depois na Serra de Água, uma das três frentes que estiveram activas.

Também foi dada luz verde pelos responsáveis da Madeira para a entrada em acção de meios colocados ao dispor pelo Governo Regional dos Açores. Serão esperados 15 homens na Madeira durante a noite, disse ao PÚBLICO Maria do Carmo Silva, adjunta do secretário regional de Saúde e Protecção Civil. **com Marta Sofia Ribeiro e Lusa**



Incêndio começou na quarta-feira da semana passada

Num ano, mais que duplicaram os municípios nacionais a aplicar a taxa turística

Há cada vez mais autarquias a tributarem as dormidas. Eram 15 em Julho do ano passado, agora são 38. Mais se juntarão. Hotelaria critica "banalização"

Samuel Alemão

No prazo de um ano, desde Julho de 2023, mais que duplicou o número de municípios que aplicam a taxa turística, a cobrar sobre as dormidas realizadas em estabelecimentos hoteleiros ou unidades de alojamento local situados nos seus territórios, num determinado período. Se, no ano passado, por esta altura, eram apenas 15 os concelhos portugueses que cobravam esta contribuição, são já pelo menos 38 aqueles que a arrecadam ou começarão a fazê-lo até Outubro próximo. E outros mais se preparam para avançar, nos próximos meses, com a instituição desta tarifa, cuja aplicação tem sido justificada como forma de mitigar os efeitos da pressão turística.

Um deles será Matosinhos, que cobrará dois euros, a partir de Janeiro de 2025. A câmara é presidida por Luísa Salgueiro (PS), que também dirige a Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP). "O turismo está a crescer e a pressionar as nossas cidades. Tem de haver uma compensação", justifica, resumindo a actual disposição. Mesmo que os representantes da indústria hoteleira a critiquem por considerarem estar-se a mesmo uma "banalização" da taxa, contestando ainda "a falta de transparência" sobre o destino dado a tais receitas.

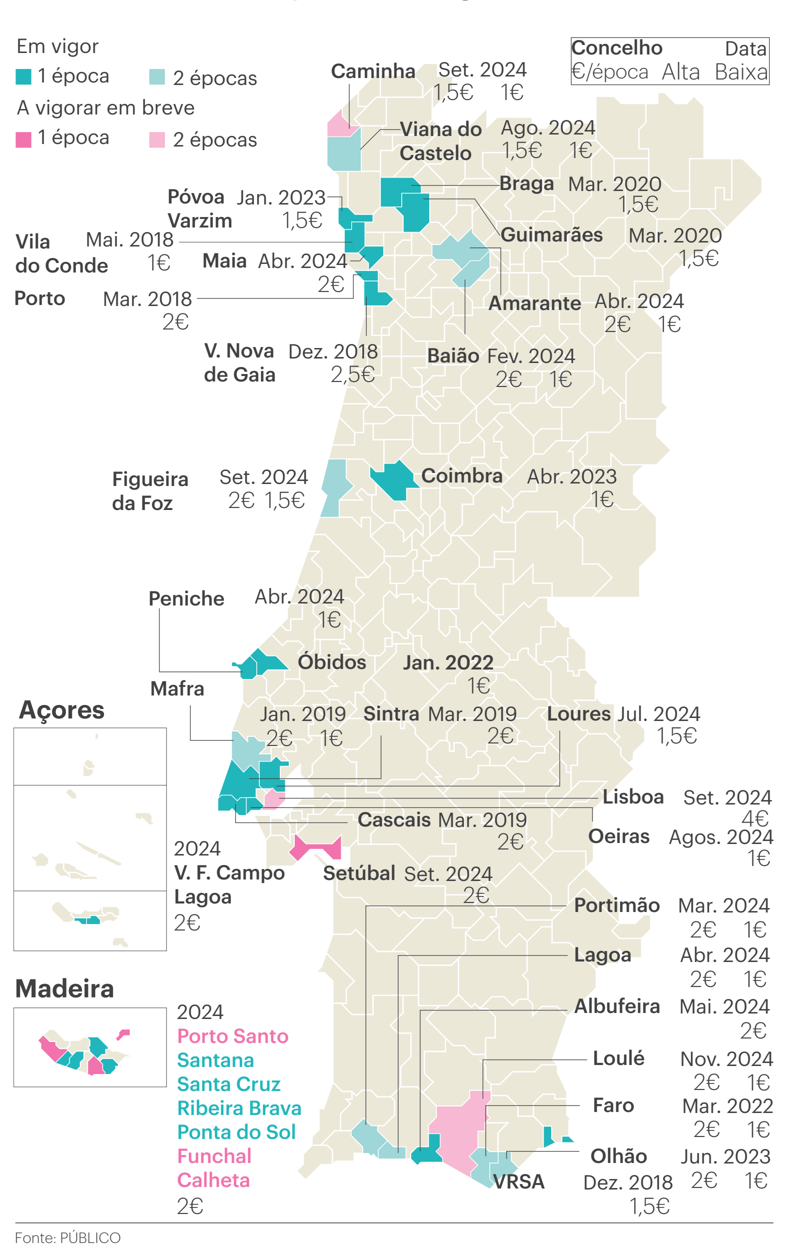
Mas, apesar das críticas, que se intensificaram com a recente decisão da Câmara de Lisboa de duplicar a sua taxa turística de dois euros para quatro euros por noite, a entrar em vigor em Setembro, este parece ser mesmo um movimento imparável. E que promete aumentar o volume da colecta que, em 2023, rendeu aos municípios nacionais quase 70 milhões de euros. No ano anterior, tinham sido 54 milhões. Só nas últimas três semanas, foram várias as localidades portuguesas a anunciar a criação de uma taxa turística municipal, como Oeiras, Setúbal, Funchal e Viana do Castelo. Os municípios das regiões autónomas dos Açores e da Madeira preparam a sua aplicação generalizada a partir do próximo ano.

O Porto, entretanto, também se prepara para aumentar a sua, encetando no próximo mês o processo para a passar de dois euros para, muito provavelmente, os três euros por pessoa, por noite. Essa foi a indicação dada, há alguns meses, por Rui Moreira, após um estudo encomendado pela autarquia, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ter indicado 2,81 euros como "valor médio justo" – o que poderia ser resolvido, sugeria o estudo, com uma diferenciação entre uma taxa de três euros para o centro histórico e 2,5 para o resto da cidade.

E se é verdade que as edilidades, por regra, recorrem à justificação de terem necessidade de compensar o desgaste dos equipamentos e do espaço público, decorrente da sobrecarga do seu uso pelos visitantes, há quem veja na crescente adesão dos municípios à taxa turística uma forma de alargar o seu escopo tributário. Uma tendência a tentar tirar proveito do grande peso do sector do turismo sentido nos últimos dois anos, apesar dos mais recentes sinais de abrandamento.

"Está-se a banalizar este tributo, que está ligado, em grande parte das vezes, a uma forma fácil de tentar fazer dinheiro. Não faz sentido a sua aplicação em alguns sítios que, nitidamente, não sofrem de uma grande carga turística", diz ao PÚBLICO Cristina Siza Vieira, vice-presidente da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), citando os casos recentes de criação da taxa em Amarante, Vila do Conde e Loures. "É um instrumento que tem de ser usado com moderação."

Taxas turísticas municipais em Portugal



Fonte: PÚBLICO



"O turismo está a crescer e a pressionar as cidades. Tem de haver uma compensação", diz Luísa Salgueiro, presidente da câmara de Matosinhos e da ANMP

"Está-se a banalizar este tributo, ligado, muitas vezes, a uma forma fácil de fazer dinheiro", defende a AHP

"Taxas e taxinhas"

A entidade manifestou o seu descontentamento, em Abril passado, quando a autarquia da capital anunciou a duplicação da sua colecta sobre as dormidas turísticas, que, no ano passado, lhe permitiu embolsar cerca de 40 milhões de euros. A associação questionou a "fundamentação" da subida do valor, que considerou "unilateral e extemporânea", tendo mesmo se reunido com o presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas (Novos Tempos), para lhe manifestar o seu descontentamento.

Uma crítica que, na verdade, ecoa as feitas, há já uma década, por António Pires de Lima, então ministro da Economia do Governo de Pedro Passos Coelho. Na altura, o governante prometeu que, enquanto ocupasse o cargo, não aplicaria "taxas nem taxinhas". O que estaria nos antípodas, sugeriu, da atitude do então presidente da câmara municipal da capital, António Costa, que, a 17 de Setembro de 2014, ante a assembleia municipal, defendera a introdução de uma taxa turística em Lisboa. Era a forma, justificava o então futuro primeiro-ministro, de compensar a redução da receita fiscal, em particular a da derrama, imposto municipal que incide sobre o lucro tributável das pessoas colectivas.

O contexto económico, então ainda fortemente marcado pela intervenção da *troika*, era bem diferente e o turismo estava longe de ter a preponderância hoje sentida na economia portuguesa. E se a expressão "taxas e taxinhas" pegou de imediato, a ideia da taxa turística não demoraria muito mais a impor-se. Primeiro, na capital, depois no resto do país. Já com Fernando Medina à frente do município, Lisboa passaria a cobrar um euro por dormida, em Janeiro de 2016, duplicando esse valor, três anos depois.

Em boa verdade, Aveiro foi a primeira cidade portuguesa a adoptar a taxa turística, entre Janeiro de 2013 e Abril de 2014, cobrando um euro por dormida. Mas acabou por extingui-la, por, segundo o presidente da câmara, Ribau Esteves, ter rendido apenas 2% do previsto e causar "um efeito muito negativo na imagem do destino Aveiro". Em recentes declarações ao *Expresso*, a propósito desta experiência, o autarca referia que os municípios até já têm formas de compensar a pressão turística, através do IVA

ADRIANO MIRANDA



Câmaras cobraram 70 milhões de euros em taxa turística, em 2023

turístico. Uma opinião replicada por Cristina Siza Vieira, para quem a taxa turística representa uma "dupla tributação sobre os operadores económicos". A representante do sector hoteleiro salienta os "benefícios de toda a economia do país com a actividade turística", notando ainda a "injustiça" por a tributação acabar por ser paga por cidadãos nacionais que se deslocam a determinados destinos em trabalho.

"Nem todos os locais de visitação são turísticos", diz a responsável que, no início de 2013, então enquanto directora executiva da AHP, interpôs uma providência cautelar contra a taxa turística de Aveiro. O argumento era de que a mesma "ia contra o próprio desenvolvimento turístico" da cidade.

Siza Vieira mantém as fortes críticas à proliferação deste instrumento. Não apenas por considerar haver "pouca transparência na alocação das receitas resultantes das taxas", mas sobretudo por ver como não é devidamente justificada a necessidade da sua aplicação em muitos dos municípios que agora anunciam a criação de taxas turísticas. "Isto tem a ver com os fins pretendidos. Se falarmos de grandes destinos como Amesterdão, Roma, Barcelona, Atenas ou Berlim, percebo que se recorra à taxa. Mas dizer que serve como elemento dissuasor, é um argumento fraco", afirma. No caso de Lisboa, nota que a duplicação para quatro euros pode "gerar perda de atractividade para outros destinos nacionais".

Forma de compensar

Esta visão não é partilhada por Luísa Salgueiro, da ANMP. "Compreendo que possa haver contestação, mas espero que haja compreensão para a necessidade de se compensar os efeitos da pressão sentida pelos municípios. Queremos que os turistas continuem a encontrar as cidades bem apresentadas, limpas, com o espaço público aprazível", diz a dirigente associativa, justificando a necessidade de as autarquias recorrerem a tal forma de financiamento. "É do interesse de todos que os municípios continuem a ter condições. E é importante que o sector turístico partilhe desses objectivos", diz, vendo como "normal" o crescente número de concelhos a aplicar a taxa turística. E dá o exemplo do interior do país, que "também começa a sentir a pressão".

Visão partilhada por José Rio Fernandes, um dos autores do estudo encomendado pela Câmara do Porto para justificar o aumento da taxa e que admite a existência de uma certa "facilidade". "Quem exerce poder vê aqui mais uma forma de fazer receitas extras. Isso é relativamente razoável, porque os turistas usufruem de vários serviços. E as câmaras avançam porque a taxa incide sobre uma população que não é constituída por eleitores, logo não temem ser penalizadas, sendo o valor relativamente diminuto em relação à despesa feita pelos turistas", sintetiza. "É compreensível que os municípios achem interessante."

Rio Fernandes nota ainda que o "carácter único" dos destinos urbanos acaba por atenuar o eventual desincentivo dos turistas na sua selecção enquanto local de férias devido à existência da taxa. "Tudo aponta para que não haja impacto. As cidades são um produto único e a sua escolha pressupõe uma vontade específica de as conhecer. Não é a mesma coisa que escolher um destino de praia, onde se não for num local, pode muito bem ser noutro", diz o especialista.

O PÚBLICO solicitou à Direcção-Geral da Administração Local dados sobre a aplicação da taxa turística, mas não obteve resposta até ao momento do fecho deste artigo.

RUI GAUDÊNCIO



Há quem defenda mais liberdade na canalização das verbas provenientes deste tributo

Autarquias

Destino a dar às receitas das taxas turísticas é motivo de discórdia

Samuel Alemão

Por regra, municípios justificam criação do tributo com a necessidade de melhorar limpeza ou atractividade cultural

Respondendo aos jornalistas, à margem da apresentação do projecto de criação do Centro Interpretativo dos Murais de Almada Negreiros nas Gares Marítimas, a 9 de Julho, resultante de um acordo celebrado naquele dia entre a Administração do Porto de Lisboa (APL) e a Associação do Turismo de Lisboa (ATL), Carlos Moedas defendeu, mais uma vez, a decisão de aumentar a taxa turística da cidade de dois para quatro euros e a de chegada marítima de um para dois euros.

"Se a cidade vir o valor do turismo, seja em melhor limpeza, melhores espaços, mas também mais cultura, então o turismo vale mesmo a pena, ele é visível. Quando eu digo que quero aumentar a taxa turística, é exactamente para ter mais cultura, mais equipamentos de cultura, é para maior limpeza da cidade, é para ter espaços mais verdes", disse Moedas.

A decisão de o fazer, anunciada e aprovada, em Abril, pela Câmara de Lisboa e que acabaria por ser autorizada, a 23 de Julho, pela assembleia municipal, tem sido bastante contestada pelo sector. "Qualquer taxa é um imposto e o sector do turismo já é conhecido por taxas e taxinhas", disse, poucos dias após ter sido revelada a intenção da edilidade da capital, Francisco Calheiros, presidente da Confederação do Turismo de Portugal, considerando que "não é bom" aumentar a taxa. O dirigente confessou-se surpreendido com a decisão, que qualificou como "precipitada".

Críticas secundadas pela Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), tendo o presidente, Bernardo Trindade, qualificado a medida como "extemporânea", referindo que a mesma interrompe uma relação de confiança com a câmara, que, alegou, "está em falta com o sector turístico há vários anos". Trindade aludiu ainda ao facto de, após o aumento da taxa de um para dois euros, em 2019, a autarquia se ter comprometido com a construção de um centro de congressos na cidade, o que nunca se concretizou. No comunicado onde tais críticas eram feitas, a AHP referia que essa era uma das obras que seriam financiadas pelo Fundo de Desenvolvimento Turístico de Lisboa (FDTL), criado em 2016, com o intuito de melhor definir a canalização das receitas da taxa então criada.

Tendo esse desígnio, a missão do fundo é promover, qualificar e diversificar a actividade turística, incluindo a limpeza da cidade, em particular nas zonas mais frequentadas pelos visitantes. O problema é que, acusa a associação, dos 170 milhões de euros que acumulou desde a sua criação, terão sido "apenas consumidos 95 milhões de euros". Para além de contribuir anualmente com 7,6 milhões para os orçamentos da higiene urbana da câmara e das freguesias, o fundo já financiou obras como o Museu das Jóias da Coroa, no Palácio da Ajuda, a requalificação da Estação de Sul e Sueste, o projecto Pilar 7 da Ponte 25 de Abril, a melhoria da experiência turística em Belém, a sinalética do Eixo Central e o pagamento de parte da organização da Web Summit.

Razões para a taxa

Na verdade, Lisboa, sendo o município que mais arrecada com a taxa turística (40,2 milhões em 2023), é também aquele que, de forma mais clara, identifica e "institucionaliza" o destino das receitas dela resultantes. Na generalidade dos concelhos com esse tributo, a forma como o dinheiro será gasto está ligado às razões que justificaram a criação da taxa. E que são, quase sempre, as mesmas: reforçar a limpeza e a manutenção do espaço público, bem como dos equipamentos frequentados pelos turistas ou melhorar a sinalética.

Isso é o que está, por exemplo, na nota justificativa para a criação, em 2017, da taxa no Porto. A qual acrescenta que, cumulativamente, "a oferta que a cidade deve proporcionar, seja ao nível cultural, artístico, de lazer, urbanístico e de parque habitacional com vista à captação e fixação de mais e novos residentes, deve acompanhar este ajuste e reinventar constante". Questionada pelo PÚBLICO sobre o destino a dar a essa receita (que em 2023 ultrapassou os 19 milhões de euros), a autarquia portuense responde que, "nos termos da legislação actual, as receitas municipais não podem ser consignadas, logo, são distribuídas via orçamento municipal para todas as áreas de actividade do município".

Ora, quem contesta a aplicação do tributo (na maior parte dos municípios a oscilar entre um euro e 2,5 euros), e em particular os representantes da indústria turística, como Cristina Siza Viera, da AHP, considera haver "falta de transparência na alocação das verbas". A vice-presidente acha que, em muitos casos, esta é apenas uma forma de "aumentar a tributação", com as autarquias a usarem as verbas de forma pouco clara. "Parece que é possível alocar as verbas de outra forma. O que até permitirá libertar para diferentes necessidades os fundos já antes previstos nos orçamentos municipais e agora cobertos pelas receitas da taxa turística", afirma.

Luísa Salgueiro, presidente da Associação Nacional de Município Portugueses (ANMP), pensa de outro modo: "As receitas podem ser usadas em tudo o que possa servir para qualificar uma cidade, para dessa forma melhor receber os turistas. E isso pode ser a óbvia limpeza e manutenção do espaço público ou até melhorar a sinalética, mas também muitas outras coisas", afirma a dirigente. "Pavimentar uma artéria, instalar iluminação LED, melhorar os dispositivos de publicidade no espaço público ou até fazer uma agenda cultural podem ser incluídos nesse objectivo."

Tal abordagem merece compreensão por parte de José Rio Fernandes, docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e observador do fenómeno turístico. "A taxa, por si mesma, não funciona como forma de regulação ou dissuasão, é mais uma fonte de financiamento. A legislação é omissa em relação a isto e deveria ser alterada para dar mais autonomia aos municípios na forma como canalizam essas receitas", defende. Preconizando que as autarquias "deveriam poder escolher onde gastar esse dinheiro para mitigar os efeitos da sobrecarga turística", Rio Fernandes vê como legítimo que elas conduzam tais proveitos para áreas não imediatamente associadas à actividade, mas que sofrem pressões resultantes da mesma. "Porque não ajudarem também a custear a habitação social ou a mobilidade?", questiona.

Já Luísa Salgueiro considera legítimas as taxas e o destino a dar às suas receitas, desde que seja devidamente demonstrada a sua fundamentação. "Se assim não fosse, estaríamos a falar de um imposto e não de uma taxa", afirma, sublinhado uma recente recomendação do Tribunal de Contas no sentido de, precisamente, as autarquias a justificarem. "Não seria razoável que todos os municípios as criassem", diz.

Forças russas perto de Pokrovsk, ucranianos rebentam ponte em Kursk

Cidade no Donetsk é um importante cruzamento de rotas de abastecimento das forças ucranianas na linha da frente. Forças de Kiev rebentam uma segunda ponte sobre o rio Seim na região russa de Kursk

António Rodrigues

É a maior preocupação do momento da Ucrânia na sua frente leste, o avanço rápido das forças russas em direcção à estratégica cidade de Pokrovsk. Ontem, Moscovo anunciou que tinha ocupado Svyrydonivka, uma aldeia de 35 habitantes que em si tem pouco valor, mas mostra que os soldados da Rússia já estão a poucos quilómetros daquele centro administrativo no ocidente de Donetsk, importante nas rotas de abastecimento ucranianas na sua frente leste.

Na sexta-feira, as autoridades ucranianas mandaram as pessoas acelerar o processo de retirada da cidade de 65 mil habitantes que tem sido o objectivo militar da tropa russa há meses. As forças russas "estão a avançar a um ritmo acelerado", alertaram os responsáveis políticos locais numa mensagem no Telegram citada pelo *Guardian*. "A cada dia que passa, há cada vez menos tempo para recolher os bens pessoais e partir para regiões mais seguras."

"Como resultado das operações activas, unidades do grupo central das Forças Armadas libertaram a aldeia de Sviridonovka [nome em russo da localidade], na República Popular de Donetsk", disse o Ministério da Defesa da Rússia num comunicado publicado no Telegram, citado pela Europa Press. A aldeia fica junto ao lago Kazeni Torets, a 15km de Pokrovsk, e caiu depois de as forças ucranianas terem averbado derrotas em Vozdvizenka, Kalinovo, Ptichye, Novoekonomicheskoe e Dolinovka, acrescentou o comunicado.

Pokrovsk fica num cruzamento de estradas importantes para o abastecimento dos soldados ucranianos que combatem as forças russas na frente leste, bem como das localidades que ficam ao longo dessa linha.

Por seu lado, a Ucrânia anunciou a destruição de uma segunda ponte na região russa de Kursk, onde as suas forças conseguiram ocupar mais de 80 localidades e controlam mais de mil quilómetros quadrados de território, depois da sua incursão-surpresa de 6 de Agosto. Segundo Kiev, os danos nesta segunda ponte vão provocar problemas nas rotas de abastecimento russo para a sua linha da frente.

"Menos uma ponte", escreveu o comandante da Força Aérea ucraniana, Mykola Oleshchuk, no Telegram, mostrando um vídeo aéreo de uma explosão numa ponte perto da cidade russa de Zvannoye. "A aviação da Força Aérea continua a privar o inimigo de capacidades logísticas com ataques aéreos de precisão", acrescentou na mensagem citada pela AFP.



EPA

Cidadãos russos retirados da região de Kursk devido ao avanço das forças ucranianas



A escalada da Ucrânia em Kursk é uma tentativa de empurrar a Rússia para acções assimétricas como a utilização de armas nucleares

Alexander Lukashenko
Presidente da Bielorrússia

O alto responsável ucraniano não adiantou pormenores sobre quando tinha acontecido o ataque, mas *bloggers* militares russos, citados pela AFP, partilharam fotografias da destruição da que parece ser a mesma ponte datadas de sábado. Na sexta-feira, Kiev já tinha anunciado a destruição de uma ponte em Glushkovo, uma cidade vizinha, igualmente sobre o rio Seim.

As forças ucranianas parecem ter conseguido isolar uma parte significativa do distrito de Glushovsky, embora fotografias por satélite mostrem que os russos aparentemente instalaram uma ponte móvel no lugar daquela que os ucranianos destruíram. Segundo a agência de notícias russa Tass, pelo menos 20 mil pessoas foram retiradas do distrito de Glushkov, que se irão juntar aos milhares retirados de Kursk e que foram levados para centros de acolhimento.

O perigo da escalada

Para o Presidente da Bielorrússia, Aleksandr Lukashenko, aquilo que a Ucrânia está a fazer com a invasão das regiões russas de Kursk e Belgorod é muito perigoso porque está a empurrar Moscovo e Vladimir Putin para o recurso a armas nucleares tácticas.

"A escalada da Ucrânia na região de Kursk é uma tentativa de empurrar a Rússia para acções assimétricas, por exemplo a utilização de armas nucleares", disse o chefe de Estado bielorrusso numa entrevista à agência de notícias russa Sputnik. Adiantando que os sistemas de mísseis balísticos Iskander, que a Rússia instalou na Bielorrússia, estão "prontos para disparar mísseis com ogivas nucleares contra a Ucrânia".

"Se o que está a acontecer em Kursk se mantiver, iniciar-se-á uma escalada que terminará com a destruição da Ucrânia. Nunca ninguém derrotou este império e ninguém derrotará a Rússia", acrescentou o chefe de Estado bielorrusso.

O Governo ucraniano tem uma visão distinta da incursão das suas forças em território russo, porque não vê a operação militar como uma escalada do conflito, antes como uma forma de conseguir trunfos suficientes para forçar a Rússia a sentar-se à mesa para encontrar uma forma negociada "justa" de sair desta guerra que se prolonga há dois anos e meio.

"Precisamos de infligir derrotas tácticas significativas à Rússia", escreveu no Telegram Mykhailo Podolyak, conselheiro do Presidente Volodymyr Zelensky. "Na região de Kursk, vemos claramente como a ferramenta militar é objectivamente utilizada para convencer a Federação Russa a entrar num processo de negociação justo."

“Já não há mais sítio onde refugiar-se” na Faixa de Gaza

António Rodrigues

Agência da ONU reage a novos anúncios das IDF para retiradas forçadas do exército israelita. Blinken chegou ontem a Israel

Para a agência da ONU na Faixa de Gaza, é muito simples: agora já não há mesmo mais nenhum lugar para onde fugir. Depois das últimas ordens de retirada das Forças de Defesa de Israel (IDF), ordenando aos palestinianos que deixem a zona de Al-Maghazi, no centro do território ocupado, a UNRWA está convencida de que “já não há mais sítio onde refugiar-se”.

“As famílias viram-se obrigadas a fugir da zona de Al-Maghazi depois de uma nova ordem de retirada emitida pelas autoridades israelitas”, escreveu a Agência das Nações Unidas para os Refugiados Palestinianos no Médio Oriente (UNRWA) na rede social X. “Milhares de pessoas de Gaza continuam a sofrer as deslocações sem terem nenhum lugar para onde ir”, porque, na verdade “já não há mais sítio onde refugiar-se”. Porque a chamada “zona segura” estabelecida pelas IDF ficou reduzida a 11% de um território que antes da guerra já era um dos mais sobrepovoados do planeta.

Na sexta-feira, os militares israelitas ordenaram às centenas de milhares de pessoas das áreas a norte de Khan Younis e a leste de Deir al-Balah que se retirassem desses locais. “Estamos cansados de deslocações. As pessoas estão a ser empurradas para áreas cada vez mais estreitas em Deir al-Balah e Al-Mawasi, que se transformaram em panelas de pressão”, afirmou à Reuters, por mensagem, Tamel al-Burai, que vive em Deir al-Balah com vários familiares.

A pressão militar israelita a que os palestinianos são submetidos é constante e as condições precárias em que são obrigados a sobreviver, com falta de alimentos, água potável, cuidados médicos, já fizeram regressar a poliomielite ao território ocupado, doença que estava erradicada há décadas. A Organização Mundial de Saúde já disse que vai enviar 1,2 milhões de vacinas para o território em guerra e as IDF anunciaram ontem que vão disponibilizar 250 mil, mas o problema não são as vacinas em si, e sim conseguir vacinar as crianças num território em guerra e com a população obrigada a deslocar-se constantemente. O que leva a UNRWA a insistir que “Gaza precisa de um cessar-fogo já”.

E é a pensar nesse cessar-fogo que o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, chegou ontem a Israel para tentar convencer o primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, e o seu governo a aceitarem o plano de cessar-fogo que foi apresentado em Doha, no Qatar, onde estão a realizar-se conversações para pôr um fim às hostilidades, mesmo que seja temporariamente.

Num fim-de-semana em que os bombardeamentos israelitas mataram 18 pessoas da mesma família no sábado e mais 21 pessoas (incluindo uma mãe e os seus seis filhos) ontem, de acordo com as autoridades de saúde do enclave palestiniano, os EUA, a Europa e os países árabes tentam a todo o custo conseguir um cessar-fogo que evite o escalar do conflito na região, tendo em conta a esperada retaliação do Irão em resposta ao assassínio por Israel do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerão, a 31 de Julho.

Na sua décima visita à região desde o ataque do Hamas de 7 de Outubro, Blinken pretende obter a concordância de Netanyahu à proposta apresentada por Washington na sexta-feira no Qatar, onde decorreram conversações na quinta e sexta-feira mediadas por EUA, Egipto e Qatar que deverão prosseguir esta semana no Cairo.

O hospital Al-Aqsam em Deir al-Balah, onde no sábado já se tinham juntado muitos palestinianos para chorar a morte de 18 pessoas da mesma família, voltou ontem a ser cenário de consternação, dor, raiva e impotência de familiares junto aos corpos de uma mãe e dos seus seis filhos, o mais novo com 18 meses.

> **Que crime cometeram? O que foi que fizeram? O que foi que fizeram para merecer isto?**
> **Mohammed Khattab**
> Avô das seis crianças mortas

“Que crime cometeram? Mataram algum judeu? Dispararam contra os judeus? Lançaram *rockets* contra os judeus? Destruíram o Estado de Israel? O que foi que fizeram? O que foi que fizeram para merecer isto?”, desabafava o avô, Mohammed Khattab, em declarações à Reuters, durante o funeral.

RAMADAN ABED/REUTERS

Familiares choram os seus mortos ontem no hospital dos Mártires de Al-Aqsa, em Deir al-Balah, no centro de Gaza

Negociações “complexas”

Blinken vai ser recebido por um Netanyahu que parece querer continuar a ganhar tempo enquanto o seu exército prossegue com as operações militares no território ocupado. O gabinete de Netanyahu voltou a dizer que as conversações com vista a um cessar-fogo são “complexas” e sublinhou que estava a “conduzir negociações e não a ceder a negociações”.

“Gostaria de enfatizar: estamos a conduzir negociações e não é um cenário em que apenas damos e damos”, disse Netanyahu no Conselho de Ministros de ontem, referiu o seu gabinete em comunicado. “Há coisas em que podemos ser flexíveis e... coisas em que não podemos ser flexíveis, nas quais vamos insistir”, refere o primeiro-ministro israelita no texto, onde também sublinha que “a forte pressão militar e diplomática são a forma de assegurar a libertação dos nossos reféns”.

Também o Hamas se mostra inflexível na sua abordagem ao novo plano dos EUA para um cessar-fogo. O movimento palestiniano, que só participou nas negociações de Doha indirectamente, por considerar que já tinha dado o ‘sim’ a uma proposta de cessar-fogo apresentada em Julho, afirmou ontem que os comentários optimistas de Washington em relação à possibilidade de um acordo são “enganadores” e acusou Netanyahu de estar a inventar novas condições só para “fazer descarrilar” as negociações.

Os detalhes deste novo plano norte-americano não foram tornados públicos, mas a Reuters lembrava ontem que as partes estão em desacordo sobre se os soldados israelitas devem ou não permanecer na Faixa de Gaza depois do fim dos combates, nomeadamente ao longo do chamado do corredor Philadelphi (nome de código israelita para um corredor de 14 quilómetros ao longo da fronteira de Gaza com o Egipto) e sobre a existência de *checkpoints* israelitas dentro de Gaza para controlar o deslocamento de pessoas entre o Norte e o Sul do território.

Demite-se para não ser “cúmplice” de Israel

Um diplomata britânico demitiu-se por considerar que o Reino Unido “pode estar a ser cúmplice de crimes de guerra” de Israel na Palestina. Mark Smith, segundo secretário na embaixada britânica na Irlanda, tornou pública a carta de demissão em que critica a venda de armas britânicas ao Estado israelita.

“É com tristeza que me demito após uma carreira longa no serviço diplomático. Contudo, não posso desempenhar mais os meus deveres com o conhecimento de que este departamento pode ser cúmplice em crimes de guerra”, escreve. Em causa estão as acções militares israelitas contra civis em Gaza e o acordo de armas que o Reino Unido mantém com Israel.

María Corina Machado defende uma "transição negociada" na Venezuela

Leonete Botelho

A líder da oposição diz que "o mundo sabe" quem ganhou as eleições: "As nossas actas estão à disposição de quem quiser"

María Corina Machado, a líder da oposição na Venezuela e candidata presidencial escolhida em primárias que o regime impediu de concorrer, passou à clandestinidade depois de a justiça ter aberto uma investigação criminal contra ela e Edmundo González Urrutia, o candidato oficial que terá vencido as eleições de 28 de Julho, segundo um apuramento paralelo dos votos. Foi a partir de um lugar desconhecido que deu uma entrevista ao *El País* em que defende que "a melhor opção de Maduro é aceitar uma transição negociada".

"O mundo sabe que vencemos"; "as nossas actas estão à disposição para quem quiser analisá-las", afirma María Corina, sublinhando que, hoje, a situação na Venezuela "não é uma questão de esquerda ou direita", mas de "questões essenciais de direitos humanos", "liberdade *versus* totalitarismo", da "estabilidade democrática face a um regime que abala a estabilidade não só da Venezuela, mas da região".

Para a fundadora do partido Vente [Vamos] Venezuela, neste momento a prioridade número um é que "pare a repressão", e pede à comunidade internacional que faça "a denúncia que [a situação] merece": "Estamos a falar de Maduro, que se vangloria diariamente de ter mais de 2000 detidos. Estão a tirar testemunhas eleitorais das suas casas, procuram aqueles que foram voluntários no dia das eleições."

Depois, "é fazer Maduro compreender que a sua melhor opção é aceitar os termos de uma transição negociada", em respeito pelos resultados eleitorais, porque "a soberania popular não é negociável". "Em 25 anos nunca tínhamos estado aqui, com o regime tão fraco e nós tão fortes. Está a cair a farsa de que este é um país polarizado. As bases do chavismo estão connosco, as bases das Forças Armadas estão connosco. Já lhes tínhamos dado a derrota social, precisávamos de a ratificar com números para que o mundo inteiro soubesse o que já sabíamos", afirma.

Os números a que se refere são os que resultaram do apuramento paralelo de votos feito através de uma rede de *"comanditos"* que, distribuídos nas cerca de 30.000 mesas de voto, conseguiram obter mais de 24 mil actas eleitorais, que depois foram analisadas detalhadamente por académicos de renome internacional. Trata-se da iniciativa AltaVista Parallel Vote Tabulation (PVT), e, segundo essa análise, o candidato da oposição Edmundo González obteve mais de 66% dos votos, enquanto Maduro conseguiu apenas 31%.

Este sistema foi já verificado por dezenas de outros especialistas de renome internacional, como Francis Fukuyama, e órgãos de comunicação social como o *Washington Post* e a *Associated Press*. E cuja divulgação contrasta com a ausência de transparência dos resultados anunciados pelo Conselho Nacional Eleitoral, que só entregou as actas ao Tribunal Supremo da Venezuela (TSV) depois de intimado a fazê-lo, sem que até agora tenham sido divulgadas, como já pediram muitos outros países (EUA, Brasil, Colômbia e México, assim como a UE).

"As actas que temos são documentos oficiais da CNE. Sob as regras deles. Vencemos, o mundo sabe que vencemos", prossegue María Corina na entrevista ao *El País*. "Acredito que é uma posição que une todos os países do mundo quando dizem que devemos ter uma verificação imparcial das actas. As nossas estão disponíveis para que quem quiser analisá-las, verificá-las, possa fazê-lo. É para isso que serve o nosso banco de dados aberto", continua.

GABY ORAA/REUTERS



María Corina Machado no camião que foi depois apreendido

Mas, para o Supremo Tribunal, é como se não existissem. "Os membros da Plataforma Unitária [coligação da oposição liderada por Edmundo González] não apresentaram qualquer material eleitoral" ao tribunal, declarou a juíza Caryslia Rodriguez aos jornalistas e diplomatas no sábado, advertindo que a sua decisão de determinar o vencedor seria definitiva.

Questionada sobre as posições dos três países da esquerda moderada que têm estado a tentar uma solução negociada com o regime de Maduro – Brasil, Colômbia e México –, a líder da oposição diz "compreender que há países que tenham uma posição mais prudente para manter o canal de comunicação com o regime". Mas também afirma que estes três países "compreendem o enorme perigo para a América Latina" de Maduro se manter no poder "pela força": "Isso produziria uma onda migratória de três ou quatro milhões de pessoas no curto prazo."

Questionada sobre se receia ser presa pelo regime, a liberal não rejeita o cenário: "Na Venezuela, tudo é possível. Sinto que, no seu desespero, Maduro escolheu o caminho mais perigoso, entrincheirando-se, cercando-se de um alto comando militar. Acho que é um grande erro da parte dele e um grande risco para os venezuelanos."

PP quer Pedro Sánchez a testemunhar na Comissão do Senado espanhol por "encobrir a corrupção"

Cuca Gamarra, número dois do partido da oposição, veio dizer que o líder do Governo será convocado "o quanto antes"

O Partido Popular (PP) espanhol deu um passo em frente na sua intenção de convocar o presidente do Governo, Pedro Sánchez, para prestar declarações na comissão de investigação criada no Senado de Espanha. Embora sem especificar datas, a secretária-geral do partido, Cuca Gamarra, disse ontem à Europa Press que a convocatória terá lugar "o quanto antes", assim que for mais "útil" exigir responsabilidades políticas ao líder do Partido Socialista (PSOE) por "encobrir a corrupção" no seu partido, no Ministério dos Transportes com o "caso Koldo" e no seu próprio ambiente familiar.

Na opinião de Cuca Gamarra, "tornou-se claro que Sánchez está encurralado pela corrupção no seu partido, no seu Governo e no seu ambiente mais próximo, através da sua mulher e do seu irmão, e não deu explicações". Para Gamarra, "a única coisa que Sánchez está a tentar fazer é manter-se no poder para usar todas as alavancas do Estado para as usar em defesa dos seus e de forma a que a corrupção não o afecte do ponto de vista das responsabilidades políticas e criminais que possam existir".

A "número dois" do PP considera que uma coisa são as responsabilidades penais, a determinar pelos juízes e para os quais pede "que os deixem fazer o seu trabalho", a outra coisa são as responsabilidades políticas, que são resolvidas no Parlamento.

É por isso que o PP não está a pensar em convocar a mulher do presidente, Begoña Gómez, a comparecer no Senado. "Quem tem de dar explicações políticas e quem tem de assumir responsabilidades políticas é o presidente do Governo", afirmou.

Quando questionada sobre se Sánchez será convocado em Setembro, onde o PP tem maioria absoluta e domina a comissão de inquérito, Gamarra não especificou datas, mas que será "o quanto antes".

"Pedimos explicações a Pedro Sánchez em várias ocasiões e, até agora,



Cuca Gamarra garante "que Pedro Sánchez está encurralado pela corrupção", no partido, Governo e família

ele não foi capaz de dar nenhuma e terá de as dar através da Comissão de Inquérito do Senado", afirmou. "Temos cada vez mais informação para exigir que Pedro Sánchez apareça o quanto antes e que dê todas as explicações adequadas."

A líder do PP defende que "há razões" para chamar Sánchez a comparecer e considera que o líder do PSOE "se engana" ao pensar que vai conseguir livrar-se das responsabilidades políticas, uma vez que vão acabar por convocá-lo: "Quando tivermos toda a informação disponível para podermos fazer dessa comparência uma comparência útil e na qual também exigiremos responsabilidades sobre tudo aquilo de que ele tem conhecimento e não deu qualquer tipo de explicação", acrescentou.

Na sua opinião, no chamado "caso Koldo", a "cada dia que passa há mais e mais dados que fundamentam e provam que Pedro Sánchez teve conhecimento desde o primeiro momento da corrupção" no Ministério dos Transportes e no seu partido através dos seus altos-funcionários, porque o então ministro José Luis Ábalos "não era um qualquer", mas "nada mais, nada menos do que o número três do PSOE". Além disso, o actual ministro, Óscar Puente, mantém em funções "pessoas investigadas por corrupção pelos tribunais".

Segundo Cuca Gamarra, à medida que se vai sabendo mais informação sobre os encontros promovidos pela mulher do líder do Governo, "é mais claro" que o Palácio Moncloa se transformou num "*coworking* onde se procura fazer tráfico de influências para favorecer a *entourage* do presidente".

PÚBLICO/Europa Press

Serviço *prime* da EDreams alvo de centenas de queixas de clientes

Direcção-Geral do Consumidor e Deco encontram informação pouco "clara" e violação do regime das cláusulas contratuais gerais. ASAE já foi alertada

Rosa Soares

As queixas escrevem-se em português de Portugal, em português do Brasil, em espanhol, em inglês e, seguramente, em outras línguas, e resumem-se a um padrão comum: a compra de viagens através da agência de viagens *online* EDreams a um preço mais baixo do que nas companhias aéreas, sem a percepção clara de que isso implica a adesão a um serviço que tem um custo anual (em 2024) de 89,99 euros (no *prime plus*) ou de 69,99 euros (no *prime*), como alegam muitos clientes. E as queixas de consumidores aumentaram significativamente nos últimos meses.

Só em Portugal, e segundo números fornecidos ao PÚBLICO, o Portal da Queixa recebeu 1359 reclamações entre Janeiro e início de Agosto, bem acima das 509 registadas ao longo do ano passado. À Deco, associação para a defesa do consumidor, chegaram 150 no corrente ano, superando já, ainda que ligeiramente, o total de queixas recebidas em 2023.

Mas há mais. À Direcção-Geral do Consumidor chegou um total de 23 reclamações, cinco das quais relativas à subscrição do serviço *prime* (entre 2023 e 2024), e o Centro Europeu de Consumidor (Portugal) recebeu oito, desde 2021, todas sobre o serviço em questão, das quais três recebidas em 2024, tantas quantas ao longo do último ano.

As queixas verificam-se em vários países onde a EDreams está disponível, directamente ou através de subsidiárias, como a Opodo. Na vizinha Espanha, país onde a agência *online* centraliza grande parte das suas operações, podem ser encontradas na Organización de Consumidores y Usuarios (OCU) ou na Consumidor Global. E apenas para dar alguns exemplos, também há registos no Reino Unido, na Pissed Consumer, ou no Brasil, no Reclama Aqui.

As reclamações – uma situação que se arrasta há vários anos e que também se verifica noutras agências de viagem *online* – continuam a ter em comum, como já foi noticiado pelo *Jornal de Notícias* no ano passado, a surpresa de muitos consumidores perante a cobrança de valores nas contas bancárias, sem aviso prévio. Foi o que aconteceu a José Ribeiro, que ao conferir o extracto da sua conta bancária de Junho descobriu a cobrança, via cartão de crédito, de 89,99 euros, com a designação de "*annual prime*", pagamento que a instituição bancária lhe disse não ser possível anular.

Ao PÚBLICO, José Ribeiro disse ter contactado a EDreams, assegurando que "só comprou duas viagens no ano passado", "não tendo subscrito mais nada". Contudo, o colaborador da empresa insistiu que a compra que realizou pressupunha a subscrição do serviço *prime* e que a única coisa que conseguia fazer era devolver-lhe cerca de 45 euros. Ou seja, metade do valor retirado.

Práticas comerciais 'desleais'

O PÚBLICO tentou contactar a empresa pelos meios disponibilizados *online*, mas sem sucesso. Em muitas reclamações é referida a dificuldade de contactar esta empresa, e o Centro Europeu do Consumidor (CEC) refere que "a EDreams, por norma, não responde aos pedidos da Rede CEC (a resposta no âmbito da Rede CEC tem carácter voluntário). Contudo, o tratamento de reclamações específicas de clientes, com indicação de dados concretos, como o número de reserva, parece ser expedito.

Entretanto, em comunicado enviado ao *Jornal de Notícias* em Dezembro de 2023, a EDreams alegou que a adesão ao *prime* "está em conformidade com os regulamentos aplicáveis" e que é "um serviço opcional, que exige que os clientes adiram proactivamente, confirmando que leram e compreenderam os termos e condições". Acrescenta ainda que "os benefícios e detalhes da subscrição são apresentados de forma visível, garantindo que nenhum cliente adere sem conhecimento" e que "todos os clientes têm um período experimental gratuito de 30 dias para se familiarizem com o serviço antes de se comprometerem com o programa".

Entendimento diferente tem a Direcção-Geral do Consumidor (DGC) e a Deco. Na sequência das queixas recebidas, a entidade pública disse ao PÚBLICO ter feito "simulações na óptica do utilizador para analisar o processo de compra no *site* da EDreams, que está baseado em Barcelona, e verificar de que modo as condições da compra são ou não claras para o consumidor". E dessa simulação concluiu: "A DGC



DANIEL ROCHA



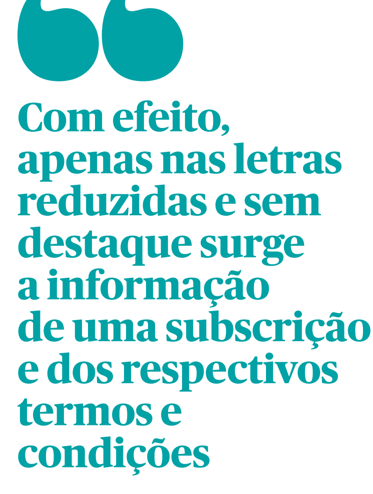
89,99

euros é o custo anual (em 2024) do serviço *prime plus* da EDreams, sendo de 69,99 euros na versão *prime* na plataforma de venda de viagens

NUNO FERREIRA SANTOS



Tem aumentado a marcação de viagens em plataformas *online*, mas as reclamações também



Com efeito, apenas nas letras reduzidas e sem destaque surge a informação de uma subscrição e dos respectivos termos e condições

Direcção-Geral do Consumidor

deu conta que, no decorrer da simulação de compra, são destacados os benefícios da tarifa *prime* vs. *prime plus*, não sendo claro, no nosso entendimento, que se trata da subscrição de um serviço pelo consumidor. Com efeito, apenas nas letras reduzidas e sem destaque surge a informação de uma subscrição e dos respectivos termos e condições", pode ler-se na nota enviada ao PÚBLICO.

A entidade, que tem competências específicas sobre a fiscalização da publicidade, e que recentemente detectou infracções na publicidade das tarifas aéreas nas redes sociais em cinco de dez agências de viagens fiscalizadas (que não identificou), vai mais longe: "Entende a DGC que estas práticas poderão ser enquadradas no regime das práticas comerciais desleais, estabelecido no Decreto-Lei n.º 57/2008, de 26 de Março, diploma que transpôs a Directiva 2005/29/CE." Regime este que "define práticas comerciais desleais susceptíveis de deturpar o comportamento do consumidor relativamente a certo bem ou serviço, levando o consumidor a adoptar um determinado comportamento que não adoptaria caso estivesse na posse de toda a informação". E acrescenta: "Estas práticas incluem ainda as situações em que ocorram omissões enganosas, ou seja, o profissional omite informação relevante para a tomada de decisão por parte do consumidor."

No seguimento desta avaliação feita, a DGC diz ainda que "comunicou" à Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) – a entidade fiscalizadora na matéria em causa – que "tinha sido detectada matéria passível de poder ser enquadrada no regime das práticas comerciais desleais no que diz respeito à subscrição da tarifa *prime*".

O PÚBLICO pediu informações à ASAE sobre esta comunicação, dados de reclamações ou eventuais fiscalizações, mas não obteve resposta desta autoridade pública.

Consumidores desatentos

Da análise à informação divulgada, Diogo Martins, jurista da Deco, associação para a defesa do consumidor, admite que "a ideia que passa, para quem é mais desatento – e o consumidor português é muito desatento –, é de que se trata de desconto". E, em alguns casos, "o consumidor só se apercebe do custo passado um ano" e, "às vezes, como são valores irrisórios para algumas pessoas, acabam por não se aperceber".

"A informação relativa ao período experimental varia muito", refere o mesmo responsável, adiantando que esta "nunca é passada ao consumidor de forma clara e completa", referindo-se em alguns casos que é de 30 dias, outras vezes de 15 dias e às vezes nem sequer aparece essa informação. Se o consumidor não cancelar, torna-se efectiva, uma prática que, garante Diogo Martins, vai contra o diploma das cláusulas contratuais gerais. "É proibida a imposição de renovação automática [de um serviço] através do silêncio da pessoa ou da outra parte, que muitas vezes nem sequer sabe que tem esse contrato", reforça.

O jurista diz não ter dúvidas de que "o contrato [de subscrição do serviço] é efectivamente ilegal", até pelo tamanho da letra em que é apresentada informação importante, que "viola" a legislação existente.

E assegura: "As reclamações que chegam através da Deco acabam por se resolver a bem ou a mal, seja do ponto de vista amigável, seja do judicial", esclarecendo que são resolvidas a bem quando o consumidor aceita recuperar 50% do montante cobrado, como tem sido proposto pela empresa, e a mal quando seguem a via litigiosa. Mas, em relação a esta última via, diz que nas situações acompanhadas pela Deco através do recurso à arbitragem "tem sido possível recuperar o valor integral".

O que fazer para contestar cobrança que considera indevida?

DGC aconselha apresentar queixas junto da ASAE e tentar resolução amigável

As reclamações de consumidores deixados no Portugal da Queixa, na Deco – Associação para a Defesa do Consumidor, ou junto de outras entidades, em relação à cobrança de valores relativos à adesão a tarifas *prime* da EDreams têm tido desfechos diferentes. Alguns consumidores referem que a agência de viagens *online* devolveu a totalidade do valor pago, mas a maioria dos relatos refere a devolução de apenas 50%. Mas há ainda situações em que os particulares não conseguem recuperar qualquer valor, relatando, em alguns casos, dificuldade em contactar a empresa.

Sobre os meios de defesa, nomeadamente para recuperar de valores pagos, a Direcção-Geral do Consumidor (DGC) começa por aconselhar os particulares a apresentarem uma reclamação junto da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE), que é a entidade fiscalizadora das actividades económicas em Portugal, e a sua conformidade com a legislação nacional.

Nos casos em que tenha havido uma cobrança indevida por parte da empresa, nomeadamente por falta de informação prestada, práticas comerciais desleais, a DGC refere que "o consumidor pode tentar obter junto do banco o estorno da quantia debitada ou recorrer ao Centro Europeu de Consumo (CEC) Portugal para tentar uma resolução amigável do conflito de consumo".

Em resposta a questões do PÚBLICO, esta entidade refere que, tendo em conta que a EDreams tem a sua actividade baseada em Espanha, e que aderiu ao tribunal de arbitragem da Comunidade Autónoma de Madrid, "os consumidores podem ainda recorrer a esta entidade para resolução alternativa de conflitos de consumo". Acrescentando ainda que "também é possível o recurso ao Processo Europeu para acções de pequeno montante, através do qual é possível simplificar e acelerar litígios transfronteiriços até cinco mil euros".

Os contactos do Centro Europeu de Consumo e da Rede de Resolução Alternativa de Litígios estão disponíveis no *site* da DGC.

A Deco destaca a importância da apresentação de reclamações por escrito, e não por telefone, de forma a garantir a obtenção de meios de prova relativamente aos pedidos de cancelamento do serviço ou a devolução de valores cobrados, assegurando que esses elementos serão importantes no caso de uma reclamação, se for esse o desejo do particular.

Em declarações ao PÚBLICO, o jurista da associação de defesa dos consumidores, Diogo Martins, assegura que "as reclamações que chegam através da Deco acabam por se resolver a bem ou a mal, seja do ponto de vista amigável, seja do judicial", esclarecendo que são resolvidas a bem quando o consumidor aceita recuperar 50% do montante cobrado, como tem sido proposto pela empresa, e a mal quando seguem a via litigiosa.

E destaca a importância de os consumidores apresentarem reclamações, para "obrigar as empresas a mudarem de postura", uma vez que, apesar dos alertas, "continua a ver-se muita gente a contratar os serviços da EDreams, ou através de outros intermediários".

O jurista diz não ter dúvidas de que os consumidores têm razão em relação à forma como é feita a subscrição do serviço, que "é efectivamente ilegal", lembrando que existem "outras ilegalidades, como o tamanho da letra apresentada, que é inferior ao permitido por lei – é mesmo uma prática abusiva e proibida".

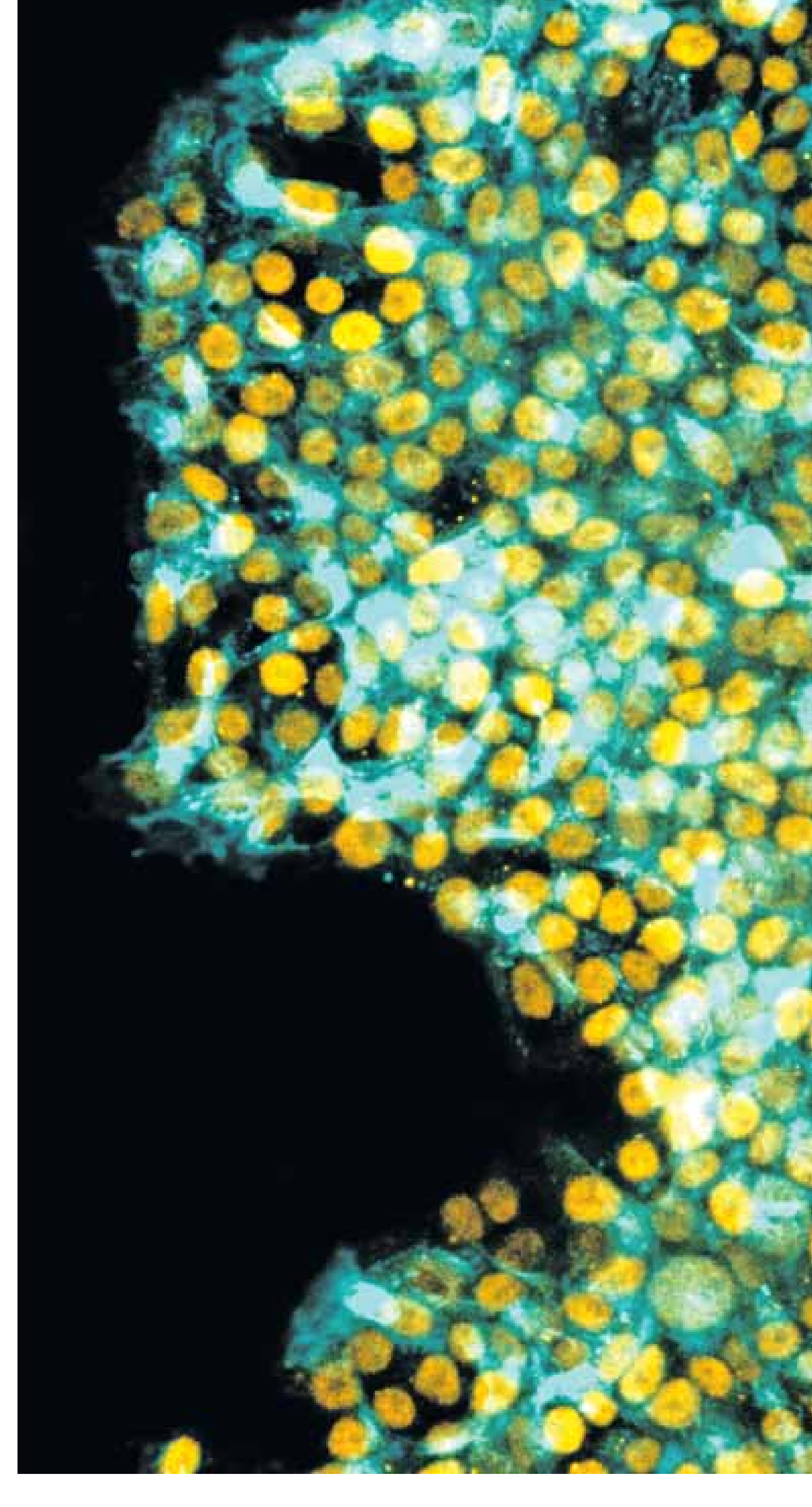
Lembra ainda que "muitos centros de arbitragem são gratuitos ou têm taxas muito reduzidas, e em dois ou três meses têm julgamento.



História (demasiado longa) da despublicação de um artigo científico

É legítimo perguntar por que motivo se demorou 22 anos a retirar o artigo de Catherine Verfaillie, apesar de este ter sido oficialmente questionado várias vezes desde a sua publicação

João Ramalho-Santos



Embora não seja imune a contextos histórico-sociais, a ciência tem processos de validação muito próprios, que, não sendo perfeitos, regra geral funcionam. Por exemplo: quando se descobre que os resultados de um artigo científico não são verdadeiros (devido a erro ou fraude), é obrigação da comunidade científica retirar o dito artigo de circulação o mais rápido possível. Ora, em 2002 foi publicado um artigo na revista científica *Nature* demonstrando, em essência, que certo tipo de células estaminais retiradas de indivíduos adultos podia dar origem a quaisquer outras células do nosso organismo, caso fossem colocadas em determinadas condições. Isto pode não parecer muito revolucionário a quem já tenha ouvido falar de células estaminais, mas, e esse é um problema recorrente nesta área, lá por se chamarem todas “estaminais”, diferentes tipos de células têm propriedades distintas.

Antes de 2002, as únicas células estaminais que podiam formar todas as células do nosso organismo eram as chamadas “células estaminais embrionárias”, retiradas de embriões (que eram destruídos para as obter). As células estaminais adultas focadas no artigo só podiam formar alguns tipos de células, relacionados com a renovação regular de certos tecidos nos quais se encontravam (sangue, pele, aparelho digestivo, etc.).

Ter células estaminais adultas capazes de originar todos os tipos celulares – no fundo, fazerem o que as células estaminais embrionárias faziam – era de facto revolucionário. Daria um ímpeto enorme à chamada “medicina regenerativa”, permitindo substituir células danificadas por outras saudáveis, produzidas a partir do próprio doente. Daí o interesse da *Nature*, daí a muita atenção que o artigo mereceu.

A cientista responsável, Catherine Verfaillie, ganhou vários prémios e acabou por regressar à sua Bélgica natal (estava na Universidade do Minnesota, EUA), onde teve todas as condições para continuar o trabalho, com um programa muito ambicioso na Universidade Católica de Lovaina (sua *alma mater*).

Como todos os artigos que mostram resultados extraordinários, a primeira coisa que acontece é outros cientistas tentarem repetir as mesmas experiências, para depois se ir mais além. E logo aí começaram os problemas, porque não foi possível. E não, necessariamente, devido a fraude, mas por erros e interpretações demasiado optimistas e enviesadas de resultados que não eram tão promissores como pareciam à primeira vista.

No entanto, não houve uma acção enérgica para retirar o artigo de circulação. E, ao contrário de vários outros artigos de Catherine Verfaillie que foram retirados de publicação ao longo da sua carreira, este continuou activo, numa espécie de limbo. Algo que se explica de duas maneiras.

Em 2006, surgiu a possibilidade de manipular células adultas, transformando-as nas chamadas “células estaminais pluripotentes induzidas”, essas, sim, capazes de originar todas as células do nosso organismo. Com uma diferença importante em relação ao trabalho de 2002: apesar de exigente, todos os grupos do mundo conseguiam repetir esta nova metodologia. De tal ordem que Shinya Yamanaka, o investigador responsável, ganharia o Prémio Nobel apenas seis anos volvidos. Ou seja, deixou de haver interesse de cientistas; para quê continuar a questionar um trabalho, se havia alternativa melhor?

22

anos é o tempo que um artigo de Catherine Verfaillie sobre células estaminais adultas, na revista *Nature*, demorou a ser retirado de publicação, até 2024

Mas nem só de cientistas vive o mundo e a outra razão para este trabalho sobreviver no imaginário colectivo diz respeito ao facto de ter sido utilizado recorrentemente como argumento para a não-utilização de embriões humanos em investigação (ou, mesmo, para a proibição dessa investigação). Se células adultas resolviam o problema, e faziam o mesmo que as embrionárias, para quê destruir embriões e entrar num pântano ética e legalmente carregado?

De facto, mesmo havendo dúvidas legítimas quanto à validade do trabalho, eram de pouca monta em discussões éticas onde este artigo foi sendo citado ao longo de muitos anos, teses e discussões. Apesar de poder ser exasperante para quem conhecia a área, não foi por mal, ninguém é obrigado a saber tudo.

Acontece que, sem grandes chamadas de atenção considerando o debate que gerou, o artigo foi oficialmente retirado a 17 de Junho de 2024, significando isto que, 22 anos depois, se pode finalmente dizer que os seus resultados não são verdadeiros. No entanto, é o artigo retirado de publicação mais citado de sempre.

Note-se que o mesmo não sucedeu com outros trabalhos similares posteriores (bombásticos e não repetíveis) sobre células estaminais, como o trágico “caso STAP” no Japão, também referente a artigos publicados na *Nature*, mas em 2014.

Neste caso, as experiências sugeriam que bastava expor quaisquer células a certos estímulos stressantes, para estas adquirirem características de células estaminais embrionárias pluripotentes – STAP significava “*stimulus-triggered acquisition of pluripotency*”, ou “aquisição de pluripotência desencadeada por estímulos” –, algo ainda mais revolucionário do que o artigo de Catherine Verfaillie, porque aplicável a quaisquer células, não apenas às estaminais.

Era, até, potencialmente mais revolucionário do que o trabalho de Shinya Yamanaka, porque a metodologia em causa era muito mais simples. Tão simples que qualquer laboratório poderia tentar repetir as experiências – o que, mais uma vez, não se revelou possível.

Só que, neste caso, os artigos rapidamente foram denunciados e retirados, com a cientista que realizou a maioria dos estudos (Haruko Obokata) a ser punida, ao contrário dos seus co-autores mais velhos e conhecidos. A excepção foi o orientador directo de Haruko Obokata, Yoshiki Sasai, que, acusado de negligência na supervisão da investigadora, se suicidou por enforcamento no próprio laboratório. Tudo isto em 2014.

É certo que, nessa altura, já tinha havido bastantes desenvolvimentos na investigação, divulgação e denúncia deste tipo de problemas. Por exemplo, o *site* RetractionWatch, que informa sobre artigos retirados de forma sistemática, foi fundado em 2010. O *site* PubPeer, uma comunidade na qual investigadores comentam artigos que suspeitam ter problemas graves, apareceu em 2012. Por último, surgiu a figura do “detective científico”, cientistas que dedicam parte do seu tempo a tentar detectar resultados falsos. A mais emblemática, a neerlandesa Elizabeth Bik, começou a dedicar-se a este assunto em 2013.

Seja como for, é legítimo perguntar por que motivo se demorou 22 anos a retirar o artigo de Catherine Verfaillie, apesar de este ter sido oficialmente questionado várias vezes desde a sua publicação. Porque ninguém gosta de admitir que errou? Porque

DR

VIB



Ao lado, células estaminais pluripotentes induzidas humanas, que são células adultas e diferenciadas que foram manipuladas de forma a originarem todas as células do nosso organismo, um feito só alcançado em 2006. Em cima, a cientista belga Catherine Verfaillie

Foi péssimo este artigo estar disponível como sendo verdadeiro tanto tempo, porque agências de financiamento continuaram a financiar estudos sem interesse

dá “mau aspecto” para a revista que o publicou, e em 2002 as revistas científicas tinham uma política (um pouco) mais opaca do que agora, também devido ao menor escrutínio *online* (como houve, de forma muito rápida e incisiva, no “caso STAP”)? Porque era desagradável pôr em causa uma cientista conceituada? E porquê agora? Era demasiado óbvio e ninguém, nem os próprios autores do artigo, tinha dúvidas de que era a melhor coisa a fazer? Porque Catherine Verfaillie tinha passado a professora emérita?

Talvez seja mais interessante discutir um outro aspecto. Para além de ser muito provável que, à semelhança de outros casos, o artigo continue a ser citado por quem não sabe da sua despublicação – ou a quem interessem as suas conclusões, mesmo erradas –, é preciso perceber que, para uma análise mais macro da história da ciência, este assunto é uma mera curiosidade, faz parte integrante do processo científico, e não tem problema nenhum. É certo que 22 anos é muito tempo, mas, se considerarmos a posição da Terra no cosmos, entre Ptolomeu e Copérnico decorreu bem mais. No fim de contas, demorou, mas chegou-se ao sítio certo, e só isso interessa.

É verdade, mas não é bem só isso que interessa. É que este artigo estar disponível como sendo verdadeiro tanto tempo foi péssimo, porque agências de financiamento (que também não podem saber tudo em todas as áreas) continuaram a desperdiçar fundos a financiar estudos sem qualquer interesse. E porque, também por isso, investigadores em busca de um projecto entusiasmante na área das células estaminais (sobretudo se recém-chegados) achavam que este artigo era um excelente ponto de partida, com muito para explorar. Talvez se questionassem porque ninguém tinha desenvolvido mais o trabalho, e se sentissem afortunados por terem ideias originais num campo fértil.

Mas a verdade é que essas ideias estavam longe de ser originais: muitos as tinham tentado, com o mesmo entusiasmo inicial. Não havia era desenvolvimentos publicados que se pudessem consultar antes de iniciar uma jornada com tudo para correr mal. Apenas os resultados negativos de quem não tinha conseguido repetir as experiências do grupo de Catherine Verfaillie, e que, se alguma vez os tinha publicado, não tinha certamente sido na *Nature*. E assim se perde tempo, estragam carreiras e se desperdiça dinheiro de forma totalmente inútil.

Exagero? Nem por isso, há vários projectos recentes baseados noutros artigos errados, mas, como ainda não foram oficialmente corrigidos ou retirados de publicação, os jovens cientistas que submeteram esses projectos não o sabem. Valorizam-se os únicos resultados positivos (publicados em excelentes revistas como *Cell* e *Science*), mas não os negativos, que são muitos mais, só que foram publicados com muito menor destaque. A aparência de sucesso interessa, a não-confirmação muito menos.

É só numa área específica? Claro que não, problemas desta natureza existem em todas; e só se espera que não demorem 22 anos a corrigir. Nessa perspectiva, seria muito positivo promover, apreciar e publicitar mais a publicação em acesso aberto de resultados confirmatórios (que validem o que foi descoberto) ou de resultados negativos (de coisas que não resultam, que se tentaram sem sucesso) - algo muito mais útil do que o que pode parecer à primeira vista.

Era bom que no treino e avaliação de jovens investigadores (e seus supervisores...) estes aspectos fossem acautelados. Ou que alunos incluam estes resultados nas suas teses de mestrado e doutoramento. Porque, muitas vezes, os editores das revistas científicas sugerem que este tipo de informação seja removido dos artigos, “de modo a narrativa ser mais clara”, “para não ocuparmos muito espaço com coisas que não deram nada” ou “não deram o que ‘era suposto’”. Um pedido algo estranho quando já não se publica em papel, mas trata-se de um viés profundo quanto à apresentação de narrativas em trabalhos científicos, e que está muito entranhado.

A questão é que a história (fantástica) do progresso científico está pejada de erros e becos sem saída, geralmente só é triunfal em histórias construídas *a posteriori*. E tende a ser esse tipo de histórias que somos ensinados a escrever, que enchem os livros de texto e a memória colectiva, criando falsas expectativas. Sobretudo: com tantas incertezas em qualquer carreira, não vale a pena investigadores perderem tempo onde muitos outros já o perderam, exactamente da mesma maneira. A ciência é espectacular e iluminadora; e o erro faz parte integrante do seu percurso. Na verdade, sem correr o risco de errar não fazemos grande coisa, em ciência como na vida. Mas os erros são só úteis se houver mecanismos robustos para os corrigir.

Biólogo da Universidade de Coimbra

Em Paredes de Coura com os Fontaines D.C., uma grande banda a tornar-se banda grande

A fechar o festival, o grupo irlandês coroou uma maratona de guitarras ao longo da qual os Slowdive mostraram porque são lendas do shoegaze e os Superchunk se estrearam em Portugal

Daniel Dias Texto
Paulo Pimenta Fotografia



O último dia do Vodafone Paredes de Coura foi também o da maior enchente desta edição do festival. A garantia dada horas antes pela organização pôde ser validada pela observação empírica, escassos momentos antes de os Fontaines D. C., talvez uma das bandas mais interessantes a fazer rock actualmente (ou pós-punk, ou pós-punk com traços góticos, ou o que se lhe queira chamar), ocuparem o palco principal – no qual pudemos ver, mal se acenderam as luzes, a bandeira da Palestina. Todos querem ver a banda irlandesa que há apenas cinco anos, na primeira música do seu primeiro álbum, proclamava: "*My childhood was small/ but I'm gonna be big*." O vocalista Grian Chatten não estava propriamente a ser autobiográfico quando escreveu esse verso – *Big*, como a banda já explicou em tempos, olha para o que a ambição desmesurada tem de doentio –, mas seja como for, e esteja o grupo preparado emocionalmente para isso ou não, a profecia está a cumprir-se.

Foi um concerto de banda grande, ou de uma grande banda, aquele que os Fontaines D.C. deram em Paredes de Coura dois anos depois da sua estreia em Portugal, no palco secundário do Nos Alive. Passando pelos três discos de estúdio até agora editados, e até por um quarto que está mesmo prestes a sair – *Romance* chega já na sexta-feira –, o grupo montou um alinhamento que deu força à ideia de que é uma das bandas mais cativantes neste momento a usar guitarras e não só para questionar o mundo e o seu lugar nele.

Vestindo uma *T-shirt* dos Rolling Stones e calções *baggy*, e tapando os olhos com óculos de sol – pode não ser tique de vedeta, pode ser mecanismo de defesa –, Grian Chatten, o elemento que faz tudo isto funcionar, com a sua voz singular e a sua relação bem trabalhada com a metáfora, foi de uma Irlanda que não apoia os seus jovens – "*Hold a mirror to the youth and they will only see their face*", dispara numa essencial *I love you* – àquilo que é ser um irlandês a viver em Londres (ou, em termos mais globais, àquilo que é procurar comunidade longe de casa), da renúncia ao pensamento próprio e independente perante a pressão para se ter a opinião "certa" (*Televised mind*) à distopia do mundo moderno. "*In the modern world, I don't feel anything/ I don't feel bad*", ouvimos, sentindo o vazio das palavras, numa música do novo álbum, que, a julgar por este e outros temas, amplia a paleta sonora da banda: se nesta canção temos guitarra acústica e arranjo de cordas a dialogar, numa *Starbuster*, que já está cá fora e é já uma favorita entre os fãs, dá-se uma aproximação ao hip-hop.

Com soluções sempre interessantes e muitas vezes simples, os guitarristas Carlos O'Connell e Conor Curley contribuem para que a música dos Fontaines D.C. adquira contornos soturnos e de vez em quando até algo sinistros. Momentos há em que Grian Chatten eleva a visceralidade com que expulsa de si as suas narrativas e o baixista Conor Deegan faz o contraponto, cantando uma segunda melodia calmamente, como se aquele caos ou aquela purga não estivesse a passar por ele. Existe muita urgência nesta música, muita vitalidade.

Os Fontaines D.C. são um caso cada vez mais sério, e foram os protagonistas de um último dia do festival em que o foco incidiu sobre as guitarras e o rock de diferentes índoles

Os Fontaines D.C. são um caso cada vez mais sério, e foram os protagonistas de um último dia em que o foco incidiu sobre as guitarras e o rock de diferentes índoles. Houve, espalhada pelos dois palcos do festival, bastante veterania no fecho do Paredes de Coura 2024: os Slowdive mostraram o porquê de possuírem um lugar cativo na história da música alternativa e do shoegaze, os The Jesus and Mary Chain deram um concerto assim-assim e os Superchunk compensaram, tanto quanto possível, os 35 anos ao longo dos quais nunca haviam tocado em Portugal.

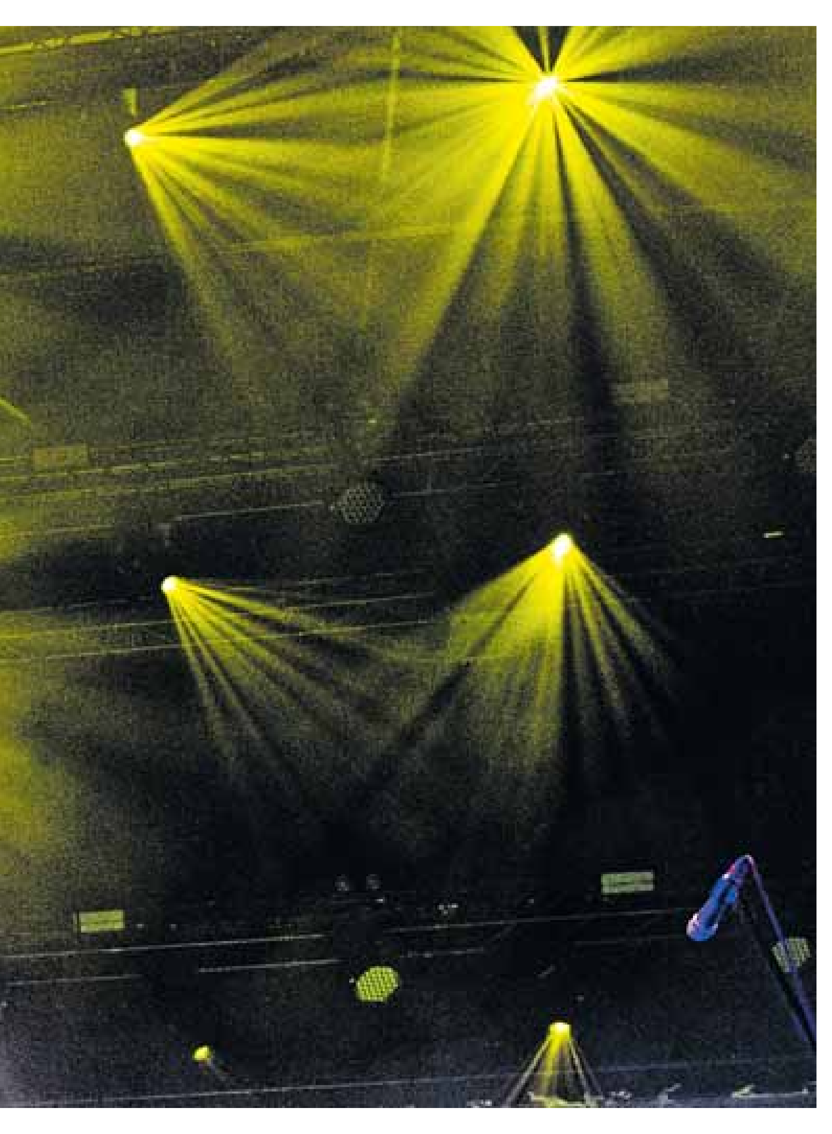
Slowdive além do *déjà vu*

Comecemos pelos Slowdive. Desde que em 2017 puseram fim a um hiato de quase duas décadas e regressaram com um álbum homónimo, apenas o quarto da sua carreira, que os britânicos têm sido uma presença regular nos palcos nacionais. Habituámo-nos a tê-los por perto. Na noite de sábado, o grupo voltou a encontrar-se com o público português. E deu um muito bom concerto, digno de uma das bandas seminais do shoegaze. Um concerto para não nos cansarmos de os termos por cá.

Esta foi a sua primeira apresentação em Portugal desde o lançamento, no ano passado, de *Everything is Alive*, o segundo álbum nascido do reencontro. A inclusão de alguns temas novos no alinhamento não mata a sensação de *déjà vu*. Mas arranjaremos sempre tempo na agenda para canções incríveis como *Souvlaki space station* ou a mais recente *Star roving*. Arranjaremos sempre tempo para as guitarras salvíficas de Neil Halstead, que dão abrigo e amparam a queda.

O desgaste na voz de Halstead, principal compositor do grupo, leva a que *Alison* – uma das melhores canções de sempre aqui e em Saturno, até onde a música, sonhadora e eufórica, ascende – tenha hoje de ser tocada num tom mais grave, o que é uma pena, pois limita a sua capacidade de nos fazer flutuar e pensar que afinal podemos aproximar-nos, com as pontas dos nossos dedos, do céu estrelado. Mas chegamos ao final e a catarse é sempre imaculada, porque *Alison* é incapaz de não soar bem. E se a desilusão experimentada ao ouvir o início da canção e tomar nota da sua nova configuração é um dos principais pontos a lamentar, é porque o con-







Grian Chatten é o elemento que faz os Fontaines D.C. funcionarem, com a sua voz singular e a sua relação bem trabalhada com a metáfora

certo foi mesmo bom. A muralha de som dos Slowdive ainda nos conforta, ainda nos apazigua.

Menos impressionantes foram os The Jesus and Mary Chain, que lhes sucederam no palco principal (Rachel Goswell, ela própria com a voz naturalmente algo desgastada pelo passar dos anos, regressou ao palco de onde saíra uma hora antes para participar discretamente no clássico *Just like honey*). O concerto da veterana formação escocesa oscilou entre o talento e o aborrecimento. Por vezes, a banda de rock alternativo/noise pop/etc. que influenciou tanta gente aparecia, encharcando com perícia óptimas canções pop em doses apetecíveis de ruído. Mas momentos houve, também, em que o compositor e vocalista Jim Reid parecia quase entediado consigo próprio, ou passava a imagem de que estava apenas a cumprir calendário. Um alinhamento com algumas escolhas menos interessantes e um punhado de pausas compridas entre canções ajudam a contar a história de um concerto que não fica para a história.

Sonhos indie cumpridos

Concluído o concerto dos The Jesus and Mary Chain, não foram muitos os que fizeram a curta peregrinação até ao palco secundário para ver os Superchunk. Uma pena, porque a banda da Carolina do Norte, formação fundamental para se contar a história do indie rock americano nos anos 1990, deu tudo – e, felizmente, recebeu muito carinho dos poucos curiosos e convertidos presentes. Foi uma coisa linda, ver o vocalista, guitarrista e compositor Mac McCaughan a correr e a saltar como se fosse 1994 – ano de *Foolish*, óbvio candidato a um dos melhores discos da banda e cujo 30.º aniversário foi justificação para que vários dos seus temas povoassem o alinhamento. Independentemente da efeméride, *Driveway to driveway*, uma das melhores canções sobre corações partidos feitas nos anos 1990 por pessoas que gostavam de guitarras e sentiam as coisas intensamente, nunca teria faltado. Sonhos *indie* foram cumpridos naquela madrugada em Paredes de Coura.

É possível que os Superchunk tenham influenciado de alguma forma os Hotline TNT, quarteto nova-iorquino que actuou horas antes no mesmo palco e que vem sendo descrito pela imprensa internacional como uma nova força do shoegaze a ter em conta, embora chamar à sua música estritamente shoegaze seja motivo de alguma contenda – para não ocuparmos demasiado espaço com questões de catalogação, diremos só que misturam noise pop com indie rock e a ideia de volume imponente do shoegaze. As guitarras melódicas são devedoras de Dinosaur Jr. – pobre guitarrista principal, que, com a perna engessada, teve de tocar sentado –, e há uns ares de Weezer dos primórdios na maneira como Will Anderson faz a sua auto-avaliação sentimental e a canta. As harmonias vocais são uma componente importante – pena que, num par de ocasiões, tenham saído bastante ao lado. A primeira impressão com que ficamos é a de que ainda falta algo (algo de original, algo de urgente) a estes Hotline TNT. Mas podemos estar a ser injustos: ainda só escutámos *Cartwheel*, o álbum do ano passado que colheu avaliações bastante interessantes, "na diagonal".

Fora do espectro rock, ainda que não necessariamente muito longe, o último dia de Paredes de Coura teve ainda Alynda Segarra, ou Hurray for the Riff Raff, como se chama o quarteto do qual é a principal figura. Abriu o palco principal com um breve concerto em que passou pelas canções do seu nono álbum, *The Past Is Still Alive*. A perda do pai, a epidemia de opióides nos Estados Unidos, relacionamentos com muitos factores a conspirar contra eles ou outras memórias traumáticas estão na base de canções de alt-country que estendem a mão. O concerto não foi visto por muita gente, mas o disco merece uma escuta doméstica.

O Vodafone Paredes de Coura regressará de 13 a 16 de Agosto de 2025, anunciou ao fechar do pano a organização do festival.

Morreu Ana Faria, criadora dos projectos *Brincando aos Clássicos* e Queijinhos Frescos

Marta Sofia Ribeiro

(1949-2024) Democratizou a música erudita junto das crianças no Portugal dos anos 80; na década seguinte, forjou os Onda Choc

Ana Faria, ícone da música infantil dos anos 1980 e 1990 e mentora de projectos tão populares como a série de discos *Brincando aos Clássicos* ou a banda de adolescentes Onda Choc, morreu anteontem, aos 74 anos.

Foi em 1969 que se tornou conhecida, na estreia do programa de televisão *Zip-Zip*, onde cantou *Canção de embalar*, de Zeca Afonso, e *Avé Maria do povo*, popularizada por Simone de Oliveira. Depois dessa participação esteve "quase para editar um disco", como escreveu o radialista e investigador musical João Carlos Calixto no Facebook. Mas os seus primeiros álbuns, que marcaram uma geração, só surgiram na década de 1980. O primeiro, *Violeta Flor*, contava com canções originais da própria, de Heduíno Gomes, seu marido, e de Mário Piçarra, com quem partilhou a aventura de outro projecto musical, os Terra a Terra, ligado à recolha do cancioneiro popular.

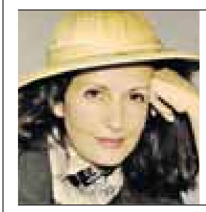
As andanças com a música erudita viriam depois, como contou numa entrevista ao *Jornal de Notícias* (*JN*) em 2004: "Trauteava músicas eruditas com letras minhas em português e isso despertou a atenção dos meus filhos e dos seus amigos. Todos queriam ouvir-me cantar. Depois, dava-lhes a ouvir o original." Daí nasceu *Brincando aos Clássicos* (1982), um disco cheio de adaptações de temas de compositores clássicos como Beethoven, Mozart, Chopin ou Verdi, transformados em canções para um Luís que "nunca foi a Paris", uma Clara com medo das pombas, uma Catarina tão tagarela que até "dá dores de cabeça" ou um Miguel de "olhos de mel".

João Carlos Calixto não tem dúvidas de que estes álbuns foram "importantíssimos para a educação do gosto de tantas e tantas crianças de então". Ana Faria democratizou estes compositores, combatendo o elitismo que caracterizara o acesso à educação e à fruição musical durante o Estado Novo.

"O estudo e conhecimento da música 'dita erudita' estavam reservados aos grupos sociais com maior capacidade financeira. A chegada destes géneros musicais, através de novas letras feitas por ela em português, transformou as canções em organismos vivos – pois eram a recriação das histórias de vida daquelas crianças. Ana Faria trouxe estas melodias ao conhecimento de muita gente. Popularizou e democratizou são termos perfeitamente justos", diz o investigador ao PÚBLICO.

Tal foi o sucesso do projecto que um ano depois Ana Faria lançou um segundo volume, editado pela CBS Portugal, igualmente produzido pelo marido.

Os três filhos de Ana Faria – João, Nuno e Pedro Faria Gomes – faziam parte da massa de vozes de *Brincando aos Clássicos* e, em 1984, tornaram-se célebres sob o nome Queijinhos Frescos. É também em 1984 que é editado o álbum *Ana Faria e os Queijinhos Frescos*. No ano seguinte, lançaram *Batem Corações* e também o *single* que seria o tema do programa *Jornalinho*, da RTP.



Os projectos musicais de Ana Faria foram uma aventura familiar que partilhou com o marido e os três filhos

Heduíno Gomes e Ana Faria sempre trabalharam juntos e, em 1986, criaram os Onda Choc, que puseram uma geração inteira a cantar *Ele é o rei*, *Era um biquíni pequenino às bolinhas amarelas* ou *Ela só quer, só pensa em namorar*. Ela escrevia as letras, ele tratava do resto: era responsável pelo repertório, dirigia os *castings* e até chegou a tirar fotografias para as capas dos discos. Em entrevista ao *Diário de Notícias* em 2019, Heduíno Gomes afirmou que o projecto resultou porque as músicas infantis "eram todas uma desgraça, era uma estupidificação enorme das crianças".

A carreira de Ana Faria na música não durou muito. Com o tempo, acabaria por se dedicar à pintura, arte que já desenvolvia antes de começar a cantar. Chegou a lançar livros, que escreveu e ilustrou, mas nunca gostou muito de ser conhecida. Em 2004, dizia na mesma entrevista ao *JN*: "Não me assusta a fama, mas não gosto de ser o centro de tantas atenções. Lido mal com tanta exposição."

com Miguel Dantas

CLASSIFICADOS

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. **21 011 10 10/20** Fax **21 011 10 30**
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H







Aviso
Recrutamento
Assistente Operacional - Eletricista

Torna-se público que, a Unidade Local de Saúde de Santa Maria, E.P.E., está a recrutar Assistentes Operacionais – Eletricistas, para celebração de contrato de trabalho sem termo, ao abrigo do Código de Trabalho.
As candidaturas devem ser formalizadas, no prazo de 10 (dez) dias úteis, a contar da publicitação deste anúncio, exclusivamente por via eletrónica, através do email: candidaturas@ulssm.min-saude.pt

Requisitos de candidatura:

- Idade mínima 18 anos;
- Habilitação literária mínima obrigatória para o grupo etário, reconhecida em território nacional;
- Disponibilidade para trabalhar por turnos (manhãs, tardes e noites, incluindo fins de semana);
- Credenciados em baixa e média tensão (preferencialmente)

Lisboa, 19 de agosto de 2024

O Diretor do Serviço de Recursos Humanos
Rogério Fernandes Costa

EDITAL

ULS S. JOSÉ - PÓLO H. JÚLIO DE MATOS

Para os devidos efeitos, informa-se os herdeiros dos doentes falecidos no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, que se encontra à disposição os espólios deixado pelos mesmos, devendo os interessados ou seus representantes legais requerê-lo no prazo de ano após a data da publicação do seu edital:

- Mario Ferreira Mendes, Gabriel Rosa Gomes, Francisco Espirito Santo, José Duarte Oliveira, Teresa Maria Santos Júnior, Ana Maülde Figueiredo, Armindo J. M. Femandes, Maria da Silva, António Mendes Ribeiro, José M. D. B. Carrojote, José Fernandes Trindade, Eurico José Duarte, Carlos Alberto S. Moreira, Rosa Maria Lopes Silvestre, Rui Alves, Mário Rui R. Sanches. José Pacheco Custódio, Ema Duarte Gorgulho, Carlos Manuel J.P. S. Melo, Vitor Fernando Graça, José Augusto dos Santos, Femando José A. Pires, Rodolfo Ferreira Conceição.





Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país. Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril
Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente, n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra
Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal
Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim
Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org


DAVID KLEIN/REUTERS

Erling Haaland marcou o primeiro golo do Manchester City contra o Chelsea

Mais de mil milhões depois, o Chelsea de Boehly continua sem equipa

Os londrinos voltaram a ser o clube que mais dinheiro gastou na Premier League, mas arrancaram o campeonato derrotados em Stamford Bridge pelo Manchester City

David Andrade

A sudoeste de Londres, nada de novo. Mais uma vez, o Chelsea foi a equipa que mais dinheiro gastou em contratações na Premier League, mas, tendo mais de 40 jogadores no plantel e mais reforços a chegar – João Félix deve ser anunciado em breve nos "*blues*" –, entrou com o pé esquerdo na Liga inglesa. Em Stamford Bridge, mesmo mostrando momentos de qualidade, o Chelsea de Enzo Maresca não conseguiu travar o Manchester City, que iniciou a defesa do título com uma importante vitória, por 2-0. Em Espanha, o Real Madrid entrou com o pé esquerdo no campeonato e perdeu dois pontos na viagem a Maiorca.

Os anos vão passando e os treinadores também, mas os milhões de Todd Boehly continuam a não ser a solução para os problemas do Chelsea. Desde que em Maio de 2022 o norte-americano Boehly sucedeu ao russo Roman Abramovich como proprietário dos "*blues*", o emblema londrino contratou quatro dezenas de jogadores e investiu cerca de 1,3 mil milhões de euros em contratações. Os resultados, no entanto, continuam sem aparecer.

Após o sexto lugar na Premier League 2023/24, a quase 30 pontos do City, Boehly trocou de treinador – o italiano Enzo Maresca substituiu o argentino Mauricio Pochettino – e gastou 189 milhões de euros em contratações: o português Pedro Neto, foi o mais caro (60 milhões). No entanto, com João Félix prestes a ser anunciado como o próximo reforço a chegar a Stamford Bridge, o Chelsea de Maresca arrancou o campeonato com um "onze" em que não houve lugar para qualquer contratação.

> **O Chelsea até mostrou audácia, mas confirmou ainda não ter tarimba para contrariar a qualidade e a experiência do City de Guardiola**

Com dois portugueses utilizados dos dois lados – Renato Veiga e Pedro Neto foram suplentes utilizados na equipa de Londres; Rúben Dias e Bernardo Silva surgiram como titulares na formação de Manchester –, o Chelsea até mostrou audácia, mas confirmou ainda não ter tarimba para contrariar a qualidade e a experiência do City de Guardiola.

Após um arranque equilibrado, aos 19' os campeões ingleses colocaram-se na frente do marcador: à entrada da área, Bernardo Silva fez um desvio após um passe de Jérémy Doku que retirou Levi Colwill da jogada e Erling Haaland, que não teve dificuldade em ganhar a posição a Marc Cucurella, marcou o primeiro golo do encontro.

O Chelsea ainda procurou reagir e Nicolas Jackson festejou o empate aos 45', mas o avançado senegalês estava em fora de jogo. Depois do intervalo, os "*blues*" continuaram a tentar contrariar a organização do City, mas todas as investidas dos londrinos foram sendo resolvidas pela equipa de Guardiola, que, revelando mais maturidade, colocou um ponto final nas dúvidas sobre quem seria o vencedor no minuto 84: Kovacic, com um remate de fora da área, fez o 2-0 final.

Real Madrid empata

No arranque da Liga espanhola, o Real Madrid meteu água na viagem às ilhas Baleares. Quatro dias depois de conquistarem, em Varsóvia, a Supertaça Europeia, Carlo Ancelotti não abdicou dos seus melhores jogadores e o trio de ataque, formado por Rodrygo, Vinicius e Mbappé, conseguiu desequilibrar no início da partida: assistido por Vinicius, Rodrygo colocou os madridistas na frente, aos 13'.

Porém, no arranque da segunda parte os campeões espanhóis permitiram que o avançado kosovar Vedat Muriqi restabelecesse a igualdade e, até ao final da partida, as duas equipas tiveram oportunidades para chegar ao triunfo, mas o encontro terminou com um empate a um golo.

A poucos dias dos *play-off* de acesso à Liga Europa e Liga Conferência, apenas um dos dois adversários de equipas portuguesas esteve, ontem, em acção. Na Áustria, o Rapid Viena, que na próxima quinta-feira joga em Braga, recebeu o WSG Tirol e somou o sétimo ponto em três jornadas da Liga austríaca, após ganhar por 2-0, com golos do ponta-de-lança croata Dion Beljo e do defesa francês Serge Raux-Yao. O Zrinjski Mostar rival do V. Guimarães, apenas hoje faz a segunda partida no campeonato bósnio.

Desporto

Resultados e classificações

Liga dos Campeões	Promoção
3.ª pré-eliminatória da Liga dos Campeões	Despromoção
2.ª pré-eliminatória da Liga Europa	Play-off promoção
2.ª pré-eliminatória da Conference League	Play-off despromoção
Liga Europa	Play-off Conference League
Play-off Liga Europa	Play-off Liga dos Campeões

I Liga

Jornada 2		Próxima	
Santa Clara - FC Porto	**0-2**	Farense - Sporting	**23/08**
Gil Vicente - AVS	**4-2**	Casa Pia - Santa Clara	**24/08**
Rio Ave - Farense	**1-0**	FC Porto - Rio Ave	**24/08**
Nacional - Sporting	**1-6**	Famalicão - Boavista	**24/08**
Benfica - Casa Pia	**3-0**	Benfica - Est. Amadora	**24/08**
Moreirense - Arouca	**3-1**	Arouca - Nacional	**25/08**
V. Guimarães - Estoril	**1-0**	Estoril - Gil Vicente	**25/08**
Boavista - Sp. Braga	**0-1**	AVS - V. Guimarães	**25/08**
Est. Amadora - Famalicão	**20h15, SPTV1**	Sp. Braga - Moreirense	**25/08**

	Total							Casa					Fora				
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Sporting	**6**	2	2	0	0	9	2	1	0	0	3	1	1	0	0	6	1
2 FC Porto	**6**	2	2	0	0	5	0	1	0	0	3	0	1	0	0	2	0
3 Moreirense	**6**	2	2	0	0	5	2	1	0	0	3	1	1	0	0	2	1
4 V. Guimarães	**6**	2	2	0	0	2	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1	0
5 Sp. Braga	**4**	2	1	1	0	2	1	0	1	0	1	1	1	0	0	1	0
6 Famalicão	**3**	1	1	0	0	2	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0
7 Santa Clara	**3**	2	1	0	1	4	3	0	0	1	0	2	1	0	0	4	1
8 Boavista	**3**	2	1	0	1	1	1	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0
9 Gil Vicente	**3**	2	1	0	1	4	5	1	0	0	4	2	0	0	1	0	3
10 Rio Ave	**3**	2	1	0	1	2	3	1	0	0	1	0	0	0	1	1	3
11 Benfica	**3**	2	1	0	1	3	2	1	0	0	3	0	0	0	1	0	2
12 AVS	**1**	2	0	1	1	3	5	0	1	0	1	1	0	0	1	2	4
13 Nacional	**1**	2	0	1	1	2	7	0	0	1	1	6	0	1	0	1	1
14 Est. Amadora	**1**	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1
15 Farense	**0**	2	0	0	2	1	3	0	0	1	1	2	0	0	1	0	1
16 Arouca	**0**	2	0	0	2	1	4	0	0	1	0	1	0	0	1	1	3
17 Estoril	**0**	2	0	0	2	1	5	0	0	1	1	4	0	0	1	0	1
18 Casa Pia	**0**	2	0	0	2	0	4	0	0	1	0	1	0	0	1	0	3

MELHORES MARCADORES

I Liga

3 golos Pedro Gonçalves, Sporting
3 golos Kanya Fujimoto, Gil Vicente
3 golos Viktor Gyökeres, Sporting
2 golos Iván Jaime, FC Porto
2 golos Francisco Trincão, Sporting



II Liga

3 golos Zé Leite, Penafiel
2 golos Roberto, Tondela
2 golos Gabriel Barbosa, Penafiel
2 golos Patrick Fernandes, Marítimo
1 golos Alan Marinelli, Ac. Viseu



II Liga

Jornada 2		Próxima	
Alverca - Felgueiras	**1-1**	U. Leiria - Alverca	**23/08**
Oliveirense - Mafra	**0-0**	Felgueiras - Feirense	**24/08**
Portimonense - U. Leiria	**0-3**	Torreense - Oliveirense	**24/08**
Paços de Ferreira - Marítimo	**1-2**	Leixões - Paços de Ferreira	**24/08**
Feirense - Ac. Viseu	**2-2**	Ac. Viseu - FC Porto B	**25/08**
Vizela - Penafiel	**1-2**	Penafiel - Tondela	**25/08**
Desp. Chaves - Leixões	**0-0**	Marítimo - Desp. Chaves	**25/08**
Benfica B - Torreense	**2-0**	Benfica B - Vizela	**25/08**
Tondela - FC Porto B	**18h, SPTV+**	Mafra - Portimonense	**25/08**

	Total							Casa					Fora				
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Penafiel	**6**	2	2	0	0	6	4	1	0	0	4	3	1	0	0	2	1
2 Ac. Viseu	**4**	2	1	1	0	4	3	1	0	0	2	1	0	1	0	2	2
3 Feirense	**4**	2	1	1	0	3	2	0	1	0	2	2	1	0	0	1	0
4 Marítimo	**4**	2	1	1	0	4	3	0	1	0	2	2	1	0	0	2	1
5 Leixões	**4**	2	1	1	0	2	1	1	0	0	2	1	0	1	0	0	0
6 Vizela	**3**	2	1	0	1	3	2	0	0	1	1	2	1	0	0	2	0
7 Benfica B	**3**	2	1	0	1	3	2	1	0	0	2	0	0	0	1	1	2
8 Paços de Ferreira	**3**	2	1	0	1	2	2	0	0	1	1	2	1	0	0	1	0
9 U. Leiria	**3**	2	1	0	1	3	2	0	0	1	0	2	1	0	0	3	0
10 Felgueiras	**2**	2	0	2	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1
11 Alverca	**2**	2	0	2	0	2	2	0	1	0	1	1	0	1	0	1	1
12 Oliveirense	**1**	2	0	1	1	3	4	0	1	0	0	0	0	0	1	3	4
13 Mafra	**1**	2	0	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0
14 Tondela	**1**	1	0	1	0	2	2	0	0	0	0	0	0	1	0	2	2
15 FC Porto B	**1**	1	0	1	0	1	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0
16 Desp. Chaves	**1**	2	0	1	1	1	2	0	1	0	0	0	0	0	1	1	2
17 Portimonense	**1**	2	0	1	1	0	3	0	0	1	0	3	0	1	0	0	0
18 Torreense	**0**	2	0	0	2	0	3	0	0	1	0	1	0	0	1	0	2

Liga inglesa

Jornada 1	
Manchester United - Fulham	**1-0**
Ipswich Town - Liverpool	**0-2**
Newcastle - Southampton	**1-0**
Nottingham Forest - Bournemouth	**1-1**
Everton - Brighton	**0-3**
Arsenal - Wolverhampton	**2-0**
West Ham - Aston Villa	**1-2**
Brentford - Crystal Palace	**2-1**
Chelsea - Manchester City	**0-2**
Leicester City - Tottenham	**-**

	J	V	E	D	M-S	P
Brighton	1	1	0	0	3-0	3
Liverpool	1	1	0	0	2-0	3
Manchester City	1	1	0	0	2-0	3
Arsenal	1	1	0	0	2-0	3
Brentford	1	1	0	0	2-1	3
Aston Villa	1	1	0	0	2-1	3
Newcastle	1	1	0	0	1-0	3
Manchester United	1	1	0	0	1-0	3
Bournemouth	1	0	1	0	1-1	1
Nottingham Forest	1	0	1	0	1-1	1
Leicester City	0	0	0	0	0-0	0
Tottenham	0	0	0	0	0-0	0
West Ham	1	0	0	1	1-2	0
Crystal Palace	1	0	0	1	1-2	0
Fulham	1	0	0	1	0-1	0
Southampton	1	0	0	1	0-1	0
Ipswich Town	1	0	0	1	0-2	0
Chelsea	1	0	0	1	0-2	0
Wolverhampton	1	0	0	1	0-2	0
Everton	1	0	0	1	0-3	0

MARCADORES

1 golos Jhon Durán (Aston Villa), Joshua Zirkzee (Manchester United), Simon Adingra (Brighton)

Liga espanhola

Jornada 1	
Athletic Bilbau - Getafe	**1-1**
Betis - Girona	**1-1**
Celta de Vigo - Alavés	**2-1**
Las Palmas - Sevilha	**2-2**
Osasuna - Leganés	**1-1**
Valência - Barcelona	**1-2**
Real Sociedad - Rayo Vallecano	**1-2**
Maiorca - Real Madrid	**1-1**
Valladolid - Espanyol	**18h, Eleven2**
Villarreal - Atl. Madrid	**20h30, Eleven2**

	J	V	E	D	M-S	P
Barcelona	1	1	0	0	2-1	3
Celta de Vigo	1	1	0	0	2-1	3
Rayo Vallecano	1	1	0	0	2-1	3
Sevilha	1	0	1	0	2-2	1
Las Palmas	1	0	1	0	2-2	1
Leganés	1	0	1	0	1-1	1
Betis	1	0	1	0	1-1	1
Athletic Bilbau	1	0	1	0	1-1	1
Osasuna	1	0	1	0	1-1	1
Getafe	1	0	1	0	1-1	1
Girona	1	0	1	0	1-1	1
Maiorca	0	0	0	0	0-0	0
Villarreal	0	0	0	0	0-0	0
Real Madrid	0	0	0	0	0-0	0
Valladolid	0	0	0	0	0-0	0
Atlético de Madrid	0	0	0	0	0-0	0
Espanyol	0	0	0	0	0-0	0
Valência	1	0	0	1	1-2	0
Alavés	1	0	0	1	1-2	0
Real Sociedad	1	0	0	1	1-2	0

MARCADORES

2 golos Robert Lewandowski (Barcelona)

Liga italiana

Jornada 1	
Génova - Inter de Milão	**2-2**
Parma - Fiorentina	**1-1**
Empoli - Monza	**0-0**
Milan - Torino	**2-2**
Verona - Nápoles	**3-0**
Bolonha - Udinese	**1-1**
Cagliari - Roma	**0-0**
Lazio - Veneza	**3-1**
Lecce - Atalanta	**17h30, SPTV2**
Juventus - Como 1907	**19h45, SPTV2**

	J	V	E	D	M-S	P
Lazio	1	1	0	0	3-1	3
Verona	1	1	0	0	3-0	3
Fiorentina	1	0	1	0	1-1	1
Monza	1	0	1	0	0-0	1
Udinese	1	0	1	0	1-1	1
Roma	1	0	1	0	0-0	1
Torino	1	0	1	0	2-2	1
Génova	1	0	1	0	2-2	1
Inter de Milão	1	0	1	0	2-2	1
Parma	1	0	1	0	1-1	1
Milan	1	0	1	0	2-2	1
Cagliari	1	0	1	0	0-0	1
Bolonha	1	0	1	0	1-1	1
Empoli	1	0	1	0	0-0	1
Nápoles	1	0	0	1	0-3	0
Como 1907	0	0	0	0	0-0	0
Juventus	0	0	0	0	0-0	0
Atalanta	0	0	0	0	0-0	0
Lecce	0	0	0	0	0-0	0
Veneza	1	0	0	1	1-3	0

MARCADORES

2 golos Daniel Mosquera (Verona) Marcus Thuram(Inter de Milão)

Liga francesa



O PSG começou a defesa do título francês com uma vitória

Jornada 1	
Le Havre - Paris SG	**1-4**
Brest - Marselha	**1-5**
Stade de Reims - Lille	**0-2**
Mónaco - Saint-Étienne	**1-0**
Auxerre - Nice	**2-1**
Angers - Lens	**0-1**
Toulouse - Nantes	**0-0**
Montpellier - Estrasburgo	**1-1**
Rennes - Lyon	**3-0**

	J	V	E	D	M-S	P
Marselha	1	1	0	0	5-1	3
Paris SG	1	1	0	0	4-1	3
Rennes	1	1	0	0	3-0	3
Lille	1	1	0	0	2-0	3
Auxerre	1	1	0	0	2-1	3
Mónaco	1	1	0	0	1-0	3
Lens	1	1	0	0	1-0	3
Estrasburgo	1	0	1	0	1-1	1
Montpellier	1	0	1	0	1-1	1
Nantes	1	0	1	0	0-0	1
Toulouse	1	0	1	0	0-0	1
Nice	1	0	0	1	1-2	0
Saint-Étienne	1	0	0	1	0-1	0
Angers	1	0	0	1	0-1	0
Stade de Reims	1	0	0	1	0-2	0
Le Havre	1	0	0	1	1-4	0
Lyon	1	0	0	1	0-3	0
Brest	1	0	0	1	1-5	0

MARCADORES

2 golos Luis Henrique e Mason Greenwood (Marselha)

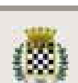
Banza, castigado, não jogou, mas o Sp. Braga não precisou

O Sporting de Braga somou ontem o seu primeiro triunfo na edição deste ano da Liga portuguesa de futebol ao derrotar o Boavista, no Estádio do Bessa, por 1-0.

Com um começo de temporada muito agitado – mudança de treinador logo após a jornada inaugural e com Banza, avançado francês que foi um dos melhores marcadores da temporada passada, relegado para a equipa B por questões disciplinares –, os bracarenses garantiram o mais importante: três pontos.

Num jogo que não foi fácil para os minhotos e que terminou com o Boavista a acertar num dos postes da baliza ontem à guarda de Hornicek (Matheus estava lesionado), valeu ao Sp. Braga o golo alcançado ainda na primeira parte por Roberto Fernández, período em que os bracarenses foram os melhores em campo e que dominaram por completo.

Só que o segundo tempo foi muito diferente. O Boavista reagiu, foi à procura do golo e, à passagem do minuto 50, quase marcou: cruzamento formidável de Salvador Agra e cabeceamento de Bozenik a obrigar Hornicek a uma defesa quase por instinto – o Sp. Braga também esteve perto de marcar novamente, por intermédio de Zalazar, mas um corte a meias de Pedro Gomes e Abascal em cima da linha de baliza evitou o golo dos minhotos



Boavista 0



Sp. Braga 1
Roberto Fernández 40’

Jogo no Estádio do Bessa, no Porto.

Assistência 5852 espectadores

Boavista João Gonçalves; Pedro Gomes, Abascal, Filipe Ferreira (Machado, 83’), Bruno Onyemaechi, Ibrahima (Gonçalo Miguel, 76’), Vukotic (S. Pérez, 70’ ●73’), Joel Silva ●59’, Reisinho, Salvador Agra e Bozenik ●90’+4’. **Treinador** Cristiano Bacci.

Sp. Braga Hornicek; Joe Mendes (Víctor Gómez, 69’ ●84’), Robson Bambu, Arrey-Mbi, Adrián Marín; Vítor Carvalho, Zalazar (João Marques, 90’+4’), Ricardo Horta, Roger (Gabri Martínez, 87’), Bruma (Gorby, 69’) e Roberto Fernández (El Ouazzani, 69’). **Treinador** Carlos Carvalhal.

Árbitro António Nobre (AF Leiria)
VAR Cláudio Pereira (AF Aveiro)

A etapa voltou a fugir a Van Aert mas a camisola vermelha não

A segunda etapa da Volta à Espanha em bicicleta ligou Cascais a Ourém, em solo português, num total de 194km

Wout van Aert voltou ontem a falhar a vitória, ao ser segundo na segunda etapa da Volta à Espanha, mas conquistou a camisola vermelha como prémio de consolação, depois da derrota para o ciclista australiano Kaden Groves, sobre a meta.

Após ser terceiro no contra-relógio inaugural, uma posição que ocupou seis vezes nesta temporada, o belga da Visma-Lease a Bike foi ontem segundo, vendo escapar, mais uma vez, o tão ansiado triunfo, desta feita para o *sprinter* da Alpecin-Deceuninck, que somou a quinta vitória de etapa na prova.

“É uma forma muito boa de começar esta Vuelta. Foi um ano duro para mim, sem qualquer triunfo até agora, mas vim para cá supermotivado



Kaden Groves venceu ao *sprint*

Volta à Espanha

2.ª ETAPA	
1.º K. Groves (Alpecin)	5h12m55s
2.º W. van Aert (Visma)	m.t.
3.º C. Strong (Israel)	m.t.
4.º P. Delgado (Kern)	m.t.
5.º L. van Eetvelt (Lotto)	m.t.
GERAL	
1.º W. van Aert (Visma)	5h25m27s
2.º B. McNulty (UAE)	a 3s
3.º M. Vacek (Lidl)	a 5s
10.º J. Almeida (UAE)	a 22s

para mudar isso”, assumiu o vencedor da classificação por pontos da passada edição.

Sem ganhar desde a derradeira etapa da Vuelta 2023, Groves, de 25 anos, impôs-se em Ourém, à frente de Van Aert e do compatriota Corbin Strong (Israel-Premier Tech), e deu mais um desgosto ao belga da Visma-Lease a Bike, que, ainda assim, graças às bonificações, destronou o norte-americano Brandon McNulty da liderança da geral.

João Almeida (UAE Emirates) manteve o 10.º lugar, agora a 22 segundos do líder, e Nélson Oliveira (Movistar) é o 11.º, a 23s.

“Claro que queria ganhar a etapa, a minha equipa fez um excelente trabalho para haver uma chegada ao *sprint*, mas infelizmente fui segundo. Contudo, sabia que acabar nos primeiros três significava vestir a camisola [vermelha], por isso, no fundo, foi um bom dia”, resumiu Van Aert, garantindo-se orgulhoso por poder voltar a liderar uma grande Volta.

Tudo certo nos jogos dos “grandes”

Análise



Pedro Henriques

Nesta segunda jornada assistiu-se, em alguns jogos, a uma paragem de um minuto por volta dos 30 minutos da primeira e segunda partes, respectivamente, para que os jogadores fossem à linha ingerir líquidos. Esta situação está contemplada na lei 7 (A duração do jogo), no ponto 3. (Recuperação do tempo perdido), que fala das designadas “paragens médicas para hidratação” e que serão accionadas e autorizadas pelo organizador da competição em função das condições de temperatura e humidade.

Santa Clara-FC Porto

Minuto 24, Alysson Silva ao esticar a sua perna esquerda e com o pé acertou e pontapeou o pé direito de Fran Navarro. Pontapé de penálti bem assinalado pelo árbitro e confirmado pelo VAR.

Minuto 30, a bola não entrou na baliza dos “dragões”, pois Galeno de forma bem clara e visível pontapeou o esférico antes da linha de baliza. Contudo, o golo, caso se concretizasse, seria sempre anulado pela mão deliberada de Vinicius Lopes que tocou a bola com a sua mão esquerda.

Minuto 46, Galeno na disputa de bola com Gabriel Silva, apenas tocou na bola com o seu pé direito, não cometendo qualquer infracção para penálti.

Minuto 63, excelente intervenção do VAR que reverteu o inicial cartão amarelo em cartão vermelho, pois na ocasião a entrada de pé esquerdo de Adriano Firmino no tornozelo direito de Alan Varela, foi com uso excessivo de força e pôs em risco a segurança e a integridade física, uma clara falta grosseira.

Nacional-Sporting

Minuto 49, pontapé de penálti bem assinalado pelo árbitro e confirmado pelo VAR a favor dos “leões”. Na ocasião, Bruno Costa esticou de forma imprudente o seu pé direito tocando e rasteirando o pé direito de Quenda quando este, ao mudar de direcção e velocidade, fez a finta para dentro. Tudo isto já no interior da área dos madeirenses. Por ter sido apenas imprudente na tentativa de jogar a bola não houve, e bem, qualquer sanção disciplinar.

Minuto 57, no quarto golo dos “leões”, marcado por Trincão, foi tudo legal no que diz respeito à acção de Genny Catamo, que foi quem ganhou a bola e fez a assistência, pois não só não fez qualquer falta sobre Matheus Dias, como a bola nunca transpôs nem saiu pela linha de baliza.

Benfica-Casa Pia

Minuto 56, não há motivo para pontapé de penálti sobre Pavlidis. O avançado grego é que ao entrar na área foi com o seu ombro e braço esquerdo chocar contra o ombro esquerdo de Zalotic, que já estava parado e com a sua posição ganha não fazendo qualquer movimento para impedir a progressão nem de obstrução.

Minuto 70, o primeiro golo dos “encarnados” obtido por Pavlidis foi legal e sem fora de jogo, pois no momento do passe de Tiago Gouveia é Zalotic que coloca de forma clara o avançado grego em jogo.

Ex-árbitro e actual comentador de arbitragem

Breves

Motores

Miguel Oliveira 12.º no Grande Prémio da Áustria de MotoGP

Miguel Oliveira (Aprilia) terminou ontem no 12.º lugar o Grande Prémio da Áustria de MotoGP, 11.ª etapa do Campeonato do Mundo de motociclismo de velocidade, prova ganha pelo italiano Francesco Bagnaia (Ducati). O bicampeão mundial conquistou o seu 25.º triunfo, o sétimo em 2024, e isolou-se na liderança da classificação de pilotos, com 275 pontos, mais cinco do que o espanhol Jorge Martin (Ducati), com quem dividia o primeiro lugar e foi segundo no circuito de Spielberg, a 3,232 segundos. Miguel Oliveira acabou a corrida a 30,702s do vencedor, melhorando uma posição face à ocupada na grelha de partida. No Mundial de pilotos segue como 13.º classificado.



Futebol

David Neres viajou para Itália para assinar pelo Nápoles

David Neres já está em solo italiano para reforçar o Nápoles. O brasileiro, que não alinhou em nenhuma partida oficial dos benfiquistas nesta época, chegou ontem à tarde ao aeroporto de Fiumicino, em Roma, depois de Benfica e Nápoles terem acertado totalmente os termos de um acordo para a transferência do futebolista. O extremo de 27 anos fará agora exames médicos e testes físicos antes de assinar um vínculo com a formação napolitana. O acordo deve fazer entrar nos cofres dos “encarnados” uma verba de 30 milhões de euros — em Itália apontam para 28 milhões, mais 2 milhões em prémios por objectivos.

Diário de Um Cientista

A lagartixa filosofal dos desertos de Angola

O que nos pode ensinar uma lagartixa de Angola sobre a natureza do conhecimento científico? Ao fim de 18 expedições por este país, o estudo de quase 800 exemplares de lagartixas trouxe surpresas

Página 16

Luís Ceríaco Texto
André Carrilho Ilustração

As dunas do Sudoeste de Angola são um local que qualquer naturalista tem de visitar pelo menos uma vez na vida. Iniciando-se na região do Tômbua, representam o início do deserto do Namibe, estendendo-se praticamente até ao Sul da Namíbia. A sua altura e finas areias que vão do amarelo ao vermelho demarcam a fronteira entre a terra e o mar. Os seus abruptos sopés são incessantemente golpeados há milhões de anos pelas águas do Atlântico. Perante tudo isto, sentimo-nos pequenos e frágeis. Expostas ao calor e ao sol, as dunas relembram-nos de que não temos o equipamento fisiológico para sobreviver nelas muito tempo, e a forte ondulação marítima que fustiga a estreita praia facilmente enrola os nossos jipes e os transforma em sucata em poucos minutos.

No topo das dunas sentimo-nos um pouco mais seguros e temos uma vista mais alargada do deserto. Procuramos sinais de vida na imensidão, mas estes não se revelam facilmente. Ao longe vemos uma hiena castanha a correr na praia após se ter alimentado de uma carcaça de um leão-marinho. No horizonte conseguimos ver a silhueta de um órix. Aqui e acolá surge um pequeno tufo de plantas e perto delas conseguimos ver uma das duas espécies de lagartos que decidiram fazer das dunas o seu lar – o lagarto-das-dunas (*Gerrhosaurus skoogii*) e a lagartixa-de-bico-de-pato (*Meroles anchietae*).

Ambas as espécies têm adaptações morfológicas e fisiológicas que lhes permitem sobreviver nas dunas, sendo que talvez a mais impressionante seja a dos seus focinhos em formato de pá, que usam para escavar a areia quando mergulham nas dunas para escaparem a um predador ou para se esconderem do sol abrasador. Encontrar estas duas espécies era um dos objetivos da pequena incursão que fiz em Dezembro de 2013 numa das minhas primeiras expedições a Angola.

Acompanhado por colegas norte-americanos, mas também por técnicos e estudantes do então recém-fundado Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas da Conservação (INBAC) do Ministério do Ambiente de Angola, visitámos o Sudoeste de Angola naquela que viria a ser a primeira de um projecto para conhecer, estudar e cartografar a diversidade de anfíbios e répteis do país. Em 2013, por incrível que pareça, sabíamos muito pouco sobre quantas espécies de cobras, lagartos, sapos e rãs existiam no país – o único Atlas disponível datava de 1895.

Uma lagartixa misteriosa

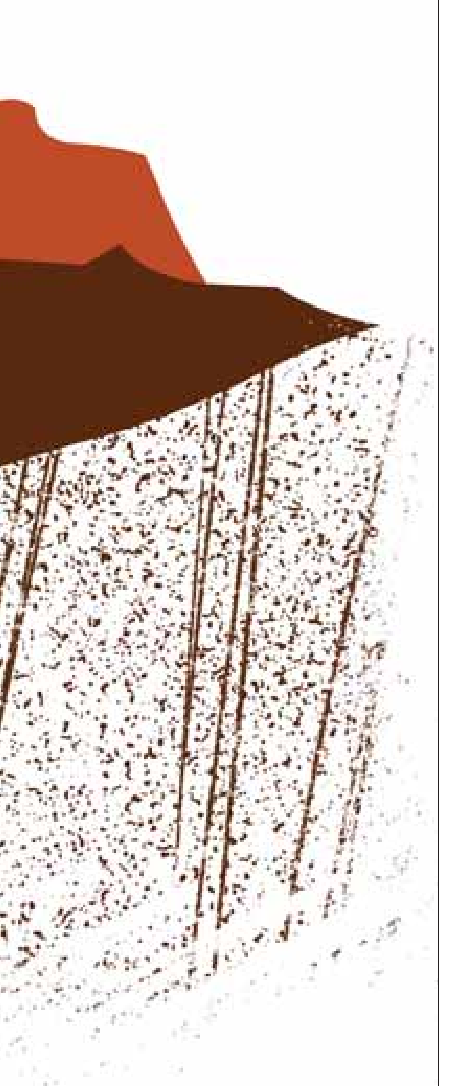
Do topo de uma destas dunas avistámos aquilo que nos pareceu um oásis. Numa das baixas entre dunas encontrava-se um extenso tapete verde, composto por uma vegetação densa e emaranhada. Descendo até lá rapidamente, percebemos que debaixo do emaranhado havia algo que corria de um lado para o outro – uma pequena lagartixa diferente daquelas outras que sabíamos que lá íamos encontrar. De joelhos no chão, conseguimos apanhar alguns exemplares deste inesperado habitante do deserto, que, para nossa surpresa, se revelou um membro do género *Trachylepis*.

O género *Trachylepis* é composto por lagartixas cujo comprimento total raramente ultrapassa os 20 centímetros. Conhece-se actualmente quase uma centena de espécies, sendo que a sua grande maioria ocorre no continente africano. A sua aparência é tudo menos memorável: quatro patas bem desenvolvidas; cincos dedos em cada extremidade; uma cauda longa e elegante; olhos bem desenvolvidos; escamas largas na zona da cabeça e mais homogéneas ao longo do corpo. Na prática, uma banal lagartixa.

As suas cores são um pouco mais interessantes, variando do azul-metálico ao avermelhado, passando pelo castanho e preto. Ocorrem por praticamente todos os habitats disponíveis em África, e são maioritariamente insectívoras.



A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**



Habitantes em dunas conhecem-se, no entanto, muito poucas.

A excitação de termos conseguido apanhá-la deu rapidamente lugar a uma pergunta: que espécie poderia ser? As opiniões dividiam-se: para uns, deveria ser uma lagartixa-pintada-das-areias (*Trachylepis punctulata*), espécie que havia sido descrita no final do século XIX, com base em exemplares recolhidos não muito longe dali, no rio Curoca. Para outros, bem que podia ser uma espécie nova. Em boa verdade, estávamos apenas a mandar hipóteses para o ar – identificar espécies não é algo trivial, especialmente em grupos de animais tão pouco conhecidos como estes.

Naquela manhã, num vale relvado das dunas do deserto do Namibe, repetíamos talvez algumas das perguntas mais vezes feitas na história da biologia – o que é, de facto, uma espécie e como podemos nós identificá-las?

Para mim, no entanto, a questão era mais profunda. Era filosófica, epistemológica: o que significa "conhecer" o mundo vivo e como é que se construiu, constrói e construirão os alicerces do conhecimento sobre o mundo natural? Como sabemos que sabemos? Embora ao longo da história os desertos tenham sido um dos locais predilectos para muitos profetas e filósofos procurarem respostas para questões profundas sobre nós próprios e o mundo, nesta questão em particular do próprio conhecimento das espécies os desertos, quedam-se mudos.

As bases da ciência

O estudo moderno da história natural iniciou-se em meados do século XVIII. Desde então os naturalistas têm dedicado a vida a estudar, identificar e catalogar o mundo natural. A tarefa ainda está longe de ser concluída. Conhecemos cerca de dois milhões de espécies no planeta - as estimativas mais conservadoras dizem-nos que ainda falta conhecer, pelo menos, mais oito milhões. Ao longo destes quase três séculos, os registos do mundo natural, na forma de espécimes, foram-se depositando em colecções científicas, na sua maioria à guarda de museus de história natural.

Estes espécimes foram estudados – medidos das mais diversas formas, analisados ao ínfimo pormenor – de modo a que se entendesse o seu lugar na árvore da vida. Como diferem entre si? Como estão relacionados? Os resultados destes estudos foram sendo publicados em livros e artigos, criando ao longo do tempo imensas bibliotecas científicas, autênticos catálogos do mundo vivo.

Os museus funcionam como infra-estruturas científicas cruciais. Não são apenas repositórios de espécimes e de conhecimento, são parte activa na sua constante construção e revisão. Os seus espécimes são o garante da objectividade científica e a sua preservação e acessibilidade sustentam uma das premissas fundamentais do método científico: a possibilidade de replicar observações.

Foi o regresso aos museus de história natural que permitiu que conseguíssemos tirar a limpo a identidade da *Trachylepis* das dunas do Namibe. Para tal, num vaivém de viagens, precisei de comparar os espécimes colectados nesta expedição com aqueles disponíveis em 28 museus e colecções de três continentes (Europa, África, América do Norte e América do Sul).

Como as características que diferenciam as várias espécies de *Trachylepis* passam pelo número de escamas ao longo do perímetro do abdómen e ainda uma linha desde a nuca até à cauda, a forma como as escamas da cabeça se arranjam entre si, o seu tamanho e proporções, mas também a sua coloração, analisei quase 800 espécimes destes animais – ou seja, dezenas de milhares de escamas contadas.

Comparei ainda os resultados destas minhas observações com aquelas já publicadas por outros naturalistas meus antecessores de modo a rever as suas observações e tentar entender como é que os meus novos espécimes se relacionavam com aqueles que eles já tinham estudado e descrito desde o século XVIII. Decidi fazer isto não só para os espécimes das dunas do Namibe, mas para todos aqueles que, depois da primeira expedição de 2013 e durante os dez anos seguintes, até 2023, colectei por toda Angola.

Cada uma destas expedições de colecta foi, à sua maneira, uma aventura, onde tive o privilégio de trabalhar lado a lado com colegas angolanos e aprender com as comunidades dos diversos locais. Ao fim de 18 expedições por Angola, correndo praticamente todas as províncias do país, os resultados do estudo morfológico de quase 800 exemplares de lagartixas indicavam-me algo surpreendente: estava perante 26 espécies diferentes, das quais sete eram novas para a ciência - nunca ninguém as tinha descrito.

E uma das espécies já conhecidas não era encontrada desde os finais do século XIX, a lagartixa notável, *Trachylepis notabilis*. Descrita em 1879 pelo zoólogo alemão e então director do Museu de História Natural de Berlim, Wilhelm Peters (1815-1883), a identidade desta espécie era motivo de controvérsia.

Hoje temos mais ferramentas à mão. Se os nossos antecessores contavam apenas com o estudo da morfologia dos animais, hoje conseguimos olhar para as diferenças a um nível microscópico, molecular. De modo a corroborar as conclusões que tinha obtido através da morfologia destas lagartixas, decidi sequenciar vários genes e correr análises filogenéticas para tentar perceber melhor a relação entre estas potenciais espécies.

Ao correr estas análises, na prática estamos a fazer testes de paternidade um pouco mais alargados. Cada gene sequenciado dá-nos algumas centenas de pares de base compostos pelas quatro bases azotadas que compõem a molécula de ADN – a adenina (A), a citosina (C), a guanina (G), e a timina (T). Cada espécie apresenta uma sequência mais ou menos única dessas quatro bases – quase como que um código de barras. Através de programas que comparam estatisticamente estes códigos de barras, chegamos à tal árvore de parentesco entre as espécies, que nos vai corroborar (ou não) os resultados que obtivemos por outros métodos.

No caso das lagartixas Trachylepis de Angola, os meus olhos não me traíram. A genética acabaria por confirmar as minhas observações originais - tínhamos 26 espécies em Angola, e aquela que colectáramos nas dunas do Sudoeste de Angola era uma entre sete completamente novas para a ciência. E como toda a espécie merece o seu nome, baptizámo-las com nomes científicos como mandam as regras da nomenclatura zoológica - latinizados e compostos por uma combinação do nome do género e seu epíteto específico, o seu nome próprio.

A espécie das dunas do Namibe foi baptizada de *Trachylepis hilariae* em honra da investigadora angolana Hilária Valério, que participara em várias das nossas expedições, incluindo naquela onde pela primeira vez encontrámos a espécie.

E assim, para além da *Trachylepis hilariae*, se deu a conhecer ao mundo a *Trachylepis attenboroughi*, a *Trachylepis bouri*, a *Trachylepis ovahelelo*, a *Trachylepis suzanae*, a *Trachylepis vunongue* e a *Trachylepis wilsonii*, todas elas nomeadas em honra de distintos padrinhos e madrinhas do mundo da ciência e de Angola, a sua pátria. O seu registo de baptismo ficou publicado num artigo na revista *Bulletin of the American Museum of Natural History* .

E assim, de um momento para o outro, das dunas para o museu, respondia inconscientemente às dúvidas que me assolavam. Ao tentar responder à questão "que espécie é esta?", reproduzia todos os passos de criação de conhecimento.

O número de espécies de *Trachylepis* registado para Angola foi actualizado. Conhecem-se agora 26 e conseguimos apontar as suas diferenças, as suas distribuições e os seus habitats. As provas deste conhecimento estão aí, acessíveis a todos os naturalistas que as queiram rever, através de espécimes em museus e dados, descrições e mapas num artigo científico. Como conhecemos? Conhecemos através da comparação e revisão do conhecimento disponível. Como se constroem os alicerces do conhecimento sobre o mundo natural? Com espécimes, museus e laboratórios. Talvez seja essa a lição mais importante que podemos retirar da descrição destas sete novas espécies.

Para a história natural, todos os espécimes contam, tenham eles sido colectados no século XIX ou há meia dúzia de anos. Estamos sentados sobre o legado de espécimes, colecções e conhecimento que os nossos antecessores deixaram nos museus, e estamos moralmente obrigados a deixar o nosso contributo para as próximas gerações. Sem colecções e sem museus, não há ciência. Sem eles, seremos incapazes de conhecer o mundo e, consequentemente, de o proteger.

As lagartixas *Trachylepis* continuarão a correr pelos sertões de Angola - tanto aquelas que conhecemos como aquelas que, porventura, nos falta conhecer. E no dia em que alguém encontrar outra num local inesperado e perguntar "a que espécie pertences tu?", todo o processo recomeçará. Haja museus e colecções disponíveis.

Luís Ceríaco

Líder de grupo de investigação

Sou zoólogo e historiador da ciência. Passo a vida entre colecções de história natural,



arquivos e trabalhos de campo em África. Gosto particularmente de cobras e lagartos. Descrevo espécies novas para a ciência e gosto de passear com o meu cão. Entretenho-me a escrever e filosofar sobre bichos em frascos de formol, nomenclatura biológica e a incrível diversidade do mundo vivo. Alentejano de Évora.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
História Natural, Coleções e Taxonomia (NATHIST)

Entrevista de vida



Tim Vieira

“É preciso deixar que os jovens falhem e que aprendam com os falhanços”

O empresário Tim Vieira quer estender o projecto educativo que criou – a Brave Generation Academy – às escolas públicas para que possam dar aos alunos um sistema de ensino diferente

Entrevista

Cristiana Faria Moreira Texto
Catarina Póvoa Fotografia

Em Portugal, tornou-se conhecido por ter sido um dos “tubarões” do programa de televisão Shark Tank, onde vários candidatos a empresários apresentavam as suas ideias de negócio a investidores e os tentavam convencer a investir. Timothy Vieira, ou melhor, Tim Vieira, nascido na África do Sul, mas sempre ligado às suas raízes portuguesas, já investiu e deteve um sem-número de negócios: da cerveja artesanal aos *media*, da hotelaria e à agricultura.

Há poucos anos, lançou um projecto na área da educação, a Brave Generation Academy (BGA), onde não há propriamente uma sala de aula ou professores e os alunos podem ir “à velocidade que precisam”. Sabe que não é algo que esteja ao alcance da maioria dos alunos do país, por isso quer tentar introduzi-lo em escolas públicas. “É uma oportunidade de a escola pública dar às crianças um currículo diferente, a uma velocidade diferente. Estamos num sistema em que nem os pais, nem os professores, nem as crianças estão muito felizes. Mas com algumas mudanças podemos ter resultados enormes.”

Nessa linha, o empresário de 49 anos acredita que “a idade não deve limitar as pessoas” e que é preciso tirar os jovens da redoma em que muitas vezes são colocados e deixar que experimentem, falhem e aprendam com isso. Entre todos os negócios, o seu grande foco, diz, é fazer crescer ainda mais a BGA dentro do país e lá fora, onde já está em nove países. Ao mesmo tempo, quer preparar uma candidatura à Presidência da República.

Um dos seus maiores projectos é na área da educação. Acredita na escola pública?

Acredito numa escola pública com qualidade que dá oportunidades. Não acredito numa escola pública em que não há professores ou que não prepara as crianças para o mundo de hoje. Andei na escola pública, sei o valor da escola pública. E acredito nos professores das escolas públicas. São pessoas que dão a vida aos alunos, mas que também gostavam de poder passar mais tempo com os alunos. Acho que até o Governo sabe que a escola tem de mudar. E que é preciso uma escola pública diferente. Só precisam de coragem para fazer isso acontecer. Neste momento, estamos a tentar tapar buracos, estamos a estragar a vida a muitas crianças todos os anos.

Acha que as crianças não estão no centro das decisões?

Não, não estão no centro. E é pena. Só quando estiverem no centro é que vamos ter um futuro bom para elas e um país de futuro, mais preparado.

A educação é um pilar muito importante para si.

Venho de um país onde vi a educação ser a esperança. O Nelson Mandela dizia que a maior arma é a educação. Acredito que hoje em dia a educação pode ser um dos motores do país. Primeiro, para as crianças, depois atrair para as nossas universidades. Não pode ser só turismo.

Como é que surgiu a Brave Generation Academy (BGA)? Que necessidade é que identificou?

Olhei para os meus três filhos e não percebia como é que eles ainda estavam a fazer a escola como eu e os meus avós fizemos. Achei que devia haver uma maneira mais flexível, mais personalizada, mais preparada e relevante para os dias de hoje. E em que conseguiríamos usar a tecnologia *online* misturada com o melhor do *offline*, que são as pessoas.

Hoje em dia conseguimos fazer isso. Conseguimos ter uma turma em que cada pessoa está a fazer alguma coisa diferente, à velocidade delas próprias, a trabalhar e a crescer no que gosta e a ter melhores resultados. A estar mais feliz, menos ansioso.

Como foi esse processo? Procurou ajuda de alguns professores?

Comecei sem chamar escola, sem pensar como escola. Pensei mais como um projecto educativo. Teria de ser uma plataforma onde conseguíamos pôr toda a informação, mas depois o aluno podia ir à velocidade que queria, em vez de ir à velocidade da professora.

Mas isso num espaço físico ou tudo online?

A plataforma é *online*, mas depois têm de vir a um espaço físico [os *hubs*]. Só que é um espaço físico mais pequenino, onde 30 crianças dos 12 aos 18 anos estão misturadas. Cada uma, quando chega lá, abre o *laptop* [computador portátil] e faz o trabalho à velocidade que precisa para o fazer. Seguimos o English International Curriculum. Também temos Português, primeira e segunda língua. Daí começámos a crescer também para o American Curriculum, para crianças que precisavam de um currículo diferente e que queriam começar a universidade mais cedo. Dentro dos BGA *hubs*, há *learning coaches*, que são mentores para os ajudar a fazer o trabalho. Os primeiros pais tiveram de confiar mesmo, mas começámos a ter resultados. Já tivemos crianças que foram aceites em universidades como Stanford, Berkeley, Penn State, Washington State. Hoje em dia já temos 60 *hubs* em nove países. Cresceu bastante.

> **Venho de um país onde vi a educação ser a esperança. O Nelson Mandela dizia que a maior arma é a educação. Acredito que hoje em dia a educação pode ser um dos motores do país**

> **Quando estava na África do Sul, diziam: “Olha, o português!” Quando vinha cá, diziam: “Olha, o sul-africano!” Andava sempre assim no meio, mas nunca vi isso como uma coisa má**



Quando é que começou?

Em Setembro vai fazer quatro anos. O primeiro ano foi de experiência e para aprender. Começámos em Cascais, onde hoje temos seis *hubs*. Mas também temos *hubs* em Tábua, no Fundão.

Quantos há em Portugal?

Há 36 e o resto é lá fora. Lá fora, estamos a abrir BGA dentro de escolas públicas, que é o que o gostávamos de fazer em Portugal. É uma oportunidade de a escola pública dar às crianças um currículo diferente, a uma velocidade diferente. Estamos num sistema em que nem os pais, nem os professores, nem as crianças estão muito felizes. Mas com algumas mudanças podemos ter resultados enormes.

Hoje em dia temos tantas pessoas que não têm como primeira língua o português e há maneiras de as integrar melhor na escola. Quando começa a correr mal, essas pessoas nunca mais se integram, nunca mais sentem que vão atingir o seu potencial, porque estão um bocadinho excluídas.

Temos um BGA *hub* num campo de refugiados em Kakuma, no Quénia, que é grátis. Temos crianças em Gaza na nossa plataforma, temos mulheres no Afeganistão.

Quantas crianças e jovens já passaram por estes hubs?

Mundialmente, mais de 1600 crianças já passaram ou estão hoje connosco. Em Portugal tivemos um sucesso enorme. É por isso que temos tantos *hubs* cá, porque há mesmo uma procura de uma maneira diferente de fazer a escola. Aqui ainda não temos as equivalências com o sistema português. Estamos à espera disso e tenho pensamento positivo.

Como é que funciona?

Temos currículos que são aceites pelo Ministério da Educação, mas o nosso modo é que não é; então, não conseguimos ter a equivalência ao 12.º ano. Uma criança que siga o nosso sistema pode ir para [as universidades de] Stanford ou Oxford, mas não pode ir para uma universidade portuguesa, porque não tem a equivalência. E isso é que é difícil, porque as nossas crianças estão a ir para a Holanda, para a Inglaterra, para os Estados Unidos. Queremos resolver isso, porque queremos dar a todas as crianças a mesma oportunidade.

São os alunos estrangeiros quem mais vos procura?

É mais ou menos 50-50. Aqui no centro e no Norte são mais portugueses e no Algarve mais estrangeiros.

Tem noção de que é um projecto que não é acessível à maioria dos jovens e que cava ainda mais diferenças entre os que têm mais recursos económicos e os que não têm?

Sabemos que nem todos os jovens têm a oportunidade de entrar num *hub* da BGA. A verdade é que o nosso projecto é *profit for purpose* [gerar lucro com uma missão social]. O objectivo é que metade das crianças pague e a outra metade tenha bolsa.

A nossa escola até custa menos do que uma escola privada. Mas o que quero é trabalhar com as escolas públicas. Em Portugal ainda não há essa abertura. Mas é para onde queremos ir, porque temos escolas que querem trabalhar connosco.

O seu pai emigrou cedo para a África do Sul, onde o Tim Vieira acabou por nascer e viver muitos anos. Que ligação tinha a Portugal?

Vínhamos cá quase todos os anos. Eram aquelas férias de emigrante, sempre a visitar tios e tias e avós. Lembro-me de andar sempre a correr. Na África do Sul, os emigrantes têm Portugal muito no coração. Aprendi a falar português por causa dos meus avós. Sempre tive uma ligação muito forte com eles. A minha avó nunca falou inglês. Ia buscar *O Século de Joanesburgo* [um dos mais antigos jornais da diáspora portuguesa] para a minha família. O meu português não é perfeito, mas é o que é.

Como é que essa ligação influenciou a sua vida?

Quando estava na África do Sul, as pessoas diziam: “Olha, o português!” Quando vinha cá, diziam: “Olha, o sul-africano!” Andava sempre assim no meio, mas nunca vi isso como uma coisa má. Abria-me portas. Cresci num período em que ainda havia *apartheid*. Ser português era diferente, éramos muito unidos com os gregos, com os italianos, com os libaneses, com todos aqueles que eram diferentes.

Tinha noção da realidade política e social da África do Sul, das diferenças que existiam?

Tinha. Sentíamos e víamos que era diferente. Mas acho que as pessoas não se viam muito como vítimas. Os emigrantes, em vez de trabalharem para o Estado, abriam empresas. Um português nunca estava à espera de alguma coisa, estava sempre a trabalhar. Os portugueses nunca foram vítimas na África do Sul.

Fala muito dessa questão dos portugueses e do trabalho, de serem pessoas que se fazem à vida. Quando é que começou essa sua vontade de começar um negócio?

Começou supercedo. Percebi que poder criar e fazer valor era independência. Das primeiras vezes em que quis fazer dinheiro foi para comprar uma raquete de ténis. Se queria alguma coisa, não ia dizer aos meus pais que queria. Dizia que ia trabalhar para ter. Os meus pais nunca disseram: “Não vais conseguir, ou não podes, ou não devias de fazer.” E,

➜

Entrevista de vida

quando corria mal, também não diziam: "Eu não avisei?"

Qual foi o seu primeiro negócio?

O primeiro negócio de que me lembro começar a fazer algum dinheiro a sério foi a fornecer frutas e vegetais aos Changanas, que vinham de Moçambique. Tinha uma carrinha de transporte, comprava e vendia. Tinha à volta de 14 anos. Foi aí que choquei com o meu primeiro carro. Ainda não podia guiar, mas precisava. Hoje em dia não quero que os meus filhos façam a mesma coisa [risos]. Eram tempos diferentes, mas eram tempos em que nos deixavam usar os nossos talentos. Hoje em dia parece que estamos sempre a dizer aos nossos filhos que não podem, só quando crescerem. A verdade é que a idade não deve limitar as pessoas.

Limita-se muito os jovens hoje em dia?

É preciso deixar que tenham experiências, que falhem, que aprendam com os falhanços. Acho que podemos dar essa fome aos nossos filhos. E outra coisa que também acho que é preciso é confiarmos neles mais cedo. Muitas vezes não fazemos isso.

Em Portugal, passámos a conhecê-lo por causa do programa Shark Tank. Aceitou o convite, porque estava à procura de ideias e de pessoas que mostrassem essa vontade?

Aceitei sem querer. Chegaram até mim, porque uma pessoa que era para fazer já não podia. Já me tinham perguntado e eu tinha dito que não. Mas estava a querer uma vida diferente, talvez voltar para Portugal, e não tinha assim nenhum caminho. Até lá, era um CEO que não estava à frente do público. Mas achei que era interessante. O que aconteceu no Shark Tank era o que eu já fazia. Muita gente já vinha ter comigo com ideias e eu fazia o *backing* [apoio financeiro]. Não sei quantos negócios ajudámos a pôr a andar em Angola.

Quando o Shark Tank aconteceu [2015], Portugal estava num tempo difícil, mesmo difícil. Acho que o programa mostrou às pessoas que havia outras maneiras de ter fundos, que não há só bancos [para conseguir financiamento]. Não acho que as ideias fossem as mais internacionais ou ideias enormes de negócio, mas gostei das pessoas. Dei tudo naquele programa. Quis mesmo apostar nas pessoas, investimos dinheiro a sério.

Como é que olha para esta questão da digitalização de quase tudo à nossa volta? Teme que este lado mais humano — que aprecia muito nos projectos — vá desaparecendo?



Acho que o digital vai ajudar-nos a fazer muitas coisas. Mas também nos vai ajudar a perceber que ser humano é a coisa mais importante. Vai ser a nossa maior vantagem.

Acredita na meritocracia?

Acredito, porque vejo que os países, as empresas e os indivíduos que cresceram mais no mundo acreditaram nisso. Não acredito em quotas ou em termos de empregar alguém que é assim ou assim. Obviamente que é sempre importante darmos oportunidade a pessoas diferentes. Mas, na verdade, precisamos de pessoas que são competentes e que querem fazer aquilo. O que temos de fazer, e é por isso que eu falo tanto na educação, é dar mais cedo oportunidades a todos.

Não concorda com a questão das quotas de género?

Tenho muito mais mulheres a trabalhar na nossa empresa, não porque quero ter mais mulheres, mas por porque são mais capazes. O que é que vamos fazer? Um dia vamos começar a pôr homens, porque temos de pôr homens? Prefiro pôr as pessoas certas. As pessoas certas criam mais valor.

Mas ainda persistem muitas desigualdades. As mulheres ainda ganham menos do que os homens para a mesma função, têm mais dificuldade em chegar a cargos de topo. As quotas não ajudam a colmatar algumas destas diferenças?

Há empresas em que isso acontece. Mas não tenho mulheres a ganhar menos do que homens. Tenho de pagar para ficarem. Naturalmente, quando temos um mundo competitivo, as coisas mudam.

> **Acho que o digital vai ajudar-nos a fazer muitas coisas. Mas também nos vai ajudar a perceber que ser humano é a coisa mais importante. Vai ser a nossa maior vantagem**

> **Não sou a favor de extremos. Venho da África do Sul, trabalhei em Angola, sou do mundo, sei o que é o problema dos extremos. Isto é uma democracia**

Está muito focado na BGA, mas qual é a sua actividade principal neste momento?

A principal é BGA e a família. Não tenho uma vida de negócio e uma vida pessoal. Quando estou a viajar, levo a família. Quando vou a reuniões ou quando vamos abrir escolas novas, eles estão comigo. Gosto muito disso - porque acredito que também lhes estou a dar experiências para crescerem. Tenho o privilégio de estar a fazer uma vida de que gosto.

Que negócios tem em Portugal?

Vamos fazer dois novos hotéis, temos o hotel na Ericeira. E estou a investir na agricultura. Ainda tenho estes negócios mais tradicionais. Mas o meu foco é fazer diferença com a educação.

Já tem as 7500 assinaturas para a candidatura à Presidência?

Já tenho isso em apoio. Temos uma plataforma onde pessoas estão a inscrever-se. Vamos começar agora em Setembro com as assinaturas. A minha candidatura é para motivar pessoas a pensarem que têm o potencial de fazer a diferença. Se puder convencer pessoas melhores do que eu a entrarem na política e a quererem fazer alguma coisa por Portugal, já ganhei.

A minha candidatura é a pensar em como é que podemos pôr Portugal à frente, sem *lobbies*, sem [estar refém de] partidos para dar um futuro melhor aos meus filhos e aos meus netos um dia. E aos que estão lá fora e que querem voltar e àqueles que estão a pensar ir lá para fora para que, em vez de mudarem de país, mudem o país.

Decidiu avançar porquê?

Estava a chegar a um ponto em que pensava que para conseguir atingir o que queria com os meus projectos tinha de mudar de país. Aqui estás sempre a bater no Estado, em dificuldades, em burocracia, em líderes que não me inspiram. E depois pensei: se me for embora, sou parte do problema – é porque desisti. Gostava de ser um motor para que tenhamos, daqui a cinco anos, mais pessoas diferentes na política. Não os mesmos dos últimos 50 anos. Até ficava contente se alguém entrasse na corrida para a presidência que eu conseguisse apoiar.

O seu mote é a "Portugalidade". A que é que se refere?

Acho que é o melhor de Portugal, começarmos a acreditar em nós próprios, não estarmos aqui totalmente divididos em partidos e em coisas que não dão vantagens a ninguém. Hoje em dia até pode ser perigoso dizer "Portugalidade", porque pode parecer uma coisa nacionalista, uma coisa superdireita. Para mim, Portugalidade é família. Não sou contra a Europa. Não sou contra o pensarmos global, mas acho que temos de começar a resolver as coisas pela nossa família, pelos portugueses.

Quando fala dessa "portugalidade", inclui os imigrantes?

Para mim, os portugueses são todos os que estão em Portugal e todos que são portugueses fora de Portugal, os imigrantes que vieram para cá, que querem contribuir para Portugal.

Como é que olha para a proliferação do discurso e ideário mais próximo da direita radical, mais xenófobo, misógino? Preocupa-o?

Receberam votos. E muitas vezes esses votos vêm por causa de outros partidos que falharam. Acho que precisamos de começar a responsabilizar os partidos que estão a falhar. Olho para Portugal e não vejo pessoas extremas. Acho que foram votos de protesto, votos de pessoas que não estão contentes e pensam que não estão a ser ouvidas. Não sou a favor de extremos. Venho da África do Sul, trabalhei em Angola, sou do mundo, sei o que é o problema dos extremos. Isto é uma democracia. Se há pessoas a votar neles, temos de as ouvir.

Ecrãs

publico.pt/streaming

Teenagers e um *twist*. O Homicídio Perfeito: Guia Para Boas Raparigas

Uma adolescente detective e a sua actriz, Emma Myers, estão a trepar nas audiências desde o início do mês. Quem pôs esta série nas mais vistas da Netflix?

Joana Amaral Cardoso

Há várias perguntas sobre o que anda a geração Z a ver nos seus ecrãs, e normalmente a resposta é uma mixórdia de sílabas como TikTok e Roblox ou o bom e velho YouTube. Parece haver muitas certezas sobre o que a geração Z não anda a ver: televisão linear, canais generalistas, coisas muito longas. O que nos leva à pergunta "Então quem é que pôs *O Homicídio Perfeito: Um Guia Para Boas Raparigas* nos mais vistos da Netflix"? A resposta pode muito bem ser a mesma que foi dada para *Wednesday*: a geração Z, mas também a Y, a X e até os *baby boomers*. Porque muita gente gosta de histórias de adolescentes com um *twist*.

O Homicídio Perfeito: Um Guia Para Boas Raparigas estreou-se no início de Agosto e saltou rapidamente para a lista das séries mais populares. Já foi destronada pelo final de *Umbrella Academy*, mas continua lá, a ser descoberta pelos espectadores, e a dar vida ao romance para jovens adultos homónimo, escrito por Holly Jackson. O título explica parte do tema, que é um homicídio, e o protagonismo de uma "boa rapariga", que basicamente decide investigá-lo.

Antes de chegarmos aos meandros do enredo (sem estragar nada) ou de falar da genealogia destas histórias, há que continuar a fazer a ponte com *Wednesday*. Ambas as séries são Netflix, ambas partem de obras de ficção preexistentes e têm a chamada "base de fãs" acoplada. É claro que o factor Família Addams contribuiu bastante para a amplitude do espectro de espectadores de *Wednesday*, bem como o horror *light* e o magnetismo de Jenna Ortega. Aqui a coisa fia mais fino, mas faça-se a última ligação.

A protagonista da série, a simpática, ligeiramente pespineta e bem construída Pippa Fitz-Amobi, é interpretada por Emma Myers. Que os espectadores podem reconhecer como a companheira de quarto de *Wednesday* e que no ano de intervalo entre a produção e a estreia da segunda temporada da série de fantasia entreteve o público com um produto para o *streaming* igualmente dado a renovação para mais temporadas (há vários livros de Holly Jackson na prateleira).

Avançando então para a história, adaptada por Poppy Coogan e realizada por Dolly Wells: trata-se de uma clássica aventura passada numa cidadezinha bucólica em Inglaterra onde uma rapariga bonita morreu há uns anos, tendo o seu namorado sido considerado culpado pelo crime. O que pode explicar a adesão da geração Z e quejandas é a acessibilidade das personagens centrais. Já o que pode explicar que críticos veteranos como Robert Lloyd, do *Los Angeles Times*, tenham gostado tanto da série é que há nela e no cenário onde decorre qualquer coisa de Miss Marple. De Jessica Fletcher. De Veronica Mars. De Nancy Drew. De *Os Cinco*, da saga *Uma Aventura* ou dos livros *Patrícia* que uma ou duas gerações de miúdos portugueses tanto leram.

O Homicídio Perfeito: Um Guia Para Boas Raparigas estende-se por seis episódios de cerca de 40 minutos que, pode argumentar-se, podiam ser mais. Porque se a economia é salutar nestes tempos de espaço ilimitado e tempo limitado, ficam aqui muitas pontas soltas. Não tanto no mistério, mas na forma como ele é tecido e sobretudo na maneira como certas personagens e suas histórias ficam penduradas ou mesmo só habitam as franjas deste mistério. Mas que ele é viciante, é, e Emma Myers, Zain Iqbal e Asha Banks fazem muito por isso.

Emma Myers transita de um papel secundário em *Wednesday* (cuja segunda temporada se espera...) para o de protagonista

A banda sonora é recente, a beleza da protagonista é incontornável e surge comentada em qualquer texto que se leia sobre a série (os olhos são descritos como pratos, a boca comparada à de uma estrela de cinema). O crítico Alan Sepinwall (como muitas vezes é o caso) diz a coisa certeira na *Rolling Stone*: "Não reinventa a roda, nem é a melhor versão possível do género, mas o resultado é melhor do que se pensaria."

Raparigas protagonistas, imperfeitas apesar de pseudoboazinhas, raparigas atrás das câmaras, raparigas ao computador a adaptar um livro ou a escrevê-lo. Não reinventa a roda, mas de cada vez que acontece com alguma felicidade parte-a mais um bocadinho.

DR



Outros destaques da semana

DISNEY+

OceanXplorers
Segunda-feira
Claro que esta só podia ser uma criação do realizador canadiano James Cameron, que adora mais o mundo subaquático da Terra do que o mundo de Pandora. O *OceanXplorer* é o mais avançado navio de investigação existente ao dispor do homem e consegue explorar o oceano, vigiando de muitíssimo perto os seus animais e os seus ecossistemas.

FILMIN

A Fragrância da Primeira Flor
Terça-feira
Primeira temporada da série taiwanesa de 2021 que é protagonizada por duas lésbicas: Yi-min vive sozinha com o filho mas é casada e encontra Tinting, um amor de liceu, num casamento. O seu futuro fica automaticamente em aberto.



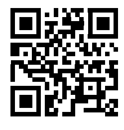
De Cor (ações)
Quinta-feira
Neste documentário de 2022, o realizador francês Benoît Jacquot debruça-se sobre as particularidades do trabalho de actor, aproveitando a circunstância de, no mesmo Festival de Avignon, encontrar Isabel Huppert a preparar *O Cerejal* de Tchékhov, com encenação do português Tiago Rodrigues, enquanto Fabrice Luchini ensaia uma leitura de textos de Nietzsche e Baudelaire.

NETFLIX

A Vida Secreta dos Orangotangos
Quarta-feira
Com narração do infatigável e inconfundível David Attenborough, este "documentário imersivo", como o publicita a Netflix, acompanha um grupo multigeracional de orangotangos nas selvas de Sumatra, na Indonésia.

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Ryuichi Sakamoto - Opus M12. 19h45; **Banel & Adama** M12. 13h25; **A Última Sessão de Freud** M12. 15h15; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h40; **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 15h35 (VP), 17h45 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 21h45; **A Ilha Vermelha** M12. 17h25; **Crossing - A Travessia** M14. 19h25; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h20; **Oh Lá Lá!** M12. 15h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h20, 17h50, 21h45; **Alien: Romulus** M16. 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h25 (VP); **Yupumá** M12. 20h20; **Sobretudo de Noite** M12. 19h30

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h45, 15h50 (VP); **Gru 4** M6. 13h35, 15h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 15h30, 19h50 (VP), 19h25, 21h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 19h10, 21h40; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h; **Oh Lá Lá!** M12. 20h; **Armadilha** M12. 21h55; **Borderlands** M12. 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h20, 19h, 21h35; **Alien: Romulus** M16. 13h10, 15h30, 19h20, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 15h40, 21h45; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h15, 15h15 (VP)

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Banel & Adama M12. 17h40; **A Ilha Vermelha** M12. 19h20; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 15h45, 21h30

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h30, 15h55, 18h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 16h15, 18h35 (VP), 20h55 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 18h55, 21h15; **Divertida-Mente 2** M6. 13h15, 15h45, 18h15 (VP), 20h45 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h50, 18h30, 21h20; **Tornados** M12. 13h45, 16h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h (2D), 18h40, 21h40 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 21h05; **Armadilha** M12. 19h15, 21h45; **Borderlands** M12. 13h50, 16h20, 18h50, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h10, 19h, 21h50; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h55, 16h25 (VP); **Alien: Romulus** M16. 13h25, 16h05, 18h45, 21h25; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h, 18h40, 21h20; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h40, 16h20 (VP)

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h10, 15h30, 17h50 (VP); **A Última Sessão de Freud** M12. 20h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h50, 16h20, 18h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h, 18h20 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 20h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h25, 16h10, 19h, 21h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h50, 19h, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h45, 16h50, 20h25; **Alien: Romulus** M16. 13h10, 15h50, 18h30, 21h10

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h20, 15h40 (VP); **Gru 4** M6. 13h50, 16h20, 18h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 15h50, 18h, 18h30 (VP), 20h50 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h50, 00h20; **Armadilha** M12. 17h50, 20h30, 23h20; **Borderlands** M12. 21h20, 24h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h40, 17h30, 21h, 00h10; **Alien: Romulus** M16. 12h40, 15h30, 18h10, 21h10 23h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h, 16h, 18h45, 21h30, 00h15; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h, 20h40, 23h40; **Alien: Romulus** M16. Sala Imax - 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h30

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
Harold e o Lápis Mágico M6. 10h50, 13h40, 16h15, 18h35 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 16h, 18h30 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h10; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h10, 16h05, 19h, 22h, 23h40; **Armadilha** M12. 18h15, 21h05; **Borderlands** M12. 13h15, 15h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h25, 16h30, 20h45, 23h45; **Alien: Romulus** M16. 13h20, 16h20, 19h05, 21h50, 23h30

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Uma Luz nas Trevas 17h30; **A Torre Sem Sombra** M12. 21h30; **Morangos Silvestres** M12. 19h30; **Depois do Ensaio** M12. 13h30; **O Ritual** M16. 15h30;

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h40, 15h50, 18h15, 21h05 (VP); **Ryuichi Sakamoto: Coda** M12. 13h55, 16h10, 18h25; **Banel & Adama** M12. 14h25, 19h30; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h25, 16h, 18h35; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 21h10; **Divertida-Mente 2** M6. 14h, 16h25, 18h45 (VP), 21h15 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h50, 21h40; **Tornados** M12. 18h30, 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h30, 16h15, 19h05, 21h55; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h30, 21h35; **A Ilha Vermelha** M12. 13h35, 18h40; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 16h40, 19h25; **Oh Lá Lá!** M12. 14h10, 16h45, 19h15, 21h25; **Armadilha** M12. 19h15, 21h35; **Borderlands** M12. 14h05, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h05, 18h55, 21h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h30, 17h (VP); **Alien: Romulus** M16. 13h45, 16h30, 19h10, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 16h20, 21h30; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 14h35, 16h55 (VP); **Mais Que Nunca** M14. 13h15, 15h55; **Stree 2** 21h

Estreias

A Torre Sem Sombra
De Zhang Lü. Com Xin Baiqing, Huang Yao, Tian Zhuangzhuang. China. 2023. 144m. Dra. M12.
Gu conhece Ouyang, uma jovem fotógrafa que luta contra o trauma de ter sido abandonada em criança, com quem inicia um relacionamento amoroso. Quando ele descobre o paradeiro do pai, de quem perdeu o rasto há mais de 40 anos, é encorajado por ela a tentar uma reaproximação.

Sobretudo de Noite
De Víctor Iriarte. Com Lola Dueñas, Ana Torrent, Manuel Egozkue , María Vázquez. FRA/ESP/POR. 2023. Drama, Negro. M12.
Na juventude, Vera deu o seu filho para adopção, passando o resto da vida a tentar recuperá-lo. Cora, que nunca conseguiu engravidar, optou por cuidar de uma criança sem família. Um dia as duas mulheres encontram-se. São ambas mães de Egoz, que está prestes a fazer 18 anos.

Alien: Romulus
De Fede Alvarez. Com Isabela Merced, Cailee Spaeny, Archie Renaux. EUA/GB. 2024. 119m. Terror, Ficção Científica. M16.
Com realização do uruguaio Fede Álvarez, este filme segue jovens colonizadores que ao explorarem uma estação espacial abandonada se deparam com perigosos seres alienígenas.

Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa
De Luis Ismael. POR. 2024. Com Jorge Neto, Luís Ismael, J. D. Duarte e João Pires. 113m. Comédia. M14.



Rato, Tone, Culatra e Bino, o mais famoso grupo de "cromos" do Norte, são obrigados a regressar às origens, que é o mesmo que dizer às casas dos pais e têm mais algumas coisas para dizer.

Gracie e Pedro - Dupla Improvável
De Kevin Donovan, Gottfried Roodt. Com Bill Nighy (Voz), Brooke Shields (Voz), Danny Trejo (Voz), Al Franken (Voz). África do Sul/CAN/EUA. 2024. 87m. Animação, Comédia. M6.
Gracie é uma cadelinha de raça pura, orgulhosa e cheia de si; Pedro é um gato auto-suficiente que, apesar de muito acarinhado, nunca chegou a deixar alguns dos seus hábitos de vadio. Os dois tinham uma relação difícil até se perderem dos donos.

Harold e o Lápis Mágico
De Carlos Saldanha. Com Zachary Levi , Zooey Deschanel. EUA. 2023. 82m. Animação. M6.
Quando uma história é escrita, as personagens ficam presas ao papel. Mas o que aconteceu a Harold foi algo bastante inusitado. Criado dentro de um livro, ele tem um lápis mágico que materializa absolutamente tudo o que é possível desenhar. Um dia, decide desenhar uma porta que o faz atravessar para o mundo real.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	—
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low-Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h20, 16h, 18h50 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 20h40, 23h; **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h20, 17h40, 20h (VP/2D), 13h40, 16h (VP/3D), 13h20, 15h50, 18h10, 20h35, 23h10 (VO); **Tornados** M12. 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h, 15h55, 18h40, 21h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h15; **Oh Lá Lá!** M12. 13h15, 15h45, 17h55, 20h30, 23h20; **Armadilha** M12. 13h30, 16h05, 18h30, 21h15, 23h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h10, 18h, 20h50, 23h35; **Alien: Romulus** M16. 12h50, 15h30, 18h10, 21h, 23h40; **Banel & Adama** M12. 18h20, 21h10, 23h25; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h50, 15h10, 17h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h20, 20h55, 23h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 18h20, 21h05, 23h45 (3D); **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h, 16h20 (VP); **Alien: Romulus** M16. Sala 4DX - 13h30, 16h, 18h40, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h55, 15h25, 18h45, 21h15, 23h45; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h10, 15h40 (VP)

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030
Harold e o Lápis Mágico M6. 15h20, 17h25 (VP); **A Última Sessão de Freud** M12. 22h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h25 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 15h40, 17h15, 18h20, 19h30, 21h45 (VP), 15h55, 17h55, 19h55, 21h55 (VO); **Tornados** M12. 19h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 17h20, 18h30, 19h15, 21h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h; **Oh Lá Lá!** M12. 15h20, 20h, 21h55; **Armadilha** M12. 22h; **Borderlands** M12. 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h45, 19h10, 17h30, 21h30; **Alien: Romulus** M16. 15h35, 18h50, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 15h15, 21h55; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h15 (VP)

UCI Cinemas - Ubbo
Estrada Nacional 249/1, Venteira.
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h10, 16h35, 18h50, 21h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 15h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h55, 16h20, 18h45, 21h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h15, 13h25, 16h10, 18h40, 19h, 21h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h, 19h10; **Armadilha** M12. 16h30, 21h35; **Borderlands** M12. 16h25, 18h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h05, 18h55, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h15 (VP); **Alien: Romulus** M16. 13h45, 16h, 16h25, 19h05, 21h30, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 18h35, 21h05; **Stree 2** 21h

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h25, 15h25, 17h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h10, 17h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 19h35; **Borderlands** M12. 19h25; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20; **Alien: Romulus** M16. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h25 (VP)

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Quinta do Infantado, Loja A003.
Harold e o Lápis Mágico M6. 12h30, 14h, 16h, 18h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h30, 14h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h50, 19h, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 12h30 (VP); **Armadilha** M12. 21h40; **Borderlands** M12. 20h, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h10, 18h50, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h20 (VP); **Alien: Romulus** M16. 14h20, 16h50, 19h20, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 17h, 19h20, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h, 15h (VP)

Lazer

FESTIVAL

Vinhos A.Gosto

TORRES VEDRAS Largo Wellington (nas traseiras da Igreja de São Pedro). De 19/8 a 30/8. Segunda a sexta, das 17h às 20h. 5€ a 8€

Torres Vedras convida para finais de tarde com sabor a Oeste. É a quinta edição da iniciativa promovida pelo município para celebrar o vinho da região, de mãos dadas com petiscos de restaurantes locais e guarnecida por animação musical. O cartão para três provas de vinho custa 5€, valor aplicado também a cada petisco. A combinação de provas, petisco e copo de vidro fica a 8€.

EXPOSIÇÃO

Hoje Soube-me a Pouco

LISBOA MAAT - Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia. De 24/4 a 26/8. Todos os dias, excepto terça, das 10h às 19h.

Últimos dias da exposição que faz eco dos 50 anos da Revolução dos Cravos sob um título emprestado por uma canção de Sérgio Godinho e cujo subtítulo, *Introversões e utopias artísticas no pós-25 de Abril*, denuncia o conteúdo: um conjunto representativo de "legados e tendências criativas que emergem depois de 1974", lê-se na folha de sala. Com curadoria de João Pinharanda e Sérgio Mah, reúne mais de 40 artistas, entre eles Ana Jotta, Gabriel Abrantes, Julião Sarmento, Susanne Themlitz, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Helena Almeida, Alberto Carneiro, Rui Chafes, Júlio Pomar, Álvaro Lapa, Paula Rego e Pedro Cabrita Reis.

VISITAS

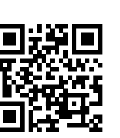
3D Fun Art Museum

PORTIMÃO Av. Guanaré 35. Todos os dias, das 10h às 19h. 9€ a 13€; grátis até quatro anos)

Um museu de diversão em 3D onde fotografar não é proibido, mas sim encorajado. Na boca de um tubarão ou na asa de um avião, a desafiar a gravidade ou a surfar uma onda, a interagir com dinossauros ou a manipular ilusões, os visitantes entram em cenários diversos (cerca de 40) e saem de lá com memórias capazes de enganar o olhar mais distraído e fotografias de inegável potencial "instagramável".

Jogos

Jogue também *online*. Palavras cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

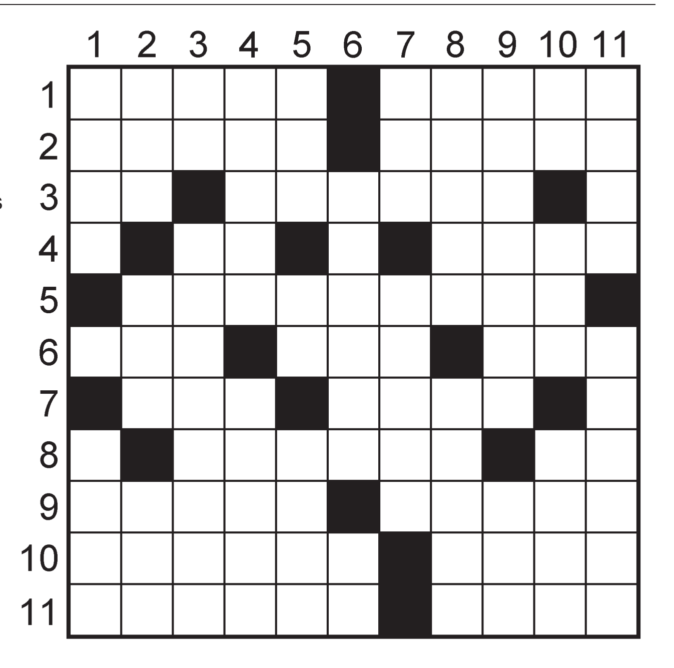


Cruzadas 12.527

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Alain (...), o actor que mais belas e teatrais mortes teve no cinema (1935-2024). Aclamado. **2.** Educanda. Saldar. **3.** Preposição que designa proveniência. Território sob jurisdição de um duque. **4.** As pontas da corda. Antigo soberano do Peru. **5.** Para combater a crise nos "media", onde a ERC sugere que haja mais jornais. **6.** Que me pertence. "Fias e teces, o (...) enriqueces". Escudeiro. **7.** Numeração romana (1101). Transmitir. **8.** Ella (...), a peculiar enteada de Kamala Harris que pode ser "a arma secreta" para a vitória. Pátria de Abraão. **9.** Pequena peça que serve para prender folhas de papel. Pequeno cabo náutico para alar ou puxar. **10.** Capital do Zimbabwe. Aprovação (fig.). **11.** Cortar em toros. Utensílio para puxar a cinza do forno.

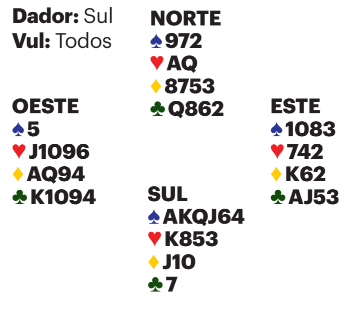
Verticais: 1. Elemento. Casa ou caixa onde se guardam géneros alimentícios. **2.** Pronome pessoal masculino. Como assim? (interj.). Latim (abrev.). **3.** Monte chinês. Rui (...), autor do romance "Morro da Pena Ventosa". **4.** Vagas. Soluçar. **5.** Embarcação grande. Plural (abrev.). Planta trepadeira da família das Araliáceas. **6.** Gerado. Érbio (s. q.). **7.** Oferta Pública de Aquisição. Capa de junco (regional). **8.** Vagabunda. Bafejar. **9.** Enjoar. Princípio (fig.). **10.** «De» + «a». Nome da letra grega correspondente ao X. Universidade de Trás-os-Montes, diz que projecto de curso de Medicina está avançado. **11.** Dólmen (regional). Fita de pano grosseiro.



Solução do problema anterior:
Horizontais: 1. Turismo. Asa. **2.** Utar. Únicos. **3.** Pt. Lhes. **4.** Oropouche. **5.** SA. Clara. Cm. **6.** Bi. Isco. **7.** Kishida. Cri. **8.** Aroma. Ul. **9.** Tais. Sabe. **10.** Literacias. **11.** Faial. Coala.
Verticais: 1. Tubos. Kit. **2.** Ut. Rabi. Ala. **3.** Raio. Is. Ill. **4.** Ir. PC. Hasta. **5.** Poluir. El. **6.** Mútua. Doer. **7.** On. Criam. AC. **8.** Ilhas. Asco. **9.** Ache. CC. Aia. **10.** Soe. Corubal. **11.** Assim. Ilesa.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com



Oeste	Norte	Este	Sul
			1♠
passo	2♠	passo	3♥
passo	4♠	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: J♥. Qual a boa linha de jogo?

Solução: Nove vazas seguras: seis espadas e três copas e manifestamente a décima deverá surgir do naipe de copas, um corte possivelmente.
Sejamos realistas, se as copas estiverem repartidas 5-2 e que o detentor do *doubleton* a copas tenha igualmente o 10 de trunfo à terceira, nada do que tente fazer irá resultar. Portanto, vamos focar-nos nas combinações que nos servem: trunfos divididos 2-2 ou quem tiver três trunfos acompanhados do 10 tenha pelo menos três cartas a copas. Primeira solução: tirar Ás, Dama de copas, duas voltas de trunfo e copa cortada. Mas um acidente pode surgir — quando tentarmos regressar a Sul para acabar de destrunfar Este, o adversário em Oeste irá ficar em mão e jogará a sua última copa para permitir a Este cortar! Um cabide... Segunda solução: Ás e Dama de copas, espada para o Ás e copa cortada e depois trunfo. Nesta linha de jogo arriscamos perder o contrato caso os trunfos estejam 2-2 e as copas 5-2. Já percebeu? A boa linha de jogo compreende um pequeno cuidado: faça o Ás de copas e jogue desde logo um pau! Depois disso já podemos seguir os passos da primeira solução mencionada lá atrás que consiste em tirar duas voltas de trunfo antes de cortar a copa, depois basta cortar um pau para aceder sem qualquer constrangimento à mão de Sul para acabar de destrunfar e apresentar as dez vazas.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
		1♣	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?

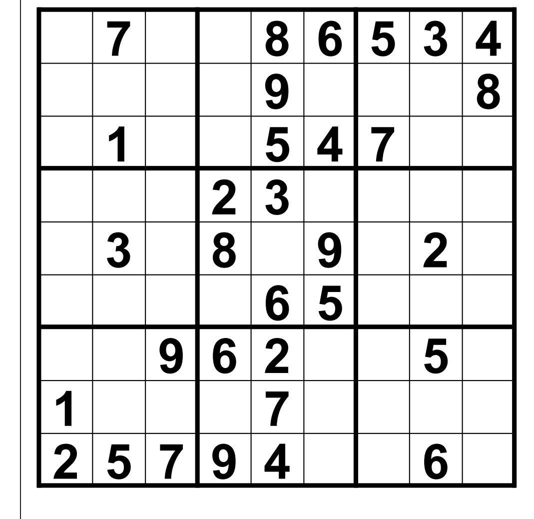
♠AQ107 ♥A864 ♦- ♣KJ1092

Resposta: Passe e aguarde pelo desenvolvimento. Possivelmente será possível dobrar mais tarde, neste momento não porque não iríamos aguentar qualquer voz em ouros por parte do parceiro. É tentador marcar 1♠, mas isso pode frustrar um possível fit em copas. E marcar paus, mesmo podendo ser natural, pode piorar ainda mais a situação, pois se o parceiro tiver apenas quatro cartas num qualquer rico, não o pode anunciar ao nível de dois por prometer cinco cartas...

Novos cursos de Bridge estão aí à porta: Setembro e Outubro novos horários e em diferentes níveis, desde o zero até aos níveis mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

Problema 12.818 (Fácil)



Solução 12.816

9	8	4	7	6	5	3	2	1
5	7	1	2	3	8	4	9	6
2	3	6	4	9	1	5	7	8
6	9	7	5	8	4	1	3	2
4	5	8	3	1	2	7	6	9
1	2	3	6	7	9	8	4	5
3	6	5	1	2	7	9	8	4
8	1	2	9	4	3	6	5	7
7	4	9	8	5	6	2	1	3

Problema 12.819 (Médio)

2			5	1		4		6
8			2			3		
		6					1	
		9					3	
			7		5			
	4					9		
	9					8		
		8			7			4
6		3		5	8			2

Solução 12.817

9	4	1	7	8	3	2	5	6
8	5	6	9	2	1	3	4	7
2	7	3	5	6	4	8	9	1
6	2	8	1	4	7	9	3	5
3	1	4	6	9	5	7	8	2
7	9	5	8	3	2	6	1	4
4	6	2	3	5	8	1	7	9
5	8	7	2	1	9	4	6	3
1	3	9	4	7	6	5	2	8

P2 Verão

CINEMA

Cá Por Casa Tudo Bem
RTP2, 22h55
Uma família italiana igual a tantas outras reencontra-se para celebrar as bodas de ouro de Alma e Pietro, os patriarcas. O evento decorre em Ischia, a pequena ilha onde o casal de idosos vive há já várias décadas. Tudo corre bem até surgir uma tempestade que força as autoridades a cancelar todos os *ferries* que partem da ilha. Isso obriga os convidados a prolongar a estadia até passar o temporal. O que poderia ser um agradável alongar das festividades acaba por se transformar num pesadelo, trazendo à tona ressentimentos de toda a espécie e dando origem às mais inesperadas discussões... Com realização do italiano Gabriele Muccino (*Lembra-te de Mim*, *Em Busca da Felicidade*, *Sete Vidas*, *Fintar o Amor*), segundo um argumento seu e de Paolo Costella (*Amigos Amigos*, *Telemóveis à Parte*), uma comédia de costumes que se tornou um enorme êxito no seu país de origem. Os actores Stefano Accorsi, Carolina Crescentini, Elena Cucci, Tea Falco, Pierfrancesco Favino, Gianmarco Tognazzi e Claudia Gerini, entre outros, dão vida às personagens.

SÉRIES

Chesapeake Shores
AXN White, 22h15
Estreia da sexta temporada. Regressa o drama familiar de John Tinker e Nancey Silvers baseado nos *best-sellers* de Sherryl Woods e protagonizado pela actriz Meghan Ory. O ponto de partida é o regresso de uma mulher – bem-sucedida na carreira, divorciada e mãe de gémeas – à sua pequena cidade natal, com todos os questionamentos (e regressos ao passado) que essa mudança desencadeia.

The Ark
Syfy, 22h15
Daqui a 100 anos, com a Terra já completamente devastada, há uma nave especial, a *Ark One*, que está a transportar seres humanos para colonizarem o planeta Proxima Centauri b. Só que, a meio do caminho, há um desastre terrível e morre muita gente, incluindo quase todos os responsáveis técnicos da aeronave e todos os dirigentes. Há, porém, sobreviventes que terão de se organizar para chegar ao destino prometido. É esta a premissa desta série original do Syfy de ficção científica e mistério criada por Dean Devlin e Jonathan Glassner. Reposição da primeira época.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 17

		% Aud.	Share
Primeiro Jornal	SIC	7,1	20,4
Jornal da Noite	SIC	6,9	16,9
Congela	TVI	6,8	17,1
A Sentença	TVI	6,1	19,5
O Nosso Mundo	SIC	6,0	19,6

FONTE: CAEM

RTP1	8,8%
RTP2	0,5
SIC	13,3
TVI	13,0
Cabo	45,2

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte — Lotaria Clássica **1430** Amor Sem Igual **15.30** A Nossa Tarde **16.00** Ciclismo: Volta a Espanha **16.30** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.06** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.00 Salto de Fé

21.45 Joker

22.45 Taskmaster

0.30 Condor

2.15 Amor Sem Igual

RTP2

6.10 País de Gales — Terra Selvagem **7.00** Espaço Zig Zag **13.00** E2 — Escola Superior de Comunicação Social **13.30** A Conversa dos Outros — São José **14.00** Folha de Sala **14.05** As Caminhantes **15.01** A Fé dos Homens **15.30** 90 Anos de Golfe na Madeira **16.00** Os Pequenos Habitantes da Costa **16.57** Espaço Zig Zag **20.35** Heróis de Verde

21.30 Jornal 2
22.00 O Veterinário de Província
22.49 Folha de Sala

22.55
Cá Por Casa Tudo Bem



0.40 Sangue em Viena **1.25** Quando o Diabo Reza **2.20** Esec TV **2.50** Prova Oral **4.10** Ana e Maurizio **5.10** Os Segredos da Big Data

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.10** Júlia **18.40** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

0.00 Nazaré

0.40 Travessia **1.20** Passadeira Vermelha **3.05** Terra Brava

TVI

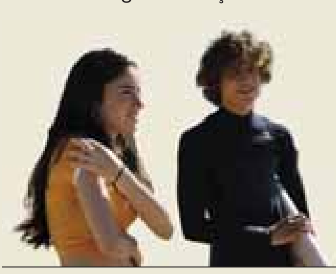
6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI — Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.30** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.15 Dilema

21.55 Cacau

22.50 Morangos com Açúcar



23.55 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião **2.15** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

16.05 Marlowe: O Caso da Loira Misteriosa **17.50** Tubarão: O Demónio Negro **19.35** Creed III **21.30** O Gato das Botas: O Último Desejo **23.10** The Forgiven (2020) **1.05** A Bala de Deus **3.05** Rastejantes (2022)

STAR MOVIES

17.55 Supremacia **19.33** Ultimato **21.15** Dívidas de Sangue **22.42** Rebeldes de Bairro 3 **0.09** Striptease **1.55** Jogos de Prazer **4.16** Vício Intrínseco

HOLLYWOOD

15.40 Phantom — Submarino-Fantasma **17.20** A Origem **19.45** Fogo Cerrado **21.30** Mechanic: Assassino Profissional **23.10** Assalto ao Arranha-Céus **1.25** O Ritual **3.20** Um Traidor dos Nossos

AXN

17.42 The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.54** Ataque ao Poder **1.09** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas

STAR CHANNEL

16.47 Mundo Jurássico **19.02** Mundo Jurássico: Reino Caído **21.20** Mundo Jurássico: Domínio **0.05** Birds of Prey (e a Fantabulástica Emancipação de uma Harley Quinn) **1.57** FBI: International

DISNEY CHANNEL

17.15 Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY

16.24 Mestres do Restauro **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** No Centro da Polémica **21.57** Aventura à Flor da Pele XL **1.22** No Centro da Polémica

HISTÓRIA

16.30 O Código de Deus **17.53** A Guerra Mundial: 1914-1945 **19.32** As Drogas da Alemanha Nazi **20.32** Tácticas de Guerra **22.15** As Serviçais de Hitler **23.49** O Código de Deus

ODISSEIA

16.01 Planeta Predador **16.50** Planeta Terra **18.33** Clima Letal **20.14** A Antárctida Desde o Ar

DOCUMENTÁRIOS

Chimp Crazy
Max, *streaming*
Estreia. Tonia Haddix, que se refere a ela própria como "a Dolly Parton dos chimpanzés", é uma ex-enfermeira que se tornou intermediária do comércio de animais exóticos, passando os dias a cuidar deles. Era a cuidadora de *Tonka*, um famoso chimpanzé que apareceu em filmes de Hollywood e que ela, falsamente, declarou ter morrido em 2021. Esta história é contada nesta série documental de quatro episódios com o selo da HBO, realizada por Eric Goode, o dono de discotecas e restaurantes tornado conservacionista da natureza que deu ao mundo *Tiger King* em 2020.

CULINÁRIA

Volta a Portugal em Sabores
24Kitchen, 17h15
O 24Kitchen dedica a tarde aos sabores de Entre Douro e Minho, com vários episódios dedicados às regiões, para arrancar maratonas que continuam até dia 30 e versarão, nos próximos dias, sobre Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Interior, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alentejo, Algarve, Madeira e Açores.

DESPORTO

Volta a Espanha
Eurosport, 13h30
Directo. O último troço da 79.ª Volta a Espanha a passar por Portugal, algo que só tinha acontecido uma vez antes, em 1997, vai de Lousã até Castelo Branco. São 191,5 quilómetros. Passa em directo na Eurosport e, em *streaming*, na Max, e às 16h, na RTP1, é mostrada parte da etapa.

INFANTIL

A Rua CoComelon: O Musical
Netflix, *streaming*
Estreia. Episódio especial desta série animada em 3D que se especializa em canções infantis e foca crianças, adultos e animais no dia-a-dia. Segue-se à décima temporada, que se estreou em Março.

Campeões: Oliver e Benji
Panda Kids, 19h
Em 1981, Yoichi Takahashi criou uma *manga* sobre futebol que em 1983 deu origem a um *anime* que, aquando da primeira exibição em Portugal, era conhecido como *Capitão Falcão*. Há uns tempos passou a chamar-se *Campeões: Oliver e Benji*.

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 16º 25º
Bragança 14º 33º
Braga 14º 32º
Vila Real 13º 32º
Porto 14º 26º
16º 1,8m
Aveiro 14º 26º
Viseu 13º 34º
Guarda 15º 34º
Coimbra 14º 28º
Castelo Branco 19º 37º
Leiria 18º 24º
Santarém 19º 34º
Portalegre 17º 35º
Lisboa 19º 29º
Setúbal 19º 31º
Évora 17º 36º
Sines 18º 24º
Beja 16º 36º
17º 1,5m
Sagres 18º 21º
Faro 22º 32º
21º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 23º 28º
27º 1,0m
Graciosa
São Jorge
Terceira 22º 28º
27º 1,0m
Faial
Pico
São Miguel
Ponta Delgada 22º 27º
26º 1,0m
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 22º 26º
24º 2,2m
Madeira
Funchal 23º 27º
24º 1,0m

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 08h37	0,9	08h13	1,0	08h08	0,9
Preia-mar 14h50	3,4	14h26	3,4	14h33	3,3
Baixa-mar 21h09	0,6	20h45	0,7	20h41	0,6
Preia-mar 03h19*	3,2	02h55*	3,3	02h58*	3,2

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

Terça-feira, 20	Quarta-feira, 21	Quinta-feira, 22
18º 29º	18º 28º	17º 26º
Índice UV M. alto	Índice UV M. alto	Índice UV M. alto
Vento Moderado	Vento Fraco	Vento Moderado
Humidade 66%	Humidade 59%	Humidade 60%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 11 Ago.	422,42
Há um ano	419,03
Há dez anos	397,33
Semana de 4 Ago.	424,18
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto · Coimbra · Lisboa · Évora · Faro

SOL

Nascente 06h54
Poente 20h25

LUA

19 Ago. 19h26
26 Ago. 10h28
3 Set. 02h55
11 Set. 07h06

Nascente 20h38
Poente 07h29*
*de amanhã

EUROPA

Oslo · Estocolmo · Helsínquia · Talin · Riga · Copenhaga · Vilnius · Dublin · Londres · Amesterdão · Berlim · Varsóvia · Bruxelas · Praga · Paris · Viena · Budapeste · Genebra · Milão · Roma · Istambul · Lisboa · Madrid · Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.		Min.	Máx.
Amesterdão	16	24	Roma	19	30
Atenas	25	33	Viena	19	26
Berlim	14	24	Bissau	25	29
Bruxelas	15	24	Buenos Aires	7	14
Bucareste	20	38	Cairo	25	37
Budapeste	22	34	Caracas	19	30
Copenhaga	13	20	Cid. do Cabo	9	18
Dublin	11	19	Cid. do México	13	24
Estocolmo	13	23	Díli	22	32
Frankfurt	15	25	Hong Kong	25	29
Genebra	14	25	Jerusalém	21	34
Istambul	20	31	Los Angeles	20	33
Kiev	21	36	Luanda	20	26
Londres	17	23	Nova Deli	26	34
Madrid	21	35	Nova Iorque	18	28
Milão	21	29	Pequim	23	29
Moscovo	18	29	Praia	24	31
Oslo	13	21	Rio de Janeiro	19	32
Paris	15	25	Riga	12	21
Praga	15	20	Singapura	25	31

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

BARTOON LUÍS AFONSO









Numa noite de nevoeiro, 400 marroquinos atiraram-se ao mar para chegar a Ceuta

Leonete Botelho

Na última semana, uma nova vaga de "nadadores", na maioria adolescentes e crianças, chegou às praias do enclave

Ceuta está a braços este mês de Agosto com uma nova pressão migratória de "nadadores", na sua maioria adolescentes e crianças, que se lançam ao mar procurando contornar o quebra-mar do Tarajal e atingir as praias do enclave espanhol. Na madrugada de quinta para sexta-feira, o nevoeiro foi o disfarce perfeito para cerca de 400 pessoas tentarem iludir a vigilância nas praias marroquinas e conseguirem chegar ao seu destino.

Durante toda a noite, testemunhou-se uma azáfama dos dois lados da fronteira, relatada pelo jornal *El Faro de Ceuta*: "A Guarda Civil mobilizou todas as suas tropas, enquanto a Marrocos chegaram reforços em quantidade para tentar blindar a fuga em direcção a Ceuta. Enquanto as unidades marroquinas eram destacadas, as pessoas saltavam ao mar e outros cidadãos observavam da orla marítima, espantados com a situação."

Enquanto do lado marroquino se tentava conter as partidas, do lado de Ceuta procurava-se salvar quem chegava: "As corujas alertando sobre as pessoas na água, as patrulhas costeiras recolhendo pessoas exaustas na praia, os cidadãos vindo ajudar com roupas para aquecer quem chegava... E a todos eles se juntou o Serviço Marítimo, que voltou a recolher um grande número de pessoas no mar para depois as trazer para os bancos de areia junto ao quebra-mar para o seu regresso a Marrocos", relata o mesmo jornal.

JON NAZCA/REUTERS



Jovens marroquinos tentam chegar a Ceuta a nado (foto de arquivo)

Desde o início de Agosto, cerca de centena e meia de pessoas, em média, têm sido identificadas por noite nos postos policiais de Ceuta, segundo o *El País*, mas há dias em que esse número ascende a mais de 350, como no domingo da semana passada e na madrugada de sexta-feira. Na sua maioria são menores, já que os adultos são de imediato reconduzidos ao outro lado da fronteira.

A situação intensificou-se na última semana de tal forma que, na quinta-feira, mesmo antes da atribulada noite de nevoeiro, o executivo local reuniu-se para analisar o pico histórico de acolhimento de menores e lançou um pedido de ajuda ao Governo espanhol e às comunidades autónomas para articular mecanismos que permitam a transferência desses adolescentes para outros pontos do país.

Um pedido bem recebido pela ministra espanhola da Juventude e da Criança, Sira Rego, que terá dito ao autarca de Ceuta estar a acompanhar "ao detalhe" a situação e que a preocupação é "partilhada", segundo o *El Faro de Ceuta*. No entanto, uma transferência de menores para a península já foi tentada em Julho no Congresso, mas falhou devido à rejeição do PP, Vox e Junts à reforma da lei de imigração.

As autoridades estimam que o número de migrantes a chegar a Ceuta por via terrestre (que inclui quem chega a nado) aumentou 173% face ao ano passado e já soma mais de 1600 pessoas, segundo o *El País*. Está ao nível de 2019, embora não tenha atingido o pico de 2021, altura em que se registou a entrada maciça de mais de 10 mil pessoas.

Neste momento, mais de 400 menores marroquinos estão alojados em centros de acolhimento regional, muito acima da capacidade instalada. O assessor da presidência e governação de Ceuta, Alberto Gaitán, afirmou ao *El Mundo* que, desde Fevereiro, continuam a entrar menores a um ritmo elevado. "Temos 18 quilómetros quadrados e não é possível encontrar novos espaços para acomodá-los decentemente. É uma verdadeira emergência humanitária e apelamos ao Governo e ao Estado como um todo para aliviar a situação."

A autoridade de menores de Ceuta detectou uma alteração no perfil dos que chegam ao enclave. Se antes da crise migratória de 2021 chegavam muitas crianças que viviam nas ruas, agora vêm de famílias normalizadas. "Desses 400, não há nenhum que esteja detido num centro" por ter cometido alguma infracção, diz uma fonte oficial ao *El País*, sinalizando que os migrantes têm bom comportamento e não causam problemas. Muitos deles têm conhecidos em Ceuta.

Muitos outros menores perdem a vida na tentativa de nadar até Ceuta, e o nevoeiro, se é um disfarce para se atirar ao mar, é também uma armadilha, tal como as correntes nas águas da baía sul de Ceuta. Na última quarta-feira, um jovem vestido com roupa de neoprene e barbatanas apareceu a boiar no Poço San Felipe. E no *El Faro de Ceuta* multiplicam-se as fotografias de jovens desaparecidos no mar.